

REVISTA DA SEMANA

N.º 39

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL



28 - 9 - 46





JOCKEY CLUB MUNDANO

Agora que o verão vem aí, maior é ainda a frequência às corridas dominicais do Jockey Club Brasileiro, cujo hipódromo acomoda uma multidão de aficionados do "turi" que entusiasticamente acompanha os lances emocionantes das notáveis carreiras.

As fotos que aqui reproduzimos fixam aspectos do último "meeting" realizado no Prado da Gávea.





O presidente da Assembléa Constituinte Nacional, senador Melo Viana, quando assinava a nova Carta Magna.

O BRASIL DE NOVO SOB O REGIME DA LEI

COM A PROMULGAÇÃO DA NOVA CARTA CONSTITUCIONAL, A 18 DE SETEMBRO, ENCERROU-SE O PERÍODO DITATORIAL INICIADO A 10 DE NOVEMBRO DE 1937.

COM a promulgação da nova Carta Constitucional, a 18 do corrente, entrou o Brasil numa nova etapa de sua vida, sob o regime da lei. Cessaram, naquela ocasião, os últimos resquícios de vida da carta de 10 de novembro de 1937, que inaugurou no nosso país um regime caracteristicamente fascista, contrário às tradições políticas e aos desejos do povo brasileiro. A sessão magna da Assembléa Constituinte Nacional, em que foi promulgada a nova lei básica, constituiu um acontecimento da mais alta expressão cívica e permanecerá para sempre na memória de quantos o assistiram. A vibração das galerias e do próprio plenário era eletrizante. Deputados e senadores, especialmente aqueles que mais se haviam batido e lutado pela restauração democrática, enfrentando prisões, exílio e outras perseguições de natureza política, não podiam esconder a grande emoção de que eram possuídos. Foi sob repetidas e prolongadas salvas de palmas que os constituintes de 1946, — autores da Carta Constitucional em vigor e por todos proclamada a mais liberal e avançada que tivemos, no capítulo dos direitos individuais

e da organização econômica, — se adiantaram, por ocasião da chamada, para pôr suas assinaturas no histórico documento que passou a reger a vida nacional. Lenços brancos, símbolos da campanha democrática que agitou salutarmente o Brasil, depois de vários anos de completa estagnação das atividades políticas, foram agitados no próprio plenário, por numerosos representantes do povo, que respondiam, assim, às manifestações de entusiasmo cívico das galerias. O interesse popular pelo grande acontecimento se traduziu por uma formidável massa de curiosos, que se aglomerou em frente ao Palácio Tiradentes e ao redor da estátua do proto-mártir, apóstolo da liberdade e da democracia.

★

O discurso que o senador Melo Viana, presidente da Assembléa Constituinte Nacional, proferiu na ocasião, desencadeou verdadeiras tempestades de aplausos, a ponto de interromper prolongadamente a magistral oração. Esse discurso foi um hino à democracia e uma condenação

veemente ao ditatorialismo, de que a nação acaba de emergir. O ilustre homem público traduziu, naquele instante, o sentimento de todo o povo brasileiro, o júbilo de todos os cidadãos pelo grande acontecimento histórico. As palavras que o senador Melo Viana proferiu foram idênticas, em essência, conquanto diferentes na forma, às que o presidente da República general Eurico Gaspar Dutra, proferiu momentos mais tarde, no Palácio do Catete, ao receber os representantes do povo. O chefe do governo exprimiu sua satisfação pelo retorno do país à normalidade constitucional e declarou esperar a colaboração ativa de todas as correntes políticas democráticas, para que o governo possa enfrentar os graves problemas da hora que passa.

★

Antes de se dissolver, para se desdobrar em duas casas legislativas distintas, a Câmara e o Senado, a Assembléa Constituinte Nacional elegeu o vice-presidente da República e votou o subsídio e a representação tanto do presi-



Da esquerda para a direita — O senador Nereu Ramos, líder da maioria, no momento em que assinava. Posteriormente, foi ele eleito vice-presidente da República, em renhido pleito. O deputado Otávio Mangabeira (com onze anos de prisões e de exílio, por devoção à causa da democracia), quando assinava a nova Constituição. O líder comunista, senador Luis Carlos Prestes (que saiu da prisão para a Constituinte), quando assinava a nova lei básica.

dente como do seu substituto eventual. O presidente da República receberá cinquenta e cinco mil cruzeiros por mês e o vice-presidente, que será, ao mesmo tempo, o presidente do Senado Federal, receberá trinta mil cruzeiros. A eleição para a vice-presidência foi disputadíssima. O Partido Social Democrático, de início, acenou ao presidente da Assembleia Constituinte, senador Melo Viana, com a hipótese de sua eleição. Entretanto, numa manobra de última hora, o nome do ex-vice-presidente do governo do sr. Washington Luis foi queimado em favor do sr. Nereu Ramos, que vinha exercendo o cargo de líder da maioria. A União Democrática Nacional apresentou, então, um can-

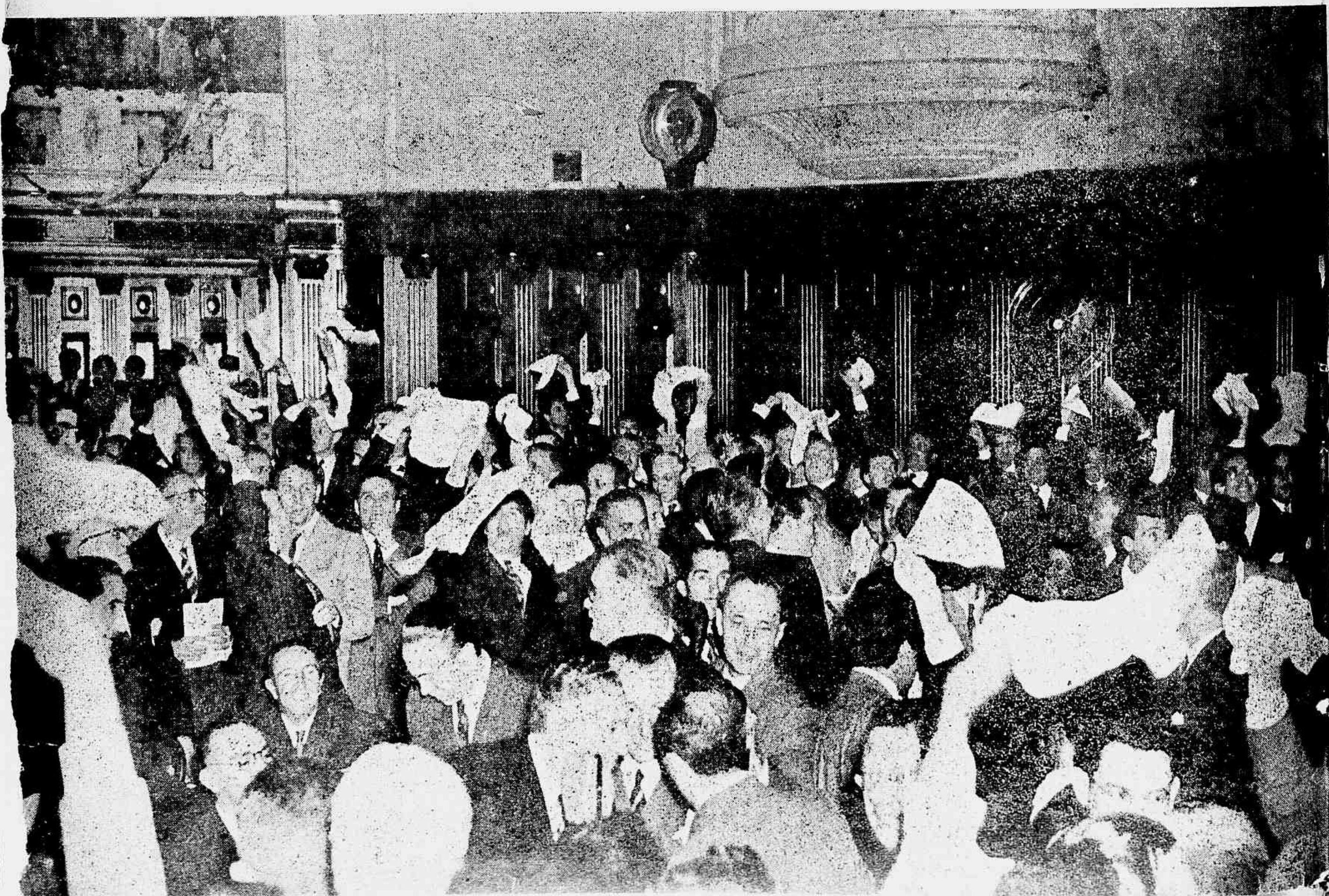
didato seu, o ilustre sr. José Américo de Almeida, que, com sua corajosa e histórica entrevista ao "Correio da Manhã", rompera o dique que a ditadura antepunha ao anseio de redemocratização. Embora sabendo que sua candidatura não poderia vingar, o sr. José Américo de Almeida aceitou-a, para o efeito de um "test" de natureza política. E essa candidatura aglutinou não só as forças da União Democrática Nacional, como as do PR, Esquerda Democrática, Partido Progressista Democrático e do próprio Partido Comunista, que não apresentou candidato seu. Houve uma nota patética, nas eleições para a vice-presidência: o comparecimento de todos os deputados e senadores,

à exceção de um único. Compareceram dois udenistas, em macas, por não poderem se locomover, em consequência de acidentes sofridos. E um outro, que estivera acamado com tifo, mas que já fora declarado fora de perigo, também lá surgiu, pálido e enfraquecido, para dar o seu voto. Ausente: o senador Getúlio Vargas, hospede do Catete e do Guanabara até 29 de outubro de 1945.

★

Temos, agora, uma Constituição. Cessou o regime do arbítrio e passou a imperar o da lei. O presidente da República anuncia que não pretende interferir nas lutas políticas que se travarem no país, nem influir no resultado

Um aspecto do recinto, quando eram agitados os lenços brancos simbólicos...





Ao alto: A mesa que presidiu a sessão histórica da Assembléia Constituinte Nacional, vendo-se ao lado do seu presidente, senador Melo Viana, o presidente da Suprema Corte, ministro José Linhares, e o arcebispo do Rio de Janeiro, cardinal D. Jaime de Barros Câmara. Em baixo, um aspecto do recinto da Palácio Tiradentes, por ocasião do ato histórico de 18 de setembro, data da primeira vitória das forças brasileiras na tália.

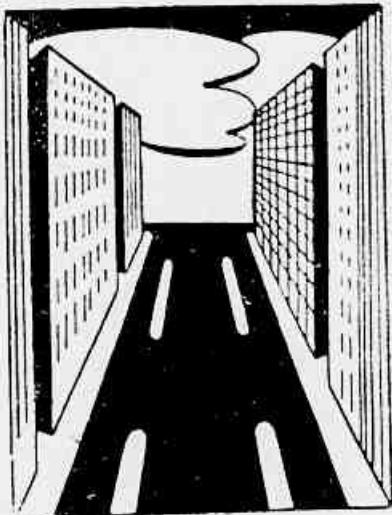
dos pleitos, colocando o poder público a serviço desta ou daquela facção. Quer agir como um magistrado. E é esse, na verdade, o seu dever, ao qual faltaria se, como presidente, quisesse servir a um dos partidos, em prejuízo das outras correntes. O Brasil está no bom caminho. A democracia, pela qual os nossos soldados derramaram seu sangue nos campos de batalha da Europa, foi de novo implantada. A todos cumpre respeitar e acatar a nova Constituição Brasileira. Essa Constituição assegura os direitos do indivíduo e da coletividade. Abre o caminho das reivindicações pacíficas, através do voto e dos movimentos de opinião. Saibamos ser dignos de nós mesmos e da liberdade de que hoje gozamos, não pelo favor dos governantes, mas por natural decorrência da nova Constituição. Façamos tudo para preservá-la. Defendemo-la e respeitemo-la, afim de que não seja maculada, rasgada ou conspurcada pelos violadores das liberdades públicas e pelos inimigos dos direitos do povo.

O presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, faz o seu discurso aos constituintes, prometendo manter e respeitar a Constituição e a governar com a elaboração ativa de todas as correntes democráticas.



A SEMANA EM REVISTA

AVENIDA 18 DE SETEMBRO...



Os homens, sobretudo os vaidosos, não perdem todos os hábitos da infância, mesmo quando investidos de funções elevadas na vida pública e em outros campos de atividade. Conservam lá uma coisa ou outra que faz lembrar o antigo menino que se deixa enganar por um doce quando queria era dar um passeio e que permitia cortarem-lhe as unhas, desde que o irmão o deixasse passear no velocípede.

As honrarias superficiais encantam certos homens como se fossem mulheres do oriente. A certos homens de governo, um viva em praça pública, um elogio de jornal, um nome na placa de uma rua valem às vezes (infelizmente as mais das vezes) muito mais do que a certeza (ou a suposição) de ter prestado um serviço ao seu povo.

Houve nesta terra castigada pelo sol, pela falta d'água, pela febre tifo e pelo câmbio negro, houve nesta terra, durante quinze anos, uma ditadura que nunca fez questão de reserva no que respeitava à vaidade dos homens que sustentavam a rédea (e o bido e o chizote...) do governo.

Tudo o que se fazia era à moda do Ditador. Sorriso, ventre, discursos, timbre de voz, tudo dava a impressão de ser moldado numa forma única. Não que o povo gostasse disso. Mas é que havia processos de coação para

que o nome do Ditador, os gestos do Ditador, a filosofia do Ditador, aparecesse em tudo, como modelo, como pai espiritual, como generosa fonte de inspiração.

E entre outras coisas, fez-se uma avenida enorme e larguíssima que custou a demolição de centenas de casas, desalojando milhares de pessoas. Pois bem. Muito antes de estar pronta a via pública (que até hoje não está terminada) já se lhe haviam posto as placas. Também trazia o nome do Ditador. Que querem? O homem tinha prestígio de fato... Quando havia dúvidas a respeito, uma repartição que gastava milhões para consagrar o sorriso do Chefe, impingia os seus retratos por tudo o que era de boteco e no dia seguinte, na zona neutra ou de delinção política não manifesta, o ditador aparecia como um santo entronizado em cada parede, rindo à beça.

Pura criança. O homem caiu, de uma hora para outra e tudo o que ele havia feito para lhe consagrar a memória "ad immortalitatem" murchou, amarelou, enroscou-se, empalideceu como um cromo de folhinha que se substitui de ano para ano...

E nesse roldão, parece que vai também o nome que "mandaram" botar na enorme avenida. Um deputado pessedista sugeriu que se mudasse a denominação para 18 de Setembro, consagrando um acontecimento mais importante para a vida nacional, qual seja a promulgação de uma nova constituição.

E a criança? Quem lhe dará outro brinquedo para consolá-la dessa desventura?

A SÉDE DA CONSCIÊNCIA



Uma notícia um pouco atrasada que nos ficou no caderno de notas diz que o dr. Walter E. Dandy, cirurgião norte-americano especialista em cérebros, acaba de descobrir a sede da consciência. Fica localizada, segundo as suas pesquisas, no "corpus striatum", no centro da cavidade craneana.

O dr. Walter fez experiências durante 15 anos e todos os resultados reforçam a teoria de que a consciência está comodamente instalada na parte anterior do centro cerebral, em nível paralelo aos olhos e ao ápice das orelhas.

Por fim, assegura (e isto é particularmente importante) que a perda da consciência é uma das consequências da lesão do "corpus striatum".

Se é "dandy" o dr. Walter (como dizia o nosso fotógrafo que não perde oportunidade para um trocadilho bom ou ruim) não sabemos. Mas a verdade é

que deve ser um cirurgião de crânio, para remexer, assim, com familiaridade os arcanos da nossa consciência.

Todavia, por amor à verdade, devemos fazer constar que a descoberta do dr. Walter é suscetível de controvérsia.

Diz-se, por exemplo, que os magnatas do câmbio negro têm a consciência na carteira de notas do banco e que as mulheres a têm em outros lugares mais discretos ainda... (Não ruborize, leitor. No "trocador", por exemplo...)

Outros afirmam, ainda, sem a menor sombra de dúvida que os comerciantes de um modo geral não têm consciência. E esta teoria é particularmente presada pelas donas de casa, na hora de pagar a conta do armazém.

Em todo caso, abrem-se perspectivas com a descoberta do dr. Walter E. Dandy, para uma investigação mais acurada em torno da localização da consciência de certos profissionais, como os agiotes.

A grande dificuldade da empresa é achar um homem de consciência a quem se deva confiar a investigação. Só chamando o próprio descobridor. Mas que dia-bo... É "dandy"... E um "dandy" será um homem com ciência?...

HENRY WALLACE



A perda das situações políticas é o melhor "test" para verificação do prestígio dos homens. O gozo de certos privilégios oficiais em geral desnatura, mascara, compromete o prestígio pessoal de um estadista. Mas quando um político de projeção se vê, do dia para a noite, despojado da sua condição de ministro de Estado, de diplomata ou de outra qualquer investidura oficial de relevo, põe-se a descoberto para uma revisão do seu prestígio. Se resistir a essa prova, é certo que não se tratava de um mero abrigo oficial. O homem é mesmo do povo.

Foi o que sucedeu com Wallace, Henry Wallace, secretário de Estado, auxiliar de toda confiança, confidente e conselheiro do grande Roosevelt e até poucos dias membro do governo de Truman, é um autêntico democrata, um estadista de elite, não considerado o termo como sinônimo de torre de marfim, mas como indicativo da sua atuação decisiva na solução dos problemas intrincados de uma democracia capitalista lutando na guerra ao lado de um Estado socialista.

Agora, pareceu a Wallace, a ele e a muitos outros, que houvera um desvio de rota na política exterior dos Estados Unidos. Da sua experiência e da sua

formação eminentemente democrática, achou que a atitude dos Estados Unidos na Conferência de Paris era comprometida para a paz que se está construindo no Luxemburgo. E deu o grito de alarme. Não o grito sensacional das manchetes de vespertino mas analisando friamente a situação das pedras no tabuleiro do xadrez internacional e constatando a agressividade de certos peões, as investidas em estado latente de terras alertas sobre o campo fronteiriço.

E bradou, sem protocolos. Que lhe importava se estava contrariando a linha política adotada em Paris? Estaria de acordo com James Byrnes, o orientador da política externa? Nada disso. Mas o que lhe importava era que lhe parecia estar dizendo a verdade e ele não é dos homens que estimam a verdade segundo as conveniências.

O resultado, que não lhe deve ter sido surpresa, foi a bomba que todos viram explodir. De uma hora para outra, o telefone internacional ficou monopolizado por Truman de um lado e Byrnes do outro. No fim de contas, o presidente pediu a Wallace que renunciasse. E ele o fez, depois de uma ruidosa campanha publicitária que ecoou pelos quatro cantos do mundo.

Mas, fora da Secretaria do Comércio, fora da cordão de homem de governo, continua com o seu prestígio de democrata sincero inabalável, cada vez mais aureolado pelo calor das simpatias populares. A que mais pode aspirar um homem público?

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 39 : 28-9-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1920, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Distribuição: em S. Paulo: Rua Capitão Salomão, 67 — Tel. 4-1566
Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JÚNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

O golpe de Estado de 1832 (Escragnolle Doria)	22
À conquista dos mundos (Berilo Neves)	29

REPORTAGENS:

O Brasil de novo sob o regime da lei "A vida aqui é um inferno" (Adhemar Nóbrega)	3/4/5
O cinquentenário da Academia Brasileira de Letras (R. Magalhães Júnior)	32/35

SECÇÕES:

A SEMANA EM REVISTA	6
Livros Novos (João Luso)	48/49
Teatro ("Perfidia")	16/18
Música (Rigoletto no Municipal), através das impressões de Roberto Lyra Filho)	20/21
A "REVISTA" em Hollywood	22/27
Gente de rádio (Armando Migueis)	28

MODAS

Nos bastidores femininos (Kitty)	27
Chapéus	38/39
Para a noite	40/41
Está em moda o azul Marinho	42
"Maillots"	43
Modelos franceses para o verão	44/45
4 lindos modelos para a primavera	46/47

CONTOS:

"O adereço" (Guy de Maupassant)	19
"A canha que ele não bebeu" (Thereza Almeida)	15

ATUALIDADES:

Os novos de Milão	30/31
Figuras e fatos	14



NOSSA CAPA

Barbara Hale é uma das mais jovens e encantadoras artistas da RKO Radio. Noiva de Bill Williams, Barbara Hale, que é, além de atriz, uma aficionada do atletismo, está em pleno fastígio em Hollywood, depois de ter filmado com grande brilho o papel central de "A likely story".

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

AMPLIANDO O ALCANCE DA NOSSA INICIATIVA

O êxito do Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA tem sido tão grande que resolvemos, desde agora, ampliar ainda mais o alcance dessa iniciativa, que está despertando tão vivo interesse entre os nossos leitores. Através desse concurso, pode REVISTA DA SEMANA não só focalizar costumes, aspectos, cenas e tipos das diversas regiões brasileiras, como ainda caminhar para a formação de um corpo de brilhantes colaboradores, capazes de suprir de bons contos as necessidades desta publicação. Assim, quando tivermos contos suficientemente bons, com abundância, passaremos a publicar, não um único conto brasileiro premiado em nosso concurso, mas dois ou mais, de sorte a favorecer não apenas cinquenta e dois, mas mais de cem concorrentes por ano. Desde agora, o nosso concurso está permanentemente aberto aos nossos leitores, sem os prazos trimestrais que antes vinham sendo observados. Os bons contos, enviados em qualquer data, poderão ser publicados nas nossas colunas, recebendo os seus autores o prêmio de Cr\$ 100,00, instituído pela REVISTA DA SEMANA a título de estímulo aos novos valores literários que vão surgindo através do Brasil.

A postos, concorrentes! Novas e ainda melhores oportunidades aguardam aqueles que resolverem confiar ao papel os frutos da sua experiência pessoal ou as criações de sua fantasia, sob a forma de contos. Toda a correspondência para este concurso deve ser dirigida, de agora por diante, ao nosso diretor-secretário, R. Magalhães Júnior.

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

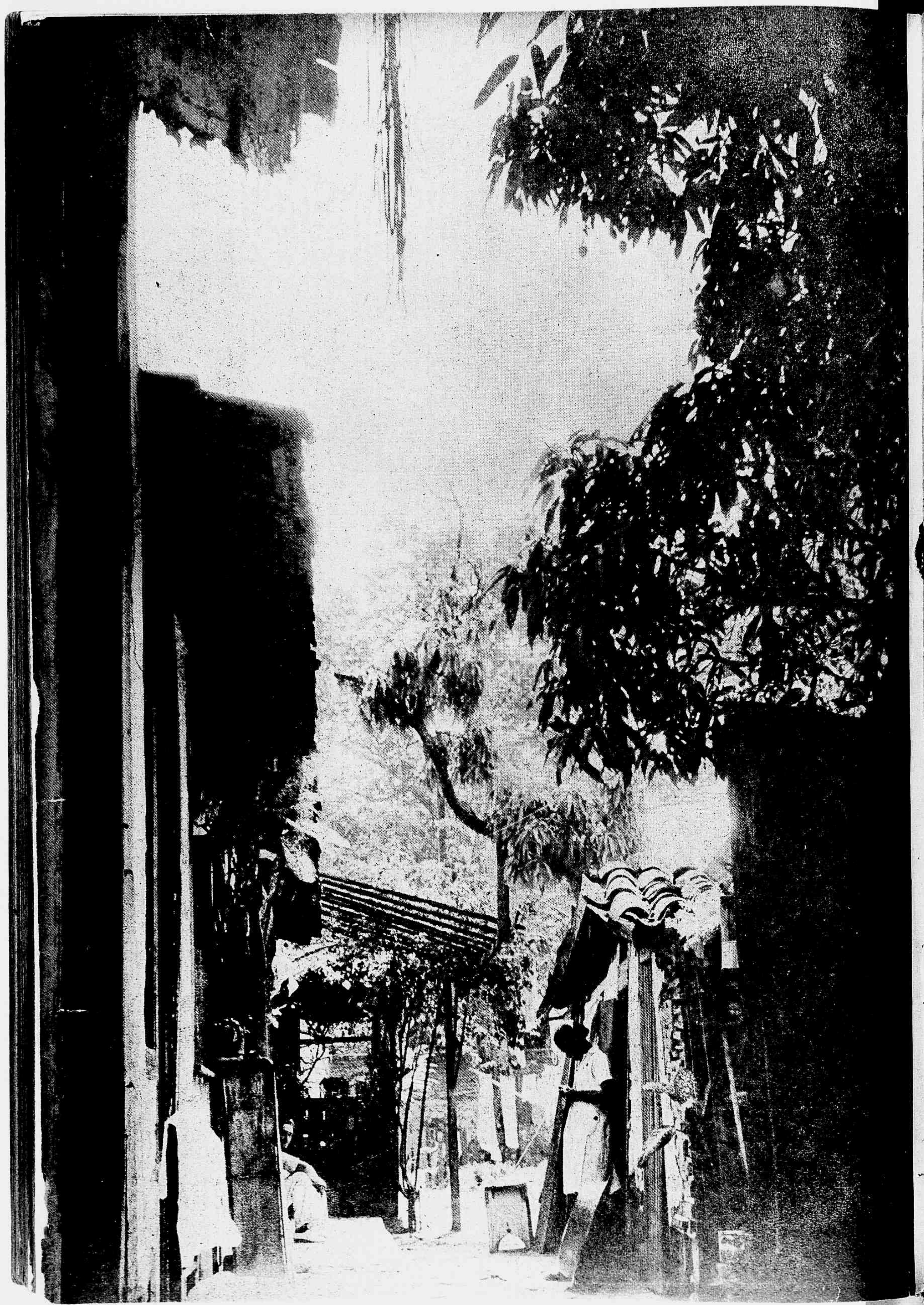
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





É UM INFERNO MAS NÃO É MUITO... — dirá o leitor à vista desta fotografia, reproduzindo um aspecto do "après-midi" na casa nº 29 da rua Conde Lage. No terraço estão Helena Santos, Mary, Maria de Lourdes e sentado, Jerônimo de Oliveira, o "gerente" da casa de cômodos. Este rapaz está bem iniciado... Na página ao lado, um aspecto deplorável das condições em que vivem dezenas de famílias numa autêntica "cabeça de porco" da rua Voluntários da Pátria, 86. As paredes esburacadas, o chão de terra batida e os telhados em ruínas só falam de pobreza, de desamparo e da calamidade do problema da falta de teto. E isto ocorre numa cidade que se diz maravilhosa...

"A VIDA AQUI É UM INFERNO!"

UMA VISITA ÀS CASAS DE CÔMODOS — LUCROS ASTRONÔMICOS QUE OS SUB-LOCATÁRIOS DIZEM NÃO PASSAR DE BAGATELAS — OS SENHORIOS DIZEM QUE A POLÍCIA NÃO FAZ CONTA DAS DESPESAS, AFORA O ALUGUEL — NINGUÉM GOSTA DE D. EMÍLIA — D. MARIE LECUREUX PROMETE BOFETÕES A UM REPORTER — AS VÍTIMAS DO FLAGELO, NO ENTANTO, TÊM RE CEIO DE FALAR.

Reportagem de ADHEMAR NÓBREGA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O PROBLEMA do teto, se bem que não seja novidade, está na ordem do dia. E readquiriu essa posição de prestígio entre outros tantos flagelos da vida carioca (é tão difícil hoje em dia um detalhe da crise geral sobressair-se dentre os demais...) por força de investigações e diligências que a Delegacia de Economia Popular andou fazendo nestes últimos dias, estimulada por denúncias de inquilinos.

Essas denúncias e uma batida das autoridades pelas casas de cômodos forneceram dados à polícia sobre a situação dessas habitações coletivas onde a renda é às vezes 300 por cento superior ao montante do aluguel.

UMA RELAÇÃO COMPROMETEDORA

O matutino "Diário de Notícias" publicou nos dias 15, 17 e 18 do corrente reportagens sobre essas investigações, transcrevendo uma numerosa relação de "cabeças de porco" que infestam a cidade, como índice da nossa precária situação no tocante ao problema de moradia.

Segundo a relação fornecida pela Delegacia de Economia Popular, são as seguintes as casas de cômodos já arroladas pela polícia, onde a sub-locação é uma indústria rendosa e fácil: rua Gago Coutinho nº 22, prédio alugado pela sra. Ada Camici por Cr\$ 1.200,00, rendendo

Cr\$ 3.980,00 e nº 60, alugado pelo sr. José Gaspar Rodrigues por Cr\$ 1.400,00, rendendo Cr\$ 4.475,00; rua Silveira Martins nº 24, alugado pela sra. Amélia Campos, por Cr\$ 1.056,00, rendendo Cr\$ 5.860,00; rua Correia Dutra nº 13, alugado pela sra. Marie Avienne Lecureux por Cr\$ 1.040,00, rendendo Cr\$ 2.320,00; nº 15, alugado pela sra. Deusevita Cavalcanti por Cr\$ 1.040,00, rendendo Cr\$ 3.440,00 e nº 247, alugado pelos srs. Aron Benjamin Adelson e Chifre Zurkivitch, por Cr\$ 850,00, rendendo Cr\$ 2.740,00; rua Conde Lage, 29, alugado por Cr\$ 1.700,00 pelo sr. Carlos Augusto Taveira e sublocado por Cr\$ 5.860,00; rua Francisco Muratori, 19, alugado

APETRECHOS DE LAVADEIRAS — Na rua Voluntários da Pátria, 86, há uma cabeça de porco onde moram 40 famílias, isto é, centenas de pessoas empilhadas em quartos escuros e mal cheirosos, dormindo e cozinhando numa peça minúscula e com as paredes em decomposição. O quintal é a oficina coletiva dos moradores, na maioria lavadeiras. Aqui estão os seus apetrechos que se resumem em latas e mais latas, barris, tanques e sabão. E quando falta água, a miséria se avoluma, porque a sujeira aumenta e a renda diminui. O problema continua insolúvel, ao lado das demolições que se fazem todos os dias.



FACHADA, SOMENTE... — O prédio por fora é bonito, de aspecto agradável, pelo menos na fotografia. Mas por dentro, causa enjoo como uma viagem à Europa num navio da Costeira. Ai se apinham centenas de pessoas que não têm outro lugar mais decente para morar.

850,00 e tem de renda Cr\$ 3.550,00 e rua Gustavo Sampaio 1103, apart. 244, alugado pela sra. Teresa Ensen por Cr\$ 800,00 e sublocado a um jornalista americano por Cr\$ 2.000,00, afere Cr\$ 5,00 de luz.

A ver por estas cifras, a indústria de sub-locação é realmente um fenômeno desabonador da inteireza moral dos exploradores do negócio. Por isso mesmo, fomos colher informações em alguns dos prédios arrolados naquela relação, procurando ouvir senhores e inquilinos, estes mais difíceis de encontrar pois como moradores em casas de cômodos, não fazem refeições em casa, onde evitam, aliás, demorar o menos possível para contornar os conflitos de todos os minutos que acarreta a permanência numa cabeça de porco.

"AQUI É CASA DE FAMÍLIA"

Fomos à rua Francisco Muratori, nº 19, onde nos atendeu uma jovem simpática. Ajeitando repetidamente a mecha de cabelos que teimava em balançar-se diante dos seus olhos, a menina correu a chamar a dona da casa que ao ver a máquina do fotógrafo, compreendeu num relance a nossa intenção.

— Aqui é casa de família... Os srs. são de jornal, não é? Pois aqui não é casa de cômodos. E saiu com cara de poucos amigos, mastigando um bocão do almoço que interrompera.

Nós insistimos e a dona voltou um pouco mais amável ou, para ser mais justo na expressão, um pouco menos ríspida.

— Minha senhora. Nós estamos procurando saber o que há de verdade na relação de casas de cômodos publicada num jornal. E a casa da sra. lá está como uma cabeça de porco...

— Não senhor. Eu já fui à polícia e me entendi com a autoridade. Aqui é casa de família.

Mais adiante, encontramos um outro prédio visado pela polícia, onde igualmente não havia inquilinos. Todos haviam saído e foi o senhorio quem falou:

"VEJA OS MEUS RECIBOS"

— Engraçado. A polícia indaga quanto eu pago por esta casa e quanto ela me rende de aluguel. E acha que é o bastante para dizer que eu sou explorador. Mas não procura ver os meus recibos de imposto predial, de indústria e profissão, de luz, gás e telefone, a licença de locação tirada na Prefeitura, os recibos de compra de móveis, roupa de cama e todas as outras despesas com a conservação de uma casa. Veja aqui, — diz o homem depois de ir buscar uma pasta, tirando de dentro uma porção de papéis — tudo isto é dinheiro que sai. Se isto é exploração, Deus me livre...

ENFIM, UMA CABEÇA DE PORCO"

Subimos mais um pouco pela rua Francisco Muratori e entramos no número 30.

Ninguém na porta nem na escada velha de ferro, situada no jardim abandonado. Por toda parte, móveis lembrança do que outrora foi mobília.

Estávamos passeando em meio a essa desordem de cacaieiros jogados aqui e ali quando apareceu um cidadão que na qualidade de genro da dona da casa, nos serviu de guia para desvendar os labirintos do andar térreo, eufemismo de porão, diga-se de passagem.

Logo de início, deparamos com um cubículo mesquinho, sem ar e sem luz, que o nosso guia chama, não sabemos se generosa ou irônica, de quarto.

MINIATURA DO "APOSENTO" DE RASKOLNIKOFF

É uma peça de dimensões reduzidas, um quadrado de um metro e setenta, aproximadamente, forrado dispiçentemente de jornais velhos que se espalham pelo chão, misturados com chinelos e roupa suja. Uma espécie de

por Cr\$ 1.074,00 pelo sr. José Maria, rendendo Cr\$ 2.700,00; nº 23, alugado pelo sr. Lamartine Amaral, que não fornece recibos aos seus inquilinos e nº 30, alugado pela sra. Ernestina Savignon por Cr\$ 800,00, rendendo Cr\$ 2.180,00; rua Paula Matos, ns. 172, 172-A, 182, 184, 186 e 189, alugados pelo sr. Nicolas d'Andrea, alfaiate residente à rua do Senado 23, por Cr\$ 2.700,00, rendendo Cr\$ 4.200,00; avenida Gomes Freire, 138, alugado pela sra. Josefa Azicoff, por Cr\$ 650,00 e sublocado por Cr\$ 1.625,00; Rua Campos Sales, 88, alugado pelo sr. Celestino

Bica, por Cr\$ 1.500,00 e sublocado por Cr\$ 4.840,00; rua Haddock Lobo, 456, alugado pelo sr. Otavio Silva, por Cr\$ 2.200,00 e sublocado por Cr\$ 6.840,00; rua Conde de Bonfim, 99, alugado por Cr\$ 780,00 pelo sr. José Henrique Lima e rendendo de sub-locação Cr\$ 5.990,00; rua Leandro Martins, 90 e 92, alugados pelo sr. Valdemar Gomes de Azevedo, por Cr\$ 1.200,00 e rendendo mais de Cr\$ 3.000,00; rua Euclides Matos nº 31, alugado pela sra. Olga Belo de Borba Moura, por Cr\$ 780,00, rendendo Cr\$ 2.600,00, e nº 28, da mesma sub-localária que paga Cr\$

UM CAFESINHO COMO INTERMEZZO — Na foto à esquerda, um flagrante da vida na casa nº 29 da rua Conde Lage, em que aparecem Maria de Lourdes, Marilú, (que na outra foto nos disse chamar-se Mary) Carlos Taveira, o empresário do negócio (habitação coletiva, bem entendido) Helena Santos e Jerônimo, o encarregado que faz as vezes de gerente, sorvendo um cafésinho durante a reportagem. A direita, uma legenda já inútil, de vez que nesta casa não se dá mais pensão. É uma lembrança do passado.



D. JURACY NA COZINHA — Aqui está a cozinha improvisada que serve à família de d. Juracy Guadelupe, composta de quatro pessoas. Não se pode dizer que seja uma cozinha confortável, mas em todo caso, vai servindo. E ela parece satisfeita com o prato que preparou. Ou com a presença de um fotógrafo...

miniatura do "aposto" de Rasólnikoff. Apenas com a diferença de que quem mora nele não é um estudante, mas um pobre empregado de uma leiteria da rua Riachuelo, 57.

Moacir de Freitas Guimarães fala ao reporter:

— Ganho 400 cruzeiros por mês. E pra morar perto do emprego, o jeito é aguentar isto aqui.

— Quanto paga?

— 90 cruzeiros. Aliás, eu mesmo pago 45, porque moro com meu irmão e nós dividimos a despesa.

Deixamos Moacir com a sua miséria, dentro da qual, diga-se de passagem, ele está passando bem, bochechudo e com aparência de bem nutrido.

— Vá ver que tem dinheiro no banco, — comentou o fotógrafo impiedosamente.

SURPRESAS NA CABEÇA DE PORCO

Mas não pense o leitor que as casas de cômodos só têm miséria. Vez por outra, encontra-se um aposento bem arranjado, asseado tanto quanto possível, embora que para chegar até lá tenha-se de estudar a topografia de corredores escuros com viradas à direita e à esquerda, para conhecer, pelo tato ou pelo cheiro o quarto onde se mora.

E' o que acontece com a família do sr. Joir Guadelupe que mora no quarto nº 12. Sua esposa, sra. Juracy Guadelupe, assim falou à REVISTA:

— Moramos eu, meu marido e dois filhos neste quarto, pagando o aluguel de 480 cruzeiros. Aqui dorme-se, lava-se, cozinha-se, etc. Não procuramos saber o que queira dizer o etc. e passamos adiante, para ver a cozinha de d. Juracy que também se apressou em arrumar as panelas, prevendo as intenções do fotógrafo.

Voltamos pelo corredor, não "ermo e comprido" como o da poesia de Bilac mas escuro e estreito, enquanto d. Juracy contava as vantagens do Fluminense no atual campeonato...

NINGUEM GOSTA DE D. EMILIA

Batemos na porta do quarto nº 11. Veio atender-nos uma senhora de pequena estatura, magra, de feições cavadas, mostrando na face o estigma da vida cara e da inflação, enfim, um retrato do Brasil de 1946.

D. Emília Pascoal Alcantara — este é o seu nome — não fez reservas, apenas falando baixinho como se estivesse conspirando para um novo quebra-quebra:

— O senhor nem queira saber como me perseguem aqui. Ninguém gosta de mim, fazem intrigas, querem me botar pra fora uma campanha terrível.

— Quanto a senhora paga por este quarto?

— 130 cruzeiros. Mas veja como estão esburacadas as paredes. Quando chove, fica húmido de dar reumatismo até nas cadeiras e quando faz sol o calor é infernal. Mas a dona não manda consertar nada.

— E qual é a perseguição que fazem à senhora? Por que?

— Ah! O senhor nem sabe como se briga aqui... E' discussão e iníria todo dia. Além disso, fui eu a pessoa que denunciou à polícia a senhoria. Ela ganha muito com o aluguel desses buracos. Além disso, procuro viver o mais possível isolada dos outros. Vou para o meu trabalho (sou costureira), volto e não dou "bola" a ninguém.

JOSÉ PEDRO É SUB-SUB-LOCATÁRIO

Antes de tudo, pedimos ao revisor para não "corrigir" este sub-título. O que queremos dizer é isto mesmo.

O leitor deve recordar-se da gravura que aparece nas latas de uma certa marca de aveia na qual se vê um homem segurando um outro lata que por sua vez ostenta outra gravura com outro homem sustentando outra lata e

assim por diante, até não se distinguir mais figura nenhuma.

Pois é o que acontece no quarto nº 8 da rua Francisco Muratori 30. A senhoria aluga a casa e sub-locatário o aposento (que já é uma divisão) a José Pedro, pintor de automóvel, e este, por sua vez, sub-locatário uma parte do quarto a um amigo. José Pedro se justifica:

— O quarto dá bastante para dois e eu queria servir ao amigo.

— E quanto o sr. paga?

— 200 cruzeiros por mês.

— E sub-locatário a sub-divisão por 150 não é? — comenta o fotógrafo.

— Não. Eu cobro apenas a metade.

As paredes do minúsculo dormitório são um atestado desabonador do bom gosto de José Pedro. Anúncios de Melhoral, misturados com gravuras de Popeye, propaganda do Flamengo, um retrato desbotado de Gilberto Marinho, seu candidato às eleições de dezembro, jornais velhos, enfim, uma decoração de massacrar a paciência de um cego.

ONDE SE LAVA A ROUPA SUJA... — Diz-se geralmente que a roupa suja lava-se em casa, isto é, paredes a dentro. Pois na rua Voluntários, 88, a roupa suja é toda lavada no quintal, nestes tanques que o leitor vê aqui. A direita, os participantes de uma original mesa redonda na casa de cômodos nº 30 da rua Francisco Muratori. A sra. idosa é d. Ernestina Sivignon, que tem 11 filhos e acha a vida de "cabeça de porco" um verdadeiro inferno. Atrás, um dos dois rapazes que dormem num quatinho caixa de fósforos e um outro que deixou a casa para morar com um parente.





MINIATURA DO QUARTO DE RASKOLNIKOFF — Aqui está o menor quarto que já vimos, afóra as células da polícia. Mede cerca de um metro e setenta, mas Moacir de Freitas Guimarães não está mal satisfeito. Enfim, que é que ele pode fazer, se perder a paciência? Nada. Onde vai morar? Mas o garoto está engordando com esse regime de espaço vital. A direita, d. Marie Avienne Lecureux, da rua Correia Dutra, 13, que promete seu solenemente dar uns cascudos no nosso confrade do "Diário de Notícias".

FRENTE ÚNICA CONTRA D. EMILIA

Deixamos seu Pedro preparando-se para sair e experimentamos uma sensação de embriaguez, quando nos achamos novamente no terraço. Depois de meia hora acostumados à meia luz dos quartos húmidos, os olhos se encandeam com o sol escandalosamente tropical.

Improvisa-se uma espécie de mesa redonda (está em moda) na área cimentada, agora com a presença de d. Ernestina Savignon, a senhora.

Não perguntamos se era italiana mas afirmamos que sim. E como tal, falou muito, transformando a mesa redonda em auditório.

— A vida aqui é um inferno. Todo mundo discute, briga, protesta e no fim de contas vem fazer queixa a mim.

Aquela senhora do nº 8 (referia-se a d. Emilia) é intrigante que faz raiva. Vive na polícia dando queixa de toda espécie contra mim. Chegou, mesmo a ir ao Juiz de Menores...

— Outro dia, tive de mandar-lhe a mão, — interrompe d. Juraci, — ufanando-se dos seus dotes de "boxeuse" doméstica.

— É um problema aqui em casa, acrescenta o genro de d. Ernestina. Todos têm queixa contra ela.

E assim, manifesta-se a mesa redonda em frente única contra a pobre costureira.

O reporter ensaia tomar o partido dela mas a senhora interrompe com autoridade.

— O que ela quer fazer eu não permito. Imagine o senhor que ela sai e na rua dá a chave do quarto a casais suspeitos. O resultado é que as famílias protestam. E quem aguenta o barulho, no fim de contas, sou eu.

Não aguento mais com esta vida. Tenho 11 filhos, e isso é bastante para me encher de ocupação.

Pois imagine que vêm me fazer reclamações até contra a falta d'água... Eu moro no primeiro andar. Quando alguém sobe estas escadas, por um motivo qualquer, há barulho na certa, pois os outros dizem que a pessoa foi fazer intriga comigo.

E além disso — d. Ernestina não dá tréguas a ninguém para abrir a boca — basta a instalação elétrica falhar por um minuto, levanta-se um berreiro dos diabos. Esta é a verdade.

D. Ernestina parece que se cansou. E aproveitando a folga, o reporter indaga sobre o lucro que ela tira do negócio.

— Pois sim. A polícia diz que eu pago 800 cruzeiros e arrecado 2 contos e 180 cruzeiros. Está certo. Mas porque eles não procuraram saber quanto eu gasto para poder sub-alugar os quartos?

Vejam aqui esta conta. Achamos melhor transcrevê-la

para os nossos leitores. E' a lista de despesas de agosto.

Aluguel da casa	Cr\$ 960,00
Consumo d'água	25,50
Taxa de saneamento	6,00
Imposto predial	15,00
Indústria e profissão	119,00
Luz	110,00
Uma empregada	300,00

Renda dos aluguéis 1.535,50
2.180,00

Lucro líquido 644,50

— Mas d. Ernestina, — arriscamos timidamente — a senhora pôs aqui 960 cruzeiros e a nota publicada num jornal dava 800.

— Eram 800, sim. Mas agora há um aumento de 20 por cento. Como o sr. vê o lucro não é como dizem por aí. Ganhar pouco mais de 600 cruzeiros por mês para aguentar os abusos que eu aguento não é exploração.

A nota continha umas duas parcelas que certamente não devem figurar todos os meses, mas deixamos para o leitor a consideração do caso.

NA RUA CONDE LAGE

Essa rua está fadada à notoriedade. Antes, era o que todo mundo sabe procurando as famílias saber se os seus adolescentes faziam o "looting" por aí, afim de dar-lhes uns conselhos. Depois caiu numa espécie de ostracismo, donde saiu para as galas da publicidade, graças ao funcionamento, lá, de um escritório eleitoral da UDN e do Comité Metropolitano do Partido Comunista e das visitas da Polícia, consequentemente. Mas não nos interessava nem o Partido Comunista nem a UDN e sim uma cabeça de porco no número 29.

Fomos entrando sem cerimônia, como quem entra na própria casa. E só depois de um longo corredor (os corredores são uma constante nas casas de cômodos) demos com um grupo de pessoas fazendo a sesta numa área ensolarada.

Uma porta com dizeres mal escritos indicando a sala de refeições, uma banheira ao ar livre e um grupo de mulheres conversando na área fizeram logo funcionar a "Exakta" do nosso fotógrafo. Depois, o gerente, Jerônimo de Oliveira, fez uma consulta pelo telefone ao dono do negócio e nos deixou à vontade.

UMA CABEÇA DE PORCO DIFERENTE...

Um luxo barato e de mau gosto, substitui ali a miséria de alguns das casas de habitação coletiva. Não sabemos

se isto se deve ao fato de ser a maioria dos moradores do sexo feminino ou a outro motivo que não nos foi possível determinar, o fato é que o 29 da rua Conde Lage não tem aspecto de cabeça de porco. E', mais do que isso um ambiente agradável para a moradia de um solteirão, ou simplesmente de um solteiro...

"PREFIRO FECHAR O NEGÓCIO"

Daí a pouco, chegava o sr. Carlos Augusto Taveira, o empresário do negócio. E disposto a defender a litude da sua empresa, foi dizendo:

— O jornal disse que eu tenho um negócio muito rentoso. Parece... Alugo a casa (aliás três casas) por Cr\$ 1.700,00 e sub-loco os cômodos por Cr\$ 5.860,00. Quem vê as cousas por fora, pensa que eu tenho um lucro de Cr\$ 4.160,00. Puro engano. O sr. quer ver as minhas contas? (E antes de darmos qualquer resposta, foi dizendo):

	Cr\$
Aluguel	1.700,00
Uma empregada (Cr\$ 500,00 com pensão)	1.000,00
Um empregado (Cr\$ 500,00 com pensão)	1.000,00
Um empregado (Cr\$ 150,00 com pensão)	650,00
	4.350,00

Vamos alegar que ele não devia invocar a alimentação dos empregados pura e simplesmente como moeda corrente, quando o homem continuou:

— E o imposto de indústria e profissão? e o seguro do prédio? e luz, gás e telefone? Basta dizer que só à Light pago uma média de Cr\$ 800,00 por mês.

Já estávamos com pena do homem... da sua generosidade... Pelas nossas contas, ele deveria ter uns 700 cruzeiros de lucro líquido mensal, apenas. Mas "seu" Taveira deixou-nos confuso quando declarou:

— Tenho de lucro apenas Cr\$ 1.910,00 por mês. E isto para viver preocupado dia e noite com isto aqui. Lá fora, eu possa ganhar o mesmo mais descansado...

Mas ficamos ainda mais confusos quando uma das moradoras (cujo nome não mencionamos para não perturbar a paz da casa) nos acenou da cozinha, insistentemente e significativamente, dizendo que aquilo era pura mentira. Pela cara da mulher, "seu" Carlos Taveira ganhava muito mais...

Todavia, o homem ainda insistiu na sua fé de ofício de empresário honesto, juntando vitoriosamente:

— Agora mesmo acabo de pagar Cr\$ 3.600,00 de indústria e profissão. (E juntou com uma ponta de remorso) Bem entendido, de 1945 e 1946. Tenho os recibos.

Não quisemos ver. Haviam outros lugares a visitar.

UM AVISO AO REPORTER DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Batemos no número 13 da rua Correia Dutra e fomos entrando pelo terraço que vai até a cozinha. Uma senhora idosa, de rosto flácido mas guardando ainda a energia duma velha "conciérge" atendeu-nos com aspereza ao ver o fotógrafo e ao ouvir o reporter:

— O que eu tenho a dizer é que dou uns bofetões no patife que publicou a minha casa como "cabeça-de-porco". Aqui moram apenas algumas pessoas e todas elas de representação: um engenheiro, um dentista... Ora, tem graça. Aquele bandido. No dia em que eu o pegar, dou-lhe uns bofetões, isto sim.

E depois de voltar ao fogão, onde mexia uma fritada sem personalidade, tornou, brandindo um garfo:

— Isto aqui é uma casa decente. Ora veja. Dizer que eu pago um conto e quarenta e ganho 2 contos e setecentos. Mas eu pago também Cr\$ 1.500,00 de imposto predial e Cr\$ 600,00 de licença de locação. Além disso, o aluguel foi aumentado de 20%. E a água e a luz? Então isto não custa dinheiro? (E à proporção que argumentava, inspirada nas suas razões, tornava-se mais violenta e brandia mais furiosamente o garfo, fazendo-nos rezar pela alma do nosso colega do "Diário de Notícias") E os trinta contos que eu tenho empregado em móveis? E roupa de cama?

Pode ficar certo, senhor. Eu tenho 78 anos, sou viúva, mas ainda tenho coragem de dar uns bofetões na cara daquele patife, daquele... (a discreção e o respeito aos leitores impede-nos de reproduzir integralmente o conceito de d. Marie Avienne Lecureux).

Enfim, concluiu a velha e furiosa "conciérge" eu tenho de lucro apenas 650 cruzelos por mês. E isto não paga nem de longe o trabalho que me custa estar à disposição da comodidade dos hóspedes.

MAS COMO FALA O MÚSICO...

Reduzimos ao mínimo, a conversa com d. Ada Camici locadora e sub-locatária do prédio nº 22 à rua Gago Coutinho. E além disso ainda sacrificamos outros aspectos da reportagem. Não porque fosse despido de interesse o que ela nos disse. Mas porque falou demais. Falou como um músico de orquestra durante um ensaio. E ela o é, na qualidade de primeiro violino do Municipal.

A casa é antiga e vasta (com perdão do pleonismo...). Quando o marido de d. Ada a alugou, há 12 anos, tinha 9 aposentos e hoje tem 16, graças às obras que ele fez e nas quais gastou 100 contos. A casa é alugada por Cr\$ 1.200,00 e rende Cr\$ 3.980,00.

D. Ada mostra-se ofendida com a pecha de "industrial" de "cabeça de porco". E enquanto percorre a casa toda, mostrando os cômodos ao reporter, mistura as saudades do marido com a indignação pela reportagem que a coloca em situação constrangedora, a ela, musicista, artista que tem sua profissão nobre, graças a Deus, não precisando de biscates vergonhosos.

— Quando meu marido era vivo, isto era realmente uma pensão, desde 1928 quando alugamos o prédio. Em 1934, fizemos uma viagem à Europa e arrendamos o prédio com todas as instalações, a um cretino que nos deu grande prejuízo. Entre depredações furto e substituição de roupas de cama e louças (que nós tínhamos da melhor qualidade) deu-nos uma despesa de perto de quarenta contos para restabelecer as coisas no pé em que estavam, incluindo consertos na casa. Em 36 meu marido morreu e eu acabei com a pensão. Mas como não queria abandonar o prédio, sub-loquei os aposentos. (E com o tom de quem se recorda de um elemento decisivo na argumentação, ajuntou):

(— Para ver o quanto a locação dos quartos é acessível, aqui, basta dizer que quando mencionei os preços, na polícia, recebi várias propostas para reservá-los quando se desocupassem.

Quisemos saber, e d. Ada mostrou-nos um caderno: Realmente. Os preços variavam de 150 a 250 cruzelos. Apenas um conjunto de dois quartos sala, cozinha, etc., era alugado por 550,00 e outro, nas mesmas condições, 500.

Sinceramente, fomos forçados a concordar em que não eram caros os aluguéis dos cômodos. E daqui ensaiávamos uma defesa de d. Ada Camici, levados ainda pela simpatia pela sua profissão, se não fosse ela nos ter tomado uma boa parte do tempo. Mas em todo caso, encomendamos, também, um aposento a d. Ada, quando vagar.

Na porta, por fim enquanto Vieira já estava acelerando o motor, ela nos deu a última prova da sua loquacidade, tal como se quisesse executar por meio de palavras, o "Moto perpetuo" de Paganini ou a transcrição da "Cantata da igreja" nº 28, de J. S. Bach...

— O quê? Nós fomos aumentados? Nada disso. Nós ganhávamos uma parte do nosso ordenado pela Prefeitura e outra pelo empresário do Teatro. O que aconteceu é que o sabido do Piergili conseguiu se descartar da parte que ele pagava, passando-a à responsabilidade dos cofres públicos. Assim, a Prefeitura teve um aumento nas despesas, mas a nossa receita continua a mesma de 10 anos atrás. Diga isso também pela REVISTA DA SEMANA. É sempre oportuno... (E o ronco do motor abafou as últimas palavras do primeiro violino do Municipal d. Ada Camici. Mas pudemos perceber na vivacidade da expressão que eram eloquentes como o final da 7ª Sinfonia de Beethoven.





Em cima — Realizou-se na igreja do S. C. de Jesus, o enlace matrimonial da senhorita Marie Helene Aubaud com o sr. Lucien Armengaud, bravo oficial francês que serviu durante a guerra no Estado Maior do general De Gaulle, tendo recebido várias condecorações, entre as quais, uma pelo sultão de Marrocos por ocasião da batalha de La Rochelle. Damos nesta página dois flagrantes do casamento, vendo-se num deles o sr. Lucien Armengaud acompanhado de sua progenitora, e no outro a senhorita Marie Helena quando assinava o contrato nupcial. Em baixo : Maria Dolabela Mamana, filha do casal Dolabela-Mamana e neta do saudoso industrial patricio Alfredo

Figuras e Fatos

Dolabela Portela, fez a primeira comunhão no dia 8 de setembro p. findo na Igreja da Santa Cruz dos Militares. Após a cerimônia, Maria ofereceu uma linda festa no Copacabana Palace Hotel.

Em cima : Por motivo do seu aniversário natalício, o coronel Dr. Joaquim Henrique Coutinho, sub-chefe da Casa Civil da Presidência da República, foi alvo de expressivas homenagens dos seus amigos e admiradores. A data festiva ocorreu a 13 de setembro próximo passado. Em baixo — Flagrante colhido por ocasião do enlace matrimonial Leopoldina Petitet-Antonio Mathias, realizado recentemente nesta capital.



A "CANHA" QUE ELE NÃO BEBEU

A S cartelas foram se chegando, guinchando, levantando uma poeira fofa do que se colava no rosto, dando um resaca.

Manecão! Boa noite de chegar ao rancho da gente em que há tanto tempo não se come o onde faz tanto se tira uma sesteada.

Abriam a enorme porteira, que saltou como que um grito de surpresa, e deixaram passar as carreias, uma por uma. Como se reconhecessem o cheiro gostoso do capim da querência, os bois cansados mugiram, deixando um rasto de bolha luzindo sobre o verde do chão.

Crescência apertou as esporas de encontro à barriga lardada do galo, e fê-lo galopar. Sentou um suspiro de alívio. Ali estava o seu rancho, com os dois pés de umbu ressaltando sob o e derramando folhas lá do alto.

Ah! estava a Candoca! a Doca. Deus meu! e fez o cavalo apressar mais ainda.

Ao chegar ao lado do rancho estranhou o silêncio. E o Leão, o Caverá, o Pitanga? Onde andaria a cachorrada?

— O' de casa!

O grito alegre não teve acolhimento. Andou por aqui, por ali, como ave carregada pelo vento e sumiu no mesmo e profundo silêncio. Nenhum sinal de vida!

Doca! gritou apressado, e correndo para a casa.

Empurrou a porta e ela se abriu com um ruído, raspando ao chão. Entrou e não viu nada. Vazio tudo! E a mesa, a casa, e a louça? Onde? Tudo estava vazio e silencioso! E por que? Por que?

Passar três longas meses distante da querência é algo muito doloroso para o coração da gente, porém, mais doloroso é chegar e encontrar a solidão.

Teve ânsias de gritar. Os olhos começaram pouco a pouco a marejar-se de lágrimas e as paredes tomaram uma forma confusa.

Crescência ficou ali olhando sem ver, sentindo sua dor sem poder compreendê-la.

Quando? Como? Por que? Ah! que angústia!

— Sinto, parão! disse uma voz distreta ao seu lado. Não tive coragem de lhe dizer. Eu soube de tudo quando passamos na venda do Mingote.

— Com quem ele fugiu? perguntou Crescência com os olhos faiscando.

E ao ver que Pedro relutava, agarrou-o pelo pescoço.

— Matete agora se não disseres quem foi a desgraçada que me roubou a chima.

As lágrimas lhe corriam livremente pelo rosto.

— Quem foi? perguntava enquanto suas mãos iam apertando, apertando, como garras de ferro.

— Largue-me! Foi o Manecão! disse Pedro numa voz abatida, já rouca.

Um raio que quise nos seus pés não o abalaria com essas poucas palavras.

Manecão! O irmão adotivo!

Passou lentamente, pelos olhos, a mais suja de terra. Com a vista ainda embaciada e o coração aos pulos continuou fitando o rancho abandonado, fitando o seu lar que era agora uma lástima.

— Que se faz? indagou Pedro em voz baixa estendendo ainda o pescoço avermelhado.

— Largue os bois. Faça o Tomé começar o fogo e se encarregar da comida. Acampem por aí. Logo ali adiante, no capão, há uma cacimba.

As palavras iam saindo aos trancos, porém num tom indiferente.

Ah! então a Doca e o Manecão, sim?

(Continua na pag. 20)

CONTO DE Tereza Almeida

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA"

ILUSTRAÇÃO DE Abelardo Zaluar





1 Termina o jantar, em casa de Regina Giddens, em honra de William Marshall, que vai trazer uma das suas fiações para o Sul e se associar aos Hubbards...



2 Aparentemente, não havia família mais unida, nem mais solidárias... Mas todos eram ardilosos como raposas e só pensavam em enganar os outros...



PERFIDIA

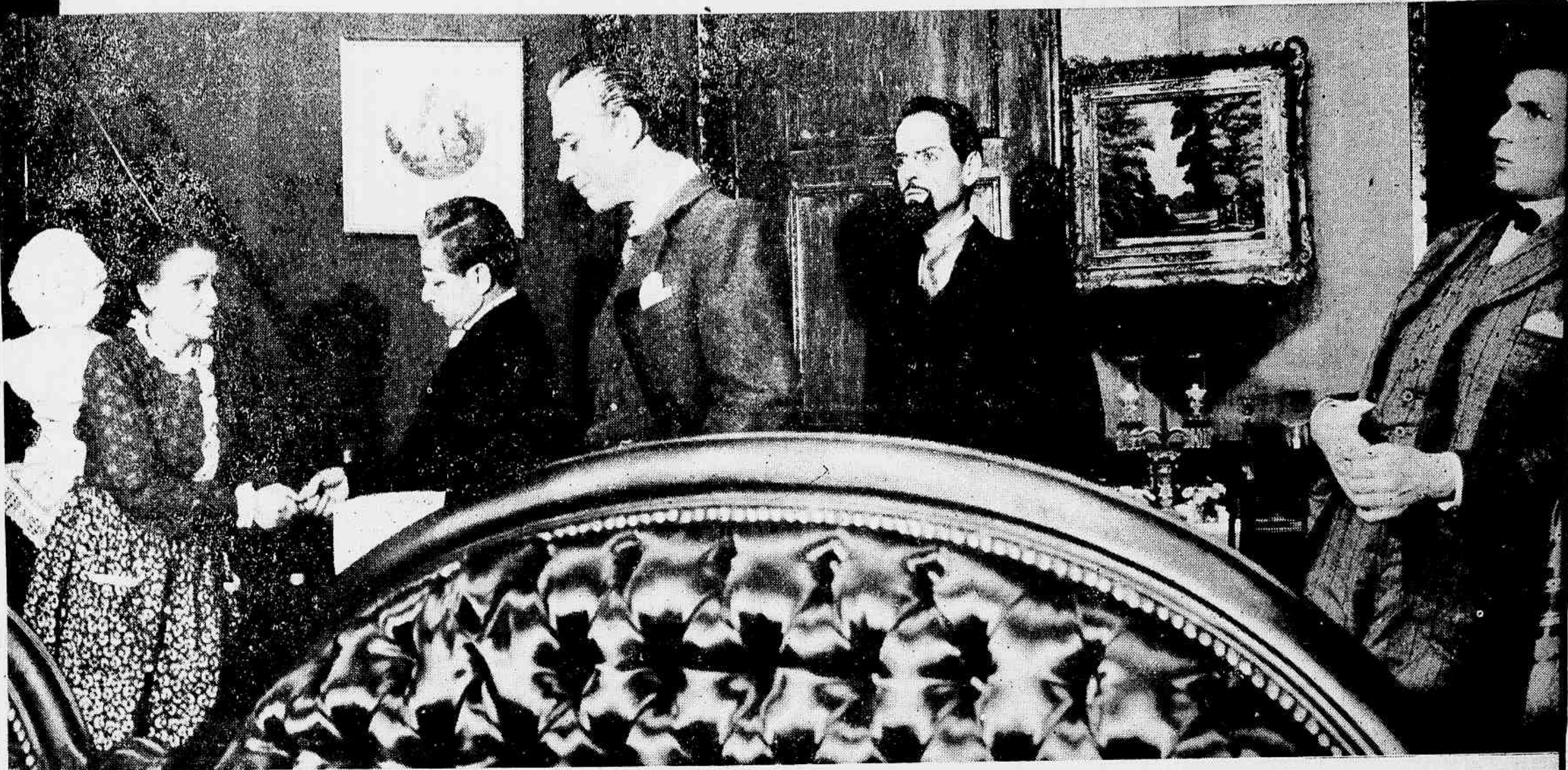
Peça dramática de Lillian Hellman, em tradução de R. Magalhães Júnior.

Regina Giddens	MARIA SAMPAIO
Benjamin Hubbard	Rodolfo Arena
Oscar Hubbard	Rodolfo Mayer
Horácio Giddens	Nelson Vaz
Alexandra Giddens	Cirene Tosles
Birdie Hubbard	Wahita Brasil
Leo Hubbard	Alberto Perez
William Marshall	Jesus Ruas
O criado	Luis Piccini
A criada	Renée Bell

Direção de RODOLFO MAYER

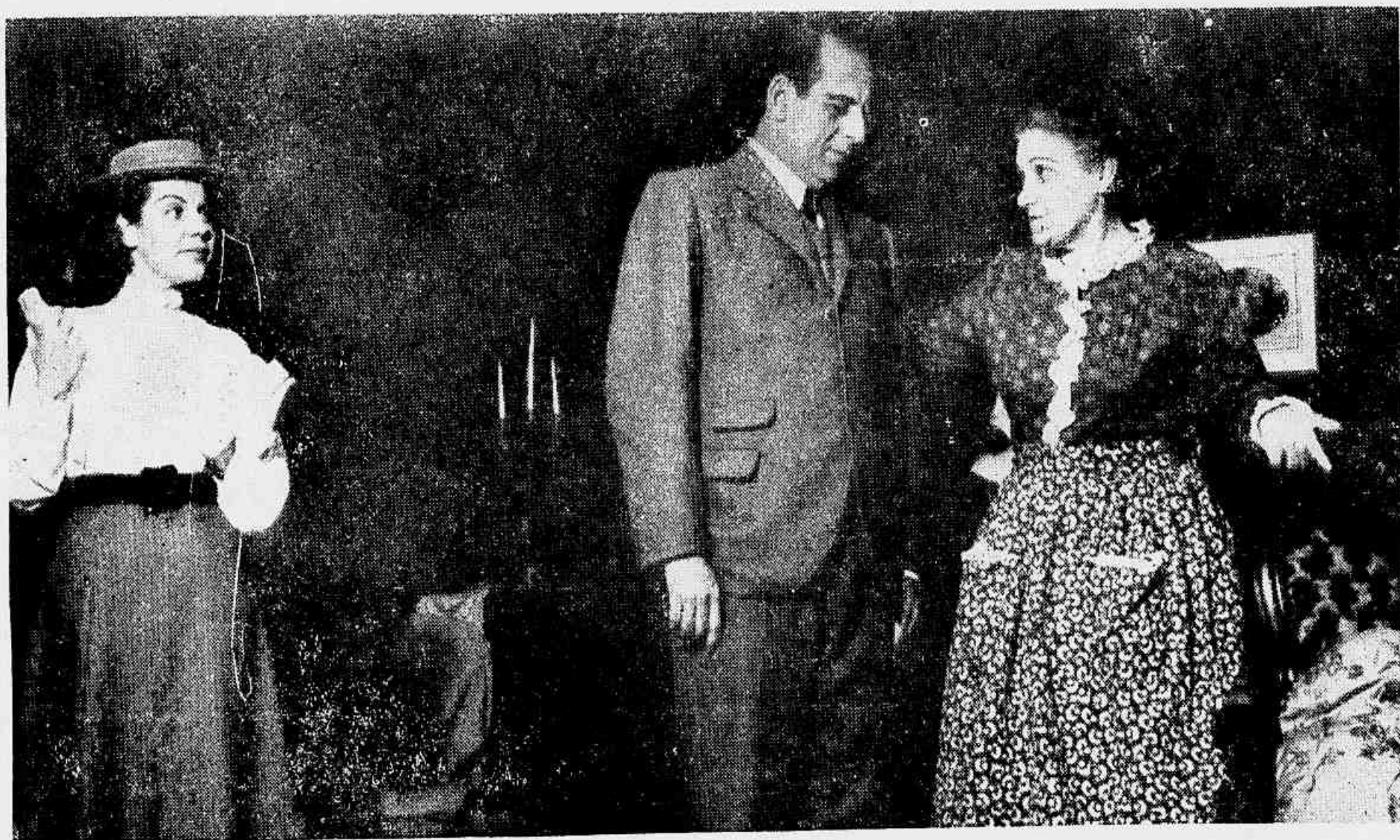
Obra de autoria de uma famosa escritora norte-americana, "The little foxes", traduzida com o título de "Perfidia", tem sido representada com êxito em vários países, como os Estados Unidos, Inglaterra, Suécia, Irlanda, etc. É o drama de uma família que procura enriquecer a todo custo, a família Hubbard, só tendo na vida uma preocupação: a do dinheiro. Por dinheiro, os próprios irmãos se entredoveram e são capazes de usar de todas as armas, mesmo as mais torpes, para conseguir os seus fins. No meio dessa família, só há duas almas verdadeiramente bem tomadas, as de Horácio Giddens, casado com Regina, — a flor de Hubbards, — e sua filha Alexandra, que ele pretende conservar imune da influência corruptora da família. Em torno de um grande negócio, a instalação de uma fiação, para o aproveitamento da safra de algodão de suas fazendas, estabelece-se uma luta intensa no seio da própria família. E Regina Giddens faz vir de um sanatório, onde se achava em tratamento, o marido enfermo e relutante, que se opunha à transação. A luta cresce, então, porque o marido de Regina encontra no furto das apólices de sua propriedade, de um cofre forte, por seus próprios parentes, uma oportunidade de derrotar as ambições da esposa e de vingar-se das humilhações e maus tratos que esta lhe infligia. Regina, entretanto, é "uma mulher forte" e tem a fibra dos Hubbards. Não trepida em sacrificar a vida do próprio marido, por ela própria fria e deliberadamente eliminado. Conquistada a posição e as vantagens que ela desejava no negócio, não consegue, entretanto, conquistar a própria filha que a repele, evita e hostiliza... Sim, porque o pai perdera tudo naquela luta, mas não perdera aquilo que na verdade queria preservar, — o espírito puro e nobre da filha, colocando-a em posição à gente mesquinha, perdida e interesseira que a rodeava... Colocando-a, em suma, contra a própria mãe, a orgulhosa e altiva Regina Giddens, impávida diante de tudo, mas agora, pela primeira vez, intimidada, amedrontada em face da vida e da morte... Tal é, em linhas gerais, a peça que a Sociedade Amigos do Teatro, fundada no ano passado, com o intuito de dar espetáculos às segundas-feiras, mas este ano funcionando diariamente, está dando agora no Fenix, o segundo grande cartaz desta temporada.

3 Birdie Hubbard era uma idealista... Repele a idéia de um casamento de interesse da sobrinha, Alexandra, com seu filho, Leo. E o marido, Oscar, a esbofetela



4 Alexandra vai buscar o pai, no sanatório, a pedido de Regina... Mas os dois não chegam de Baltimore no dia marcado... A intranquilidade de todos é grande... Podiam perder o negócio...

7 Regina não compreende como os dois irmãos possam ter arranjado o capital necessário sem ela...



5 Horácio chega, com a saúde muito abalada, em companhia de Alexandra... A velha criada, Adelia, recebe-o com mais afetividade do que a própria esposa...

6 Como Horácio repele a transação, Oscar e Benjamin insinuam a Léo que deve roubar apólices valiosas do tio, no banco deste... E assim se faz, em prejuízo de Regina e de suas ambições...

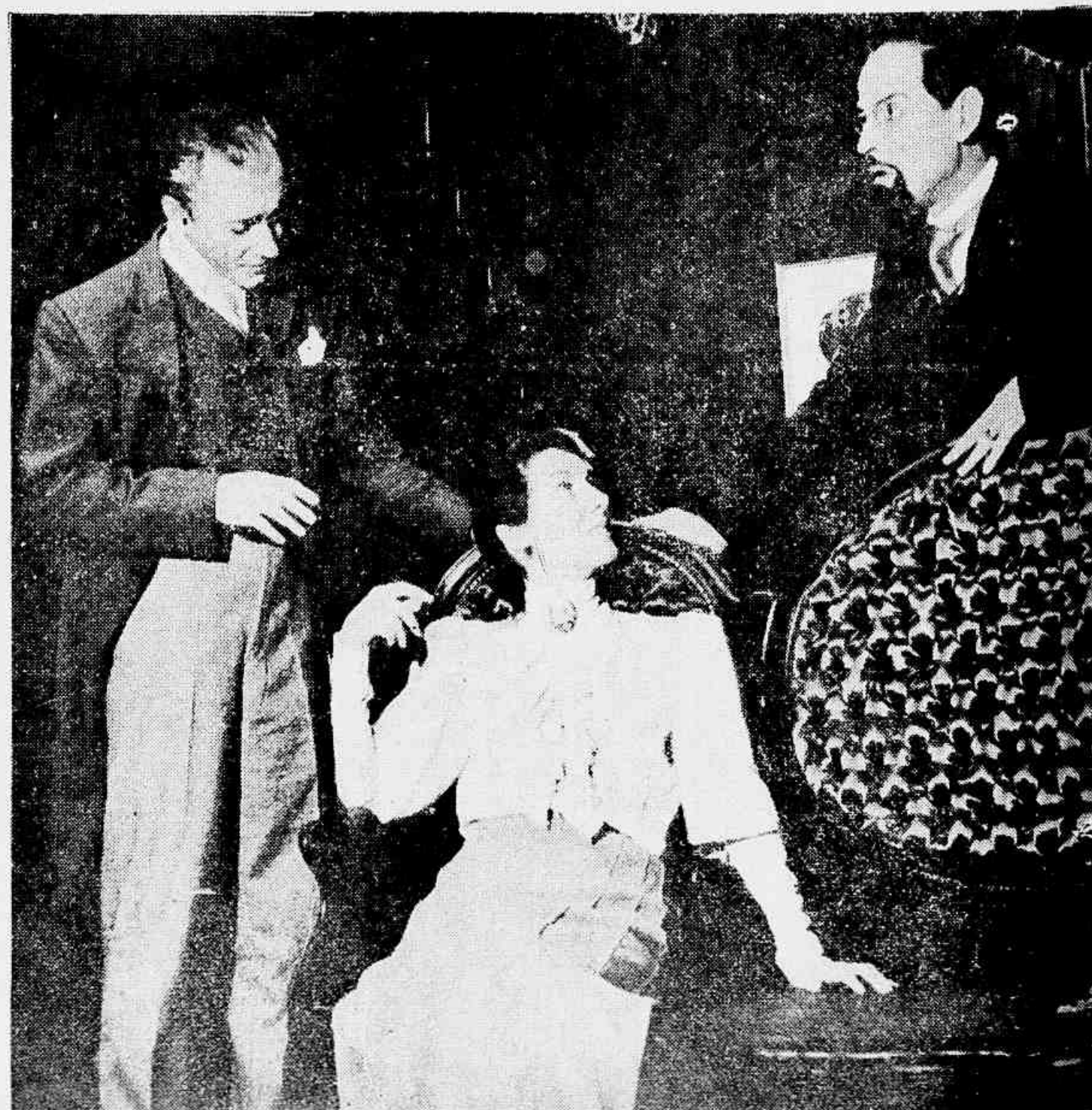




8 Birdie confessa porque se dava ao vício da embriaguês... O marido nunca mais lhe sorria desde o dia em que recebera o seu dote... Horácio sabe que vai morrer e pede a Adélia que tome conta de Alexandra, para que esta não seja oprimida pela mãe ambiciosa e egoísta...

9 Birdie, Alexandra e Horácio recordam momentos felizes do passado... Mal sabe Horácio que, ao sobrevir uma crise fatal, Regina se vingará dele, matando-o, recusando-lhe auxílio...

10 Os irmãos estão agora à sua mercê... Regina é dona da situação... O marido morreu. Tudo é seu. Mas, conseguirá ela vencer a repugnância que inspira à filha e ao medo da solidão que começa a dominá-la?



MATILDE era uma dessas encantadoras raparigas nascidas, como por um erro do destino, de uma família de empregados. Não tinha dote, não tinha esperança, nem meio algum de tornar-se conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e consentiu por isso em casar-se com um amanuense do Ministério da Instrução Pública.

Foi simples, uma vez que não podia ir luxuosamente, mas sentia-se infeliz como uma deslocada; porque as mulheres não têm casta nem raça: a sua beleza, a sua graça e o seu encanto servem-lhe de nobreza e de linhagem. A sua delicadeza natural, o seu instinto de elegância, a finura de espírito, são o seu único grau hierárquico e tornam as filhas do povo iguais às damas mais nobres.

Sofria incessantemente, sentindo que nascera para todas as delicadezas e para todos os luxos; sofria com a pobreza do seu lar, com o ar de miséria de suas paredes, com a escassez do seu mobiliário, com a fealdade dos seus estôfos. Todas essas coisas, que qualquer outra mulher de sua condição não teria notado, torturavam-na e indignavam-na. A vista da pequena breia, que arrumava a sua casa humilde, despertava nela desolados amargores e devaneios tristíssimos. Sonhava com antecâmaras silenciosas, guarnecidas de estôfos orientais, iluminadas por candelabros de bronze, com dois altos criados de quarto, de calção, que dormem nas largas poltronas, entorpecidos pelo pesado calor do calorífero. Sonhava com vastos salões revestidos de seda antiga, com móveis finos suportando bibelôs inestimáveis e com os pequenos salões garridos, perfumados, feitos para a palestra das cinco horas com os amigos mais íntimos — homens conhecidos e disputados, de que todas as mulheres desejam as atenções.

Quando se sentava para jantar, diante da mesa redonda coberta com uma toalha já usada há três dias, em frente de seu marido, que destapava a terrina, declarando, com ar encantado: "Ah! que belo cozido! Não conheço nada melhor do que isto..." ela sonhava com jantares elegantes, servidos em baixelas de prata reluzentes e com as tapeçarias que povoam as paredes de personagens antigas e de aves estranhas, no meio de mágica floresta; sonhava com manjares delicadíssimos, servidos em baixelas maravilhosas com galanerias cochichadas e escutadas com um sorriso de esfinje, enquanto se comia a polpa rósea de um fruto, ou as asas de uma ave.

Não tinha "toilettes", jóias, nada... E no entanto não gostava senão dessas coisas e sentia-se feita para elas. E queria tanto agradecer, ser invejada, ser sedutora e procurada!

Tinha uma amiga rica, uma antiga condiscípula de colégio, que nunca ia visitar, por sofrer muito ao retornar à sua casa. E chorava dias inteiros de tristeza, de amargura, de desespero e de angústia.

★

Ora, uma noite, seu marido entrou com ar glorioso, tendo na mão um largo envelope.

— Aqui tens — disse-lhe — é alguma coisa para ti.

Ela rasgou apressadamente o envelope e tirou de dentro um papel, que continha estas palavras: "O Ministro da Instrução Pública e a senhora Georges Ramponneau pedem ao senhor e à se-

nhora Loisel a honra de virem passar a noite no palácio ministerial, na próxima segunda-feira, 18 de janeiro".

Em vez de ficar maravilhada, como o marido esperava, ela atirou com despeito o convite para cima da mesa, murmurando:

— Que queres tu que eu faça disso?

— Mas, minha querida, eu pensei que ficarias contente. Como nunca saís de casa, esta era uma bela, belíssima ocasião. Tive grande dificuldade em obter esse convite. Todo o mundo o deseja; são muito procurados e não se dão aos empregados. Terás ocasião de vêr todo o mundo oficial.

Ela olhou-o trilhada e declarou com impaciência:

— Mas que queres tu que eu ponha no corpo para ir lá?

Ele não tinha pensado nisso; balbuciou:

— Mas... o vestido com que tens ido ao teatro. A mim me parece muito bom...

E calou-se, estupefato, desorientado, ao vêr que a esposa chorava. Duas grossas lágrimas desciam do canto dos seus olhos para os cantos de sua boca; ele balbuciava:

— Que tens tu? que tens tu?

Mas, num esforço violento, ela dominou o seu desgosto e respondeu com voz calma, enxugando as faces húmidas:

— Nada. Sómente não tenho "toilette"

e por isso não posso ir a essa festa. Dá o teu convite a 'qualquer colega que tenha a mulher melhor trajada que eu.

Ele estava desolado e retrucou:

— Vejamos, Matilde: quando poderá custar uma "toilette" decente, que possa

(Continua na pág. 51)



O ADEREÇO

— CONTO DE —

GUY DE MAUPASSANT



"Boa sorte, meu bem" diz a esposa do tenor Assis Pacheco, que vai entrar em cena.

"RIGOLETTO" NO MUNICIPAL

O presente de grego era uma caixa de surpresas — um "bis" inédito... — Acusação e Defesa — O Duque de mantua, esse conquistador — Gilda, sem Rita Hayworth... — Onde a perda do nariz cria o gênio dramático e favorece parcas qualidades vocais.

Crônica de **ROBERTO LYRA FILHO**

A décima segunda récita bis de assinatura, oferecida pela direção do Teatro Municipal aos assinantes, não foi, como insinuaram alguns, um presente de grego. É verdade que, nela, tivemos

muitas surpresas. Agnes Ayres, que figurava nos cartazes, não cantou! Mimi Benzell foi chamada, às pressas, para substituí-la. Também, no final do terceiro ato, um bis sem precedentes se verificou.

Becchi, entusiasmado, mandou voltar o maestro a seu posto, fez subir novamente o pano, chamou Mimi Benzell e o que dávamos por terminado, recomeçou. Todo o dueto "El Vendetta" foi repetido.

— Cabotismo, dizia, nos corredores um conhecido crítico.

Com um sorriso fino, um outro retrucava:

— Gratidão...

RIGOLETTO — ACUSAÇÃO E DEFESA

Nunca mais me esquecerei do entusiasmo com que Francis Toye, o conhecido musicólogo inglês, quando era diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, interrompia suas aulas de literatura, para discutir os méritos de Verdi, tentando restabelecer a estima em que, outrora, o tiveram os críticos mais "granfinos". Hoje, que o gosto pelas melodias italianas, saborosas e simples, passou, poucos são os que, dizendo-se refinados e ultra sensíveis, ainda confessam predileção pelo melodrama lírico, cujas últimas realizações de vulto — exceção feita de tentativas esporádicas como o Wozzek, de Berg — foram os delírios descabeladamente românticos de Strauss — não o das valsas, o do nazismo.

Entretanto Toye tinha argumentos convincentes. Britanicamente aconselhava o bom senso na apreciação da arte e dizia, entusiasmado:

— Ninguém se atreve a negar que Verdi é autor de duas obras primas — Otello e Falstaff. O que está errado é colocar aí o ponto final. Otello e Falstaff são o coroamento de uma carreira, mas é preciso ir buscar as raízes dessas duas óperas. Nessa pesquisa, que eu fiz quando estudava história da música sob a orientação de um dos maiores professores ingleses, vamos encontrar legítimas preciosidades entre as óperas esquecidas de Verdi e qualidades inéditas naquelas que ouvimos todos os dias, a que já nos habituamos, e cujo valor é dado de barato, como se não representassem o fruto de um esforço criador excepcional. Veja o Rigoletto. Já reparou no dueto de Rigoletto e Sparafucile, nas sombras daquela viela estreita — que sábia sobriedade! A atmosfera sinistra é captada em alguns acordes! E o Pari Siamo?

— E o La Donna è Mobile?

— Que tem o La donna è mobile? Por ser tocado nos realejos, não significa que seja música de realejo! Pelo contrário. Repare na função que a melodia vulgar desempenha como fixação psicológica do personagem.

La donna è mobile, no momento em que vem, caracterizando o que caracteriza, é um achado surpreendente.

Toye já regressou à Inglaterra. Dever ter esquecido sua conversa a respeito de Verdi. Quem está interessado, entretanto, em buscar as razões de um erudito musicólogo para apreciar a música de um compositor dado com o esplendor da vulgaridade em mais de uma fase de sua evolução artística, pode procurar o grosso volume que Toye escreveu, contendo a biografia de Verdi e a análise detalhada de todas as suas óperas.

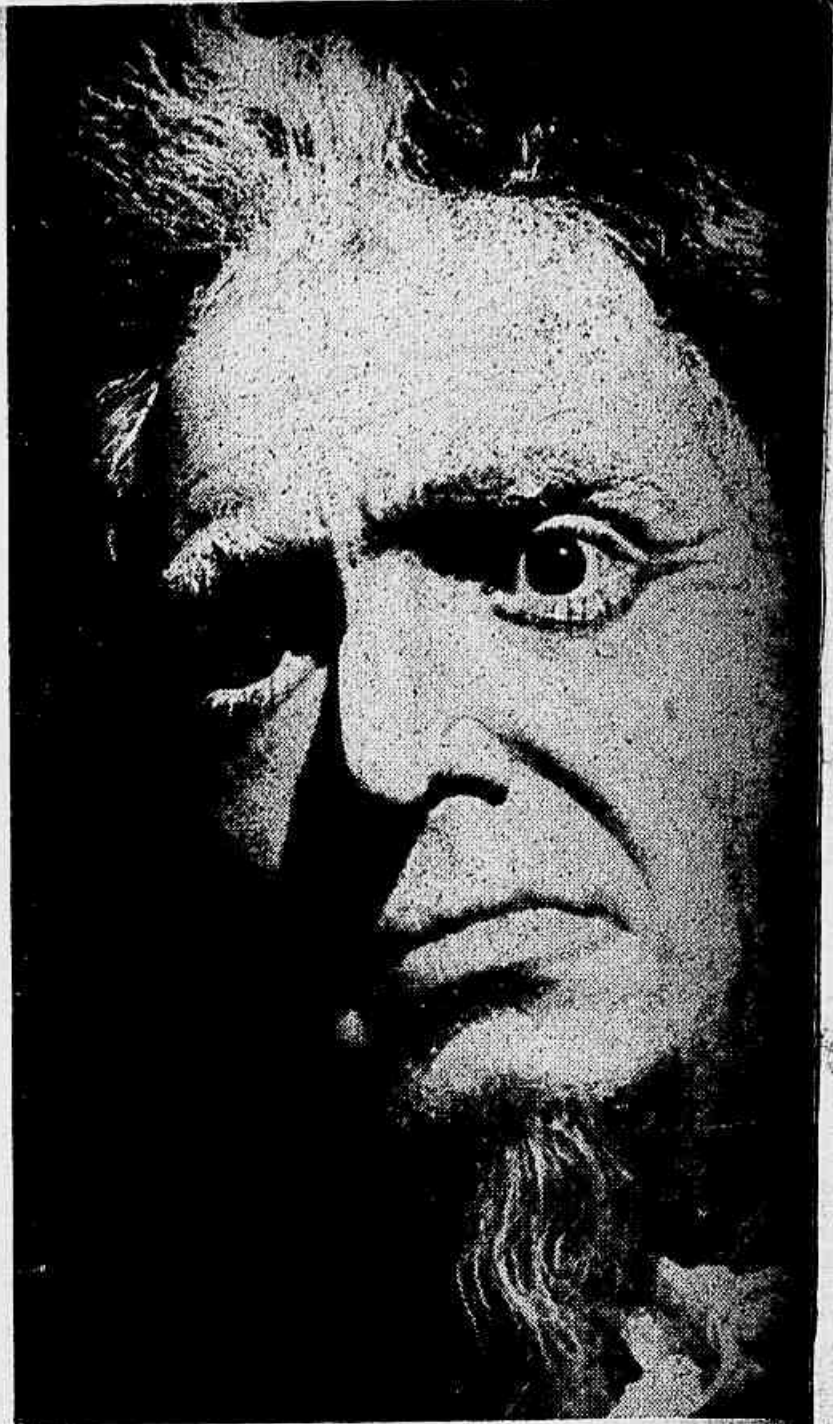
MISTÉRIO NOS BASTIDORES

Chegando ao Teatro Municipal iamos unânimes das mais sorridentes "boas intenções", sem perceber que inevitavelmente trilhávamos, naquelas condições, o caminho do inferno...

Encontramos o público curioso e pouco numeroso. Todos perguntavam:

— Por que Piergilli resolveu "dar" o Rigoletto com Becchi?

Fomos encarregados da missão árdua de levar a pergunta ao maestro e obter uma resposta. Piergilli estava à porta do camarim do tenor Assis Pacheco. Ouvimos em silêncio e sorriso.



Da esquerda para a direita : Mimi Benzell, que, à última hora, substituiu Agnes Ayres. Lena Monteiro de Barros, uma elegante Condessa de Ceprano. Uma expressão de Rigoletto (Gino Becchi).

— Que curiosa pergunta...

A resposta, pelo que custou, vem aqui registrada. Quem quiser interpretá-la, é bem-vindo.

O DUQUE DE MÂNTUA, ESSE CON- QUISTADOR

Daniel Duno nos acompanhava nos passeios de investigação. Súbitamente

parou, fixou os olhos no camarim do tenor Assis Pacheco, que parecia destinado a concentrar as atenções, naquele momento, e disse :

— Que linda voz tem Pacheco !
Concordamos, agradecendo o elogio ao

(Continua na página 53)

Guilherme Damiano ouve os conselhos do maestro Guarnieri, pouco antes de ter início o espetáculo.



O GOLPE DE ESTADO DE 1832

ESCRAGNOLLE DORIA

As Constituições Políticas tidas por leis básicas carecem de resistência de alicerces. Conta o Brasil 124 anos de existência, nacional, conta 5 leis básicas diversamente elaboradas.

Os anos de 1824, 1891, 1934, 1937 e 1946, os quatro últimos pouco intervalados, mostram datas constitucionais. Em pouco mais de século cinco Constituições, uma jurada, quatro promulgadas, uma das quais adrede preparada para fim único, deixadas à margem as Constituições Estaduais de um Brasil federalizado de golpe.

Na lista das Constituições Brasileiras falta uma, a Constituição nati-morta de Pouso Alegre, recolhida aos jazigos da história patria.

Conhecem aquela lei básica sem execução alguns pesquisadores do nosso passado, um deles Alfredo Valladão cujos estudos de perquirição o abonam e tanto servem a quem repassa anais patrios.

Prestado preito de justiça cumpre remontar à quadra da Regencia, sobretudo folicularia e pasquinaria como o demonstra documentada obra de Helio Vianna, outro perquiridor de utilidade e meritos.

A Constituição de Pouso Alegre figura na Regencia Permanente, a de Lima e Silva, Costa Carvalho e Bráulio Muniz.

Tal triumvirato, por afastamento de Costa Carvalho e por óbito de Muniz, ficaria afinal nos côpos da espada do brigadeiro Lima.

A Regencia Permanente, eleita por voto parlamentar, teve arena política para degladiar de dois partidos, o moderado, de apoio à Regencia, o exaltado contra ela.

Deu-lhe depois auxilio indireto um terceiro partido, o caramurú ou restaurador, desejoso da volta de D. Pedro I reentronizado ou pelo menos regente do Imperio e de seu filho.

Travavam uns "o carro do Sete de Abril", outros pretendiam destravá-lo todos se dizendo democratas.

A Regencia em apertos chamou Feijó a ministro da Justiça ou da Segurança Pública sucessivamente perturbada por motins militares e civis, os desta ultima especie denominados "rusgas".

Com apoio militar uma rusga, a 3 de Abril de 1832, partiu de Botafogo para o Campo da Honra, ora praça da Republica.

Nas ruas dos Ciganos e do Alecrim (Constituição e Nuncio), os rusguentos foram recebidos por infantaria e cavalaria, naquela um major Lima fadado a Caxias, e um capitão Espinho justificando sobre rusguentos seu nome de lembrança dura e ponteaguda.

Confiante em exito, a rusga de 3 de Abril preparára manifesto, escolhera ministerio, designára regentes, estes Antonio Carlos e Paes de Andrade, de experiencia revolucionaria em Pernambuco, e João Pedro Maynard, poeta repentista chamado a improvisos politicos.

A rusga ou abrlada foi vencida, pelo processo silencioso da baioneta calada e do sedativo ferro frio.

Numa atmosfera de inquietação abriram-se as Camaras em 1832. Leu-lhes a Regencia a Fala do Trono. Num dos seus tópicos expunham os regentes a situação interna do Brasil, mostravam "a ordem perturbada na maioria das provincias por varias facções, todas succumbidas aos generosos esforços amigos da ordem e da lei, não tendo ainda querido a Divina Providencia conceder ao paiz tranquillidade a prometer duracão".

A' espera da Vontade Suprema, o Feijó, o padre ministro, continuava a

combater os caramurús entre os quais conspiciuos os Andradas e para combater estes Feijó chegou quasi a pugilismo com Martin Francisco.

De contas velhas com José Bonifacio, alvejou-o Feijó propondo a destituição do Andrada da tutoria da Familia Imperial a ele confiada por D. Pedro I de partida para a Europa e "para sempre", segundo o abdicante de 7 de Abril.

Aprovada a destituição, e por grande maioria, esbarrou no Senador oposto à medida pessoal proposta no relatório do ministro da Justiça.

Por diferença de um voto, o Senado rejeitou a remoção de José Bonifacio das funções tutorias.

Dividiu-se assim a votação senatorial.

Pela remoção — Vergueiro, Alencar, Caravelas, Rodrigues de Carvalho, Inácio Borges, Monteiro de Barros, Carneiro de Campos, bispo D. José Caetano, Barbacena, Valença, Palma, Congonhas do Campo, Inhambupe, Lages, Maricá, Baependy, José Joaquim de Carvalho (17).

Contra a remoção — Santos Pinto, Duque Estrada, Matta Bacellar, D. Nuno Seiblit, Almeida Albuquerque, José Luís de Oliveira, Patricio de Almeida, Gomide, Fariq Lobato, Saturnino, Tinoco, Lourenço de Andrade, Paranaguá, Santo Amaro, Itapoan, Jacarepaguá, Alcantara, Cayrú (18).

Nos blócos do pró e contra houve dois grupos de aristocratisados, o do pró

remoção encabeçado por Barbacena, o do contra presidido por Paranaguá.

Que voto favoreceu, mingudadamente embora, o ameaçado José Bonifacio? Na epoca possível salê-lo com certeza. Hoje verifica-se certo terem sido proremoção os votos eclesiasticos do bispo diocesano do Rio de Janeiro e do padre Alencar, contra a remoção os padres Santos Pinto e Lourenço de Andrade.

O voto do Senador feriu Feijó, a fundo mesmo com a circunstancia de voto unico ter dado ganho de causa ao tutor. O Espirito Santo tinha favorecido Feijó com o dom da força, não com o do conselho, a inspirar tolerancia.

Perseguido pelos Andradas em 1823, Feijó não perdoava, mas com ele, se aborrecia a Regencia rodeada de adversarios e dificuldades e, o que era peor, os membros da Regencia assaz discordes quando da união deveria resultar a força.

A Regencia assoberbada recorreu ao salvarerio das crises politicas e sociais agudas, pensou em golpe de Estado com apoio de seus ministros e de seus amigos.

A conspiração é o prologo dos golpes de Estado. Reuniram-se os partidarios mais graduados na Chacara da Floresta nada boscareja. A Chacara era o que se chama hoje vila ou avenida. Situada na rua da Ajuda a construção da Avenida Central destruiria a rua e a Chacara, não raro apenas conhecida por Floresta.

O Senador Ferreira de Mello (Campanha da Princeza, 1875 — Pouso Alegre, 1844).



Planejado na Floresta o golpe de Estado, a Regencia vibrar primeiro golpe.

Dirigiram-se os tres regentes à Assembléia Geral oferecendo-lhe triplice demissão de seus altos cargos.

Assim os representantes do Brasil ocorreriam com uma nova eleição a bem das exigencias da ordem publica.

Acrescentavam os regentes que outros amigos da Patria e de suas liberdades viriam vencer embaraços com habilidade e talentos politicos.

Todavia os regentes desafiavam a qualquer que pudesse excede-los em boa fé, zelo e pureza de intenções, a eles que tornando á vida privada se não julgavam desonerados de obrigação de coadjuvarem "com seus tenues esforços" à grande causa da Patria e da gloriosa revolução de 7 de Abril.

Satisfeitos, os regentes veriam no logar que ocupavam homens que, mais a aprazimento geral, preenchessem arduos deveres impostos.

Com seus votos pela prosperidade do Brasil e pela consolidação da ordem de cousas vigente, a Regencia Trina ao requerer demissão não podia deixar de agradecer á Camara dos Deputados a leal cooperação dela recebida.

Maliciosa comparação diz o casamento á fortaleza cercada, os sitiados dela querendo sair, a todo transe, os sitiantes nela ávidos por entrar.

A fortaleza regencial em 1832 parecia-se um tanto com a matrimonial, os regentes sitiados pretendendo sair, os sitiantes penetrar.

Os golpes de Estado presumem ambiente arranjado para acolhe-las por bem ou por mal. Em 1832 a regra não falhou, nem ainda falhou no correr de qualquer tempo.

Desde 1831 se pensava em reformas constitucionais, embora nascida uma Constituição segue-se o prurido de reformá-la sem tardar.

Em 1832, e segundo o plano do golpe de Estado, a Camara dos Deputados em legislatura ordinaria transformar-se-ia em Assembléia Nacional decretadora de reformas constitucionais.

A 31 de Julho de 1832 feriu-se na Camara a batalha decisiva para a Regencia, seu ministerio, seus adeptos.

Ao dia parlamentar não falaram oradores, ponderados ou violentos. Mas, no dizer de Rio Branco, deputado houve com a coragem de separar-se de seus amigos para em di curso incisivo operar reviravolta de opinião malgrado o golpe de estado. Honorio Carneiro Leão foi aquele deputado, por um golpe, mas oratorio, obrigando Feijó e outros ministros a deixarem pastas.

A Camara dos Deputados comunicou o successo de 31 de Julho á Regencia e ao Senado, por meio de comissão, tendo Calmon por orador.

A Regencia, ao responder, agradeceu a confiança da Camara, a esta assegurando fazer "últimos esforços" para manter-se no seu posto, do qual só se retiraria com licença da Camara.

Assim acabou o golpe de Estado de 1832. Houvesse vingado e logo surgiria uma Constituição preparada para o caso, a Constituição de Pouso Alegre.

Advinha-lhe o nome de ter sido impressa em tipografia da vila mineira de Pouso Alegre. Fundada em 1830, a officina pertencia ao padre e deputado José Bento Ferreira de Mello, depois senador. Na tipografia editava José Bento o *Progreço Constitucionalista*, primeiro jornal dado á estampa no sul de Minas.

Tria José Bento morte tragica nas cercanias de Pouso Alegre, assassinado em 1844 por protegidos seus e por questões de terras.

Informa Alfredo Valladão: a *Constituição de Pouso Alegre* quasi federalisava o Brasil, alargando as franquias provinciais do Ato Adicional e retirando da coroa o titulo de Defensor Perpetuo do Brasil.

Homem de Mello, em seus *Escreptos Históricos e Literários*, transcreveu na integra a *Constituição de Pouso Alegre*. Que a leiam pois os estudiosos, sobre o do se constitucionalistas.

Simplex d'cemento histórico, foi ditosa a *Constituição de Pouso Alegre*. Inexistida, não sofreu uma emenda, uma alteração, não teve um hermeneuta, não desiludiu ninguém.



VIVECA LINDFORS, A NOVA "ESTRELA" SUECA DE HOLLYWOOD

VIVECA LINDFORS é uma nova aquisição do cinema norte-americano, que foi buscá-la em Estocolmo, onde a linda atriz nórdica tinha um lugar de grande destaque, quer no teatro, quer no cinema. Viveca Lindfors foi contratada, a peso de ouro, por uma das mais importantes companhias de Hollywood, a Warner Brothers, que a levou para os Estados Unidos e lhe deu o papel central de um dos seus novos filmes, "Ships in the river" (Navios no rio), obra de um escritor sueco que está obtendo grande sucesso internacional. O autor desse livro é Gesta Larsson, apontado como um possível detentor do Prêmio Nobel em época futura. Casada com o advogado Folke Rydberg, que a acompanhou nos Estados Unidos, para

estudar aspectos da legislação tributária americana, Viveca Lindfors é uma pessoa encantadora, sem nada das excentricidades de Greta Garbo e tão simpática e afável quanto sua compatriota Ingrid Bergman. A jovem e brilhante atriz nasceu a 29 de dezembro de 1920, em Uppsala, na Suécia. Descende de uma velha família de cientistas, religiosos e soldados. Um dos seus ancestrais, Didrik von Porst, foi o mestre de esgrima do rei Carlos XIII. Seu pai é um major reformado do Exército Sueco,

tendo deixado a farda para se dedicar ao mister pacífico de diretor da Companhia Editorial Lindfors, que lança no mercado escandinavo os livros de maior sucesso no mundo inteiro. Viveca Lindfors diplomou-se num dos colégios suecos para moças e desde estudantes tomava parte em representações de amadores. Dede a idade de sete anos, também vinha estudando dança. Anteriormente, planejava ser uma dançarina, mas depois mudou de idéia, preferindo ser uma atriz. Deixou o colégio aos dezoito

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD



A esquerda, a jovem e triunfante "star" sueca da Warner Brothers, voltando das compras. A direita, ler revistas americanas é um dos prazeres de Viveca Lindfors, mesmo porque, assim, vai enriquecendo o seu vocabulário...

anos, na primavera de 1937, e ingressou na Real Escola de Arte Dramática, como uma das dez alunas selecionadas entre setenta candidatas. Depois de dois anos de treino, passou a ser atriz-aluna, diplomando-se ao fim do terceiro ano do curso. Durante os anos de aprendizado, Viveca representou grande vivacidade de papéis, destacando-se especialmente em "Ann-Sofi Hedvig", escrita pelo autor dinamarquês Kjeld Abel, e em "Key Largo", de Maxwell Anderson. No ano seguinte, na temporada de 1941-1942, obteve um contrato no Teatro Dramático Real, tendo então interpretado "The Corn Is Green", peça inglesa de Emyln Williams, e outros trabalhos. No verão de 1939, percorreu as províncias suecas, voltando a atuar em Estocolmo, na

primavera de 1940, de novo no Teatro Dramático Real, onde o seu sucesso foi notável em francês sem lágrimas. Nesse mesmo ano, fez uma excursão com Olof Molander e outros artistas, representando a peça americana "Gentle People", de Irwin Shaw. Depois de haver interpretado alguns papéis pequenos no cinema, Viveca adquiriu fama como estrela cinematográfica em "Tank om Jag Gifter Mig Med Frasten", o que, embora não pareça, pode ser traduzido pelas seguintes palavras: "Devo casar com o ministro". Essa fita, produzida pela Lux Film, foi aplaudida calorosamente pela crítica e exportada para vários países, entre os quais os Estados Unidos, onde a imprensa exaltou o seu trabalho. E, desde então, fez mais de uma dúzia de filmes que se destacaram em verdadeiras campanhas de bilheteria.

Ocupada com suas atividades cinematográficas, nesse espaço de tempo só voltou ao teatro por duas vezes, uma delas para representar "Bodas de Sangue", de Frederico Garcia Lorca, no Teatro Dramático Real, e para desempenhar o papel de Olivia em "Noite de Reis", de Shakespeare. Muitas vezes, durante a guerra, Viveca participou de festas em benefício da França, e de outros países devastados. E, pelo seu trabalho humanitário, foi condecorada com a medalha da Cruz Vermelha. Também tomou parte em muitas festas em benefício dos exilados dinamarqueses na Suécia.

Em Hollywood, a simpatia de Viveca Lindfors tem encantado a todos e lhe valido muitas amizades preciosas entre a colônia cinematográfica.



Em cima, a protagonista de "Ships in the river" cuidando do seu jardim californiano, bem diferente dos jardins suecos... sentada na grama, ao lado do seu cão favorito, sob o sol Californiano... Em baixo, no balanço do jardim, Viveca Lindfors premia o fotógrafo com um lindo sorriso... Nos fundos de sua casa, à sombra de um galho de fruta-pão a árvore que nunca vira antes...





Ao alto à esquerda — Billy Ward ensaia com sua "mamãe cinematográfica", Olivia de Havilland, as cenas de "Só resta uma lágrima", em que atuam juntos. A julgar pela expressão do garoto, a tarefa da encantadora atriz não é muito difícil, pois Billy não só presta muita atenção às "deixas", como se acha compenetrado da responsabilidade do papel a seu cargo. A direita — Billy e Olivia num expressivo close up de "Só resta uma lágrima". Este é um dos momentos mais tocantes do filme, provocando lágrimas quando uma sofredora mulher procura desesperadamente conquistar a afeição de seu próprio filho, mostrando-se este indiferente e impassível. Em baixo à esquerda, chegou, finalmente, a hora do descanso! Num dos intervalos da filmagem de "Só resta uma lágrima", Billy Ward se distrai com "Shorty", ensinando-lhe o que deve fazer quando atuarem juntos, numa das próximas cenas do filme. A direita, como as leis da Califórnia não permitem que os atores juvenis sacrifiquem suas horas de estudo a favor do trabalho no cinema, Billy Ward, à hora certa, recebe a visita de sua professora, a sra. Fern Carter. Aparentemente, pelo menos, o garoto está interessadíssimo em saber qual é o número que vem depois do oito...





A atividade das crianças no cinema

CUIDADOS ESPECIAIS PARA COM OS ATORES INFANTIS — UM EXEMPLO DO QUE SE FAZ NA PARAMOUNT

Os atores infantis constituem uma das partes mais importantes da colônia artística de Hollywood. São eles geralmente tratados como adultos, com a mesma deferência e respeito, e fazem jus, como as *big stars* a camarins exclusivos, assistentes privados e até mesmo "stand in", ou sejam substitutos de luz, fotografia, etc. E, naturalmente, também recebem bons salários. Não ignoram eles que estão trabalhando como qualquer homem ou mulher, e que precisam, consequentemente, da necessária recompensa aos seus esforços.

A maior diferença entre os atores adultos e os infantis, é que estes últimos têm que alternar as atividades artísticas com os deveres escolares.

Em cumprimento às rígidas leis californianas, os estúdios são obrigados a manter escolas para os atores juvenis, afim de que não sofra qualquer interrupção a vida escolar dos garotos. E, o que é mais importante, a continuação do trabalho artístico fica na dependência do boletim de notas, não podendo pois ser ator quem foi reprovado nos exames...

Uma boa interpretação infantil exige, comumente, um grande tirocínio cênico. Não resta dúvida que a disciplina e o método, iguais para adultos e crianças, muito contribuem para incutir nestes últimos, instintivamente, o cunho de responsabilidade que os primeiros possuem de caso pensado. O certo é que reina entre todos a maior cordialidade e harmonia, havendo um desejo comum de fazerem bem o que lhes compete.

A despeito de sua pouca idade, Billy está caminhando para se tornar um veterano da tela, tendo já figurado em "Experiment Perilous", da R.K.O., em "Naughty Ninetes" e "Amazing Mrs. Holliday", da Universal.

Um dos mais talentosos atores infantis de Hollywood é Billy Ward, que desempenha o papel de filho de Olivia de Havilland em "Só resta uma lágrima", filme selecionado para comemorar o 30º aniversário da Paramount na América Latina.

Durante as filmagens de "Só resta uma lágrima", produção de Mitchell Leisen, decaída num argumento de Charles Brackett, Billy Ward andou um bom dia atarefado, como se pode ver nesses flagrantes fotográficos.

Ao alto, Jack "Butch" Jenkins, outra celebridade de calças curtas, ao lado de sua coleguinha Margaret O'Brien, numa aula da escola particular do estúdio da Metro-Goldwyn-Mayer. Ao lado, Beverly Sue Simmons, uma das mais famosas atrizes infantis de Hollywood, ao lado de sua mãe, sra. Beverly Simmons. A pequena Beverly acaba de aparecer em "Era seu destino", na Universal, e ora está filmando "Little Miss Big".





IVETE RIBEIRO, cuja personalidade artística ainda não foi bem valorizada no nosso rádio, é, contudo, uma das mais interessantes intérpretes da música popular brasileira. Tendo integrado o "cast" de várias emissoras cariocas, no momento excursiona pela parte setentrional do país, levando às platéias nortistas, a beleza e a graça de sua voz. Muito jovem ainda e dotada de rara formosura, Ivete Ribeiro possui aquele "charme" essencial a uma perfeita artista, graças a isso, vem sendo cada vez mais cobiçada pelas estações e "boites" brasileiras, não lhe faltando vantajosos contratos, embora não lhe hajam dado, ainda, uma posição de verdadeira "star". Com um metro e 62 de altura, cabelos castanhos e olhos azuis, Ivete Ribeiro, que é carioca da gema, já gravou diversas composições, inclusive "Amigo da Onça" e "Bomba atômica", dois números que abafaram no carnaval passado. A propósito dessas músicas, convém lembrar que ambas constituíram os números de sua apresentação ao microfone da "Rádio Fluminense de Broadcasting", onde, por sinal, a interessante cantora realizou uma brilhante temporada. Depois, tivemos-a animando a programação de estúdio da Rádio Clube do Brasil e, em seguida, foi ao Pará, onde tomou parte nas festas de Nazareth. Depois de volver ao Rio, fez nova "tourné", à Bahia, atendendo um convite da principal orquestra bahiana. E, de seu êxito na terra do Senhor do Bonfim, dizem melhor as crônicas locais, que não lhe regateiam aplausos. Segundo informação que colhemos, Ivete Ribeiro está sendo cobiçada pela direção-artística da PRA-3.



QUANDO mais se fazia sentir a presença de um bom locutor no rádio carioca, a Mayrink Veiga, então no alvorecer de sua existência, foi buscar em São Paulo, Cesar Ladeira. Verdadeira metamorfose operou-se no nosso rádio, uma vez que o famoso "annonceur" trouxe para aqui uma série de idéias novas. Programas até então considerados absurdos, foram lançados com absoluto sucesso, marcando uma época de expressivas realizações.

Cesar Ladeira é natural de Campinas, contando, atualmente 36 anos de idade e quinze de atividade radiofônica. Há treze pertence à família mayrinquiniana, à qual tem prestado bons serviços. Sua carreira começou na imprensa. Contava dezois anos quando estreou na qualidade de diretor de um pequeno jornal. A seguir passou a ser cronista social do "Correio Popular". Foi nessa fase que veio ao Rio para fazer exames vestibulares da Faculdade de Medicina. Mas, ao contrário de Paulo Roberto, estava escrito que não seria médico. Daí seu ingresso na Faculdade de Direito, onde cursou até o terceiro ano. Colaborou no "Diário de São Paulo", e secretariou o "Correio da Tarde" na revolução de 1932. Naquele posto o foi buscar a PRA-9 para entregar-lhe seu microfone e sua direção-artística. Na Mayrink, lançou programas de indiscutível sucesso como "Teatro pelos Ares", "Cortina Sonora" e "Biblioteca do Ar". Escreveu peças teatrais, como "Rifa-se uma mulher", "Parei contigo", "Sessenta beijos por minuto" e "Cidade Maravilhosa". Publicou um livro de crônicas e colaborou em "Cine-Rádio-Jornal". Há pouco, apareceu como ator de cinema em "Sob a luz do meu bairro" e, agora, representa o Brasil na Conferência de Rádio do México, para onde acaba de embarcar.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA

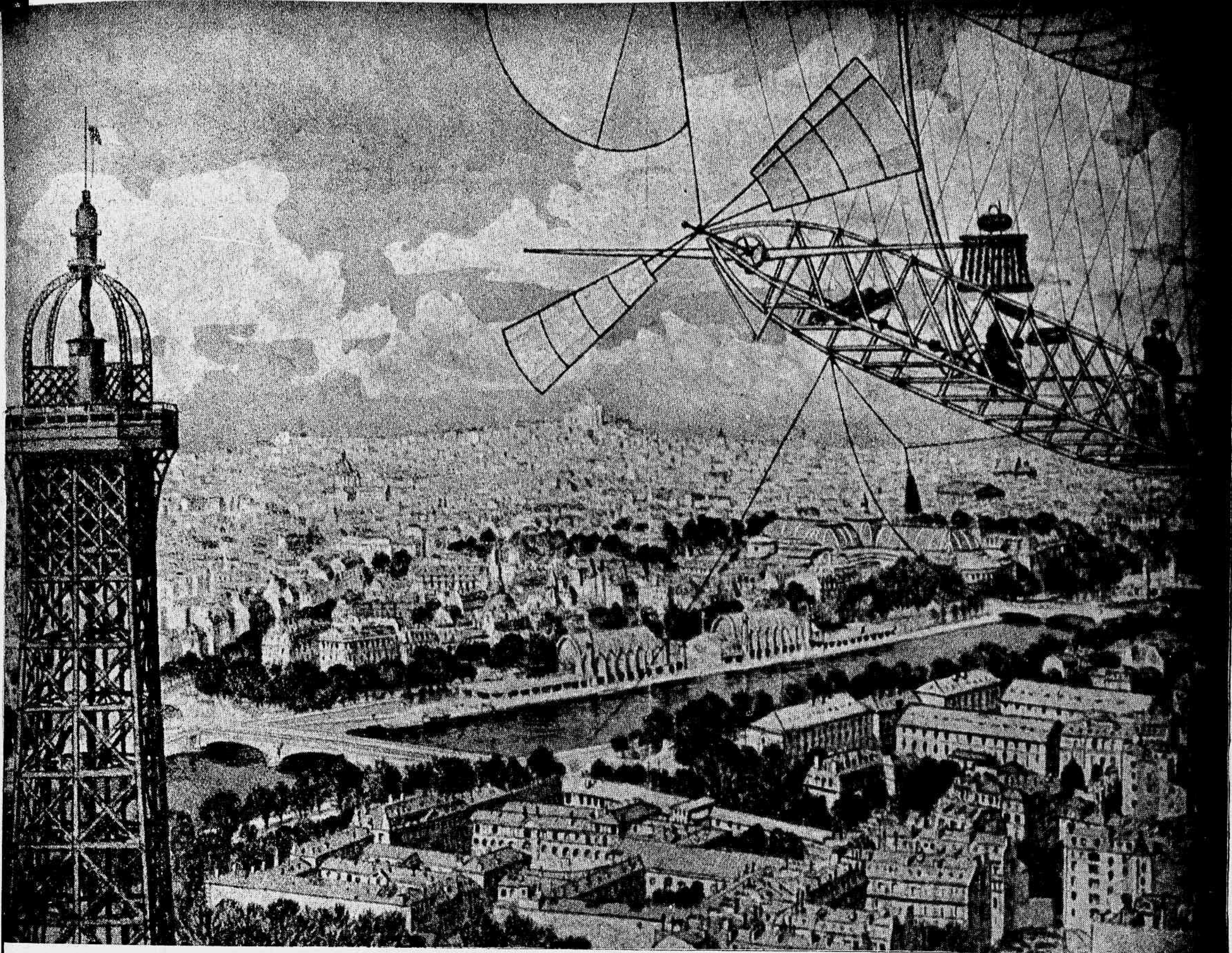
Por ARMANDO MIGUEIS



HORACINA CORRÊA ingressou no rádio por necessidade, uma vez que o diploma de professora não lhe dava margem para ganhar o suficiente para viver. Órfã de pai e mãe, vivendo em companhia de seus avós, cuidou de defender o pão de cada dia, aproveitando a "chance" que lhe foi oferecida em Porto Alegre pelo pianista Paulo Coelho, ao microfone da Rádio Farroupilha. Seu primeiro contrato assegurou-lhe o ordenado de trezentos cruzeiros mensais. Na estação gaúcha, permaneceu pelo espaço de dois anos, vindo a seguir para o Rio, a chamado da Rádio Tupi, onde alcança extraordinário sucesso, a ponto de ser contratada logo depois para uma excursão a Buenos Aires. Na capital argentina, cantou na Rádio Splendid, onde na ocasião se achava também Carmen Miranda. Em Buenos Aires, tomou parte em vários "shows"; cantou nas "boites" locais, integrou a grande companhia Portenha de Revistas, ao lado de Charlo, Sabina Olmos, Armen Lamas e outros ases da música portenha, e fez algumas gravações que despertaram vivo interesse. Regressando ao Rio, voltou a integrar o "cast" da PRG-3, aí permanecendo até 1945, quando trocou de prefixo. Foi a convite de Manoel Barcelos que passou a pertencer à Rádio Globo, na qualidade de artista exclusiva, tomando parte nos programas de estúdio da PRE-3.

Nascida no Rio Grande do Sul, Horacina Corrêa nem por isso deixou se prender às antigas dos pagos, preferindo o ritmo quente e buliçoso do samba, que tanta popularidade lhe tem dado. Ultimamente colaborou no cinema nacional, tomando parte em "O Portico", em que fez o papel da Rita Bahiana do romance de Aluísio Azevedo. Eis aí, em rápidas linhas, um pouco da vida da professora Horacina.

GIUSEPPE ARTIDORO GHIARONI nasceu em Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1919. Fez-se operário aos 11 anos de idade. Numa sucessão de profissões, ainda no interior, foi aprendiz de barbeiro, ferreiro, caixeiro de ônibus para exercer a função de trocador. Não e dando bem, tornou-se empregado de um armazém de secos e molhados, até que conseguiu uma promoção para "office-boy" numa empresa cinematográfica, a Universal Pictures. Nessa época, estudou inglês com redator e tradutor. Dessa época datam alguns dos seus contos, inclusive "A moça branca", que mais tarde, ele transformou numa novela de rádio, e "Um raio de luz". Dessa época foram também as traduções dos livros "A mulher de branco" e "Lama nas estrelas". Ghiaroni ingressou na Rádio Nacional para redigir em inglês, no Departamento de Ondas Curtas. Depois que se tornou conhecido com as suas novelas e seus programas mento de Rádio de importante empresa americana. Finalmente, o rádio o atraiu de novo, voltando ele à Nacional, de onde é, atualmente, redator e programador, com absoluta exclusividade. Ghiaroni é ainda o autor de "Tancredo e Trancado", o mais falado cartaz do rádio, e já publicou dois livros de poesia: "O dia da existência" (1941) e "A graça de Deus" (1945). No momento ele trabalha numa peça teatral, baseada no samba de Noel Rosa, "João Ninguém". Escreveu, ainda, para PRE-8 a novela radiofônica "Mãe", cujo papel principal foi confiado a Ismenia dos Santos.



Quando Santos Dumont, no seu dirigível, fazia a volta da Torre Eiffel, em Paris, a 18 de outubro de 1901 (Composição de Eugene Grasset).

"Em discurso pronunciado perante o Instituto de Engenheiros, de que é presidente, Sir Amos Ayres declarou que o uso de energia atômica para a propulsão de grandes navios já aparecia no horizonte".

(Telegrama de Londres)

À CONQUISTA DOS MUNDOS

Por
BERILO
NEVES

LIBERTA a energia nuclear, estamos sendo atirados para o Futuro com velocidade próxima da Luz. Nas grandes oficinas da Inglaterra e dos Estados Unidos, traçam-se os planos de foguetes-meteoros, que irão, espaços em fora, em busca de novos mundos. Enviamos, à tímida Lua, mensagens palpitantes de radar. Demandamos o fero Marte com bilhetes-postais sonoros e ansiosos... Dantes, não tínhamos energia adequada à conquista galharda do Universo. Corríamos a 50 quilômetros horários e chegávamos esbaforidos à meta final... Os aparelhos de caça correm sem maior sensação, a 800 e 900 kls. por hora. Os aviões a jacto são chispas mortíferas, que saem dos anjos diabólicos de Plutão. Quer dizer da energia atômica, a propelar os instrumentos da ambição ou da curiosidade do **homo sapiens**?...

Esta é a tormentosa visão do Amanhã. Correremos os espaços com a alma ignívoma do raio. Passaremos, de planeta, com a rapidez de um tufão astral. As balizas dos mundos haverão de desaparecer ao choque fatal do nosso engenho. Não há fronteiras para a nossa ousadia — nem limites à nossa leucura...

Quando surgiram as primeiras locomotivas, sábios conspícuos asseveravam sua incompatibilidade com a vida humana. Os pulmões da nossa espécie zoológica, não afeitos a essas velocidades estupendas (30 ou 40 kls. horários), haveriam de desfazer-se em contacto com o ar tormentoso das corridas... Stevenson era um louco, cujas proezas se tornariam obsoletas depois dos primeiros vãos de Santos Dumont. O "Demoiselle" — pobre libélula de asas tênues! — apareceu, nos céus de Paris, há 40 anos, como um monstro apocalíptico... Como confiar a Vida a semelhante engrenagem do Averno?

Imaginemos os navios, aviões e trens impulsionados a energia atômica. Figuremos os aparelhos transtêreos disputando, ao Sol, a velocidade dos seus raios! Há anos, já, que batemos todos os records de vôo natural — a começar pela aligera, descuidosa andorinha — a mensageira natural do ar. Os nossos aviões correm os espaços

celestes sem rival de qualquer natureza. As águas fogem ao ronco triunfal dos nossos motores. A rainha das alturas perdeu o seu velho, secular primado. Quem ousará deter-nos na marcha irresistível para o Desconhecido?

Todavia, não aumentamos de um dia sequer o prazo improrrogável da nossa existência. Morreremos cedo — muito mais cedo do que as tartarugas e o cedros. Diante de um vetusto carvalho — que jamais sai do lugar em que nasceu — somos tão frágeis como uma borboleta sonhadora, ou um beija-flor inquieto... Não sabemos fortificar o arcabouço que nos deixou de herança a Providência. Somos o mais fraco e desprotegido dos seres. Nossos ossos não resistem ao choque da pedra, e nossas vísceras desfazem-se, facilmente, sob a ação maléfica dos micróbios. Nascemos nus e desamparados, de qualquer defesa. O leãozinho traz as suas garras; a cobra, a facilidade de gerar veneno e de instilá-lo, de maneira mortal, nos que a atacam... O homem, o pobre homem nu, é uma folha solta no turbilhão de um temporal...

Outrossim, não grangeamos maior felicidade com os instrumentos novos da nossa invenção. O homem moderno debate-se em meio à maior crise social da História. Nem nos rudes tempos feudais, houve tanta inquietação e tanta amargura. Proprietários de aparelhos sagazes, não conhecemos o mecanismo ideal para a sociedade humana. Estamos às voltas com a insatisfação das massas e o desespero das elites. De que nos serve correr a 1.000 kls. horários, se não sabemos para onde vamos?...

Por mais depressa que naveguemos os espaços, por mais potentes que sejam as asas com que armemos o nosso frágil corpo, não adiantamos de um segundo o relógio da Eternidade... Tudo se passa de acordo com os decretos inelutáveis da Providência. A guerra, a peste e a fome continuam a cavalgar por entre as ossadas

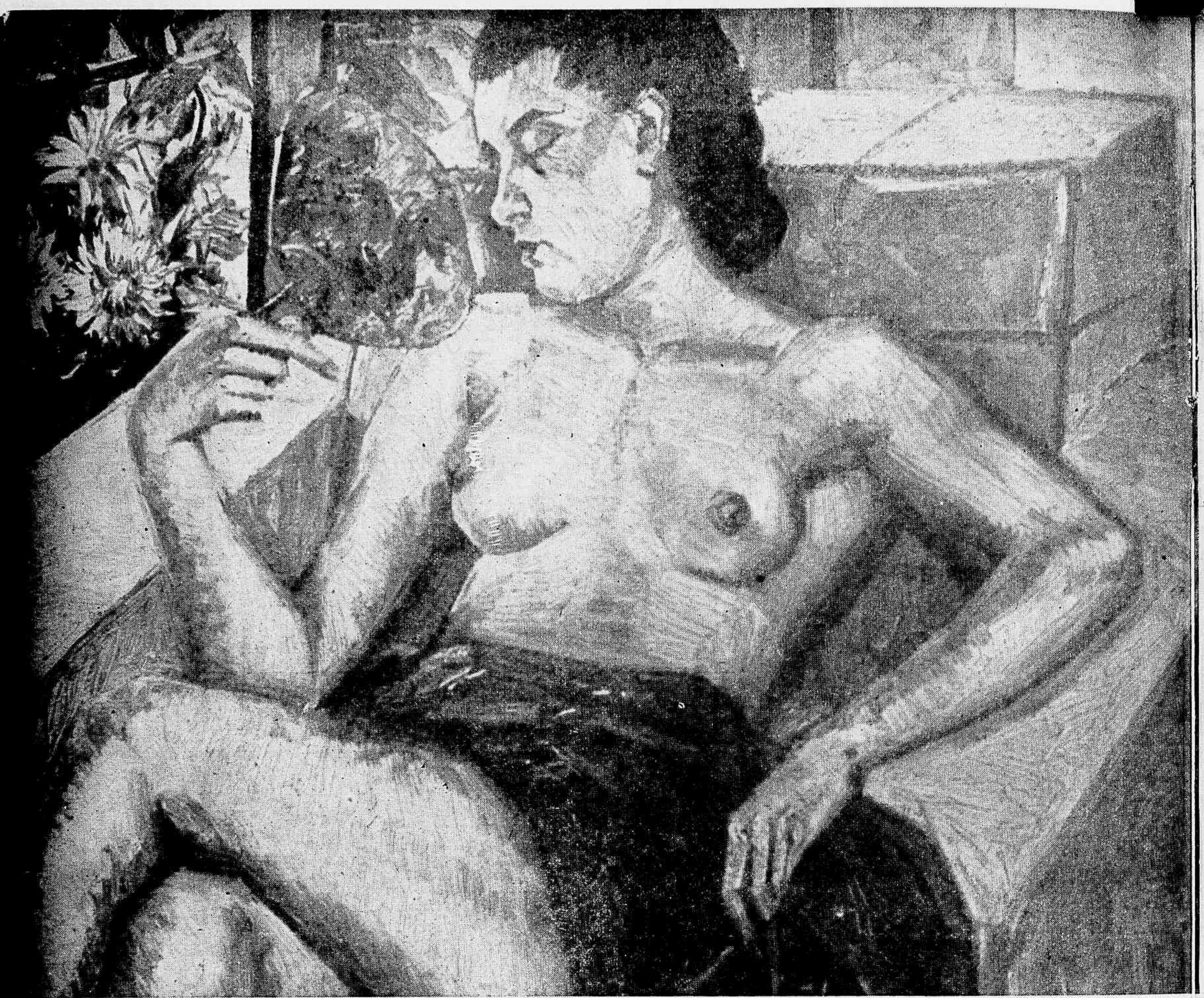
das multidões. O choro das crianças perturba a harmonia cósmica das esferas. Como atrever-nos a novos mundos, se não sabemos pôr em ordem o nosso?...

Não obstante o malagrar do nosso sistema social, diligenciamos meter o nariz nos planetas vizinhos. Há pedidos de compra de terrenos na Lua e projetos de exploração mineralógica em Marte. Fátuos e presumidos, acreditamos que os milhões de mundos que polvilham luminosamente o Infinito estão à nossa espera, para iniciarem suas civilizações... Com certeza, se existe alguém em Saturno ou Mercúrio, ainda está no período da pedra lascada... Encontraremos os Selenitas em cavernas, ou — quando muito — em casas lacustres... Até aonde vai a nossa estúpida vaidade humana?

Não nos iludamos: os projetos de viagens interplanetárias constituem uma fase avançada do nosso velho instinto imperialista. Queremos colonizar as estrelas, como se elas fossem iguais às tristes margens do Zambeze... Livingstones do espaço, não tarda que fundemos companhias especialmente destinadas à exploração das minas de ferro de Marte ou as de salitre de Saturno... Em que planeta, deter-se-á a terrível ambição humana? **Sic itur ad astra...**

Acabamos de vencer a velocidade do som. Estamos indo além dos 1.000 quilômetros horários. Os aviões se-melham faíscas de um incêndio cósmico. Quem os vir passar, na órbita de outros planetas, dirão-los meteoros de nova espécie, fragmentos ardentes de mundos perdidos e longínquos...

Tudo se resumirá em negócios e títulos da Bolsa de Valores. Não vamos povoar estrelas: vamos comprar terrenos valorizáveis. Caixeiros-viajantes da Terra, acabaremos os nossos dias em alguma remota alfândega astral, presos por passar contrabando de pedras preciosas, e recolhidos, para sempre, a alguma lúgubre cadeira de algum mesquinho mundo suburbano...

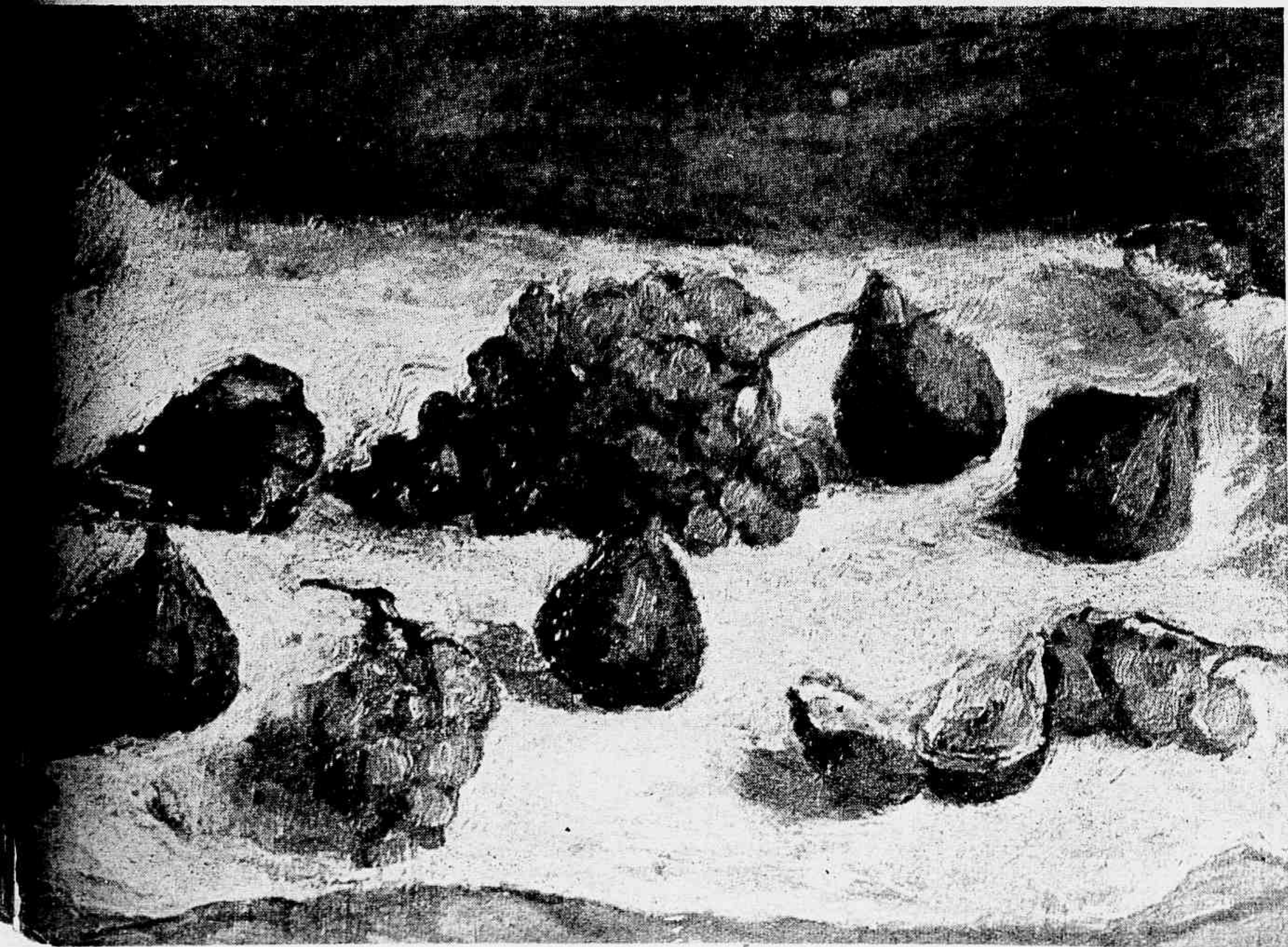


M
ao
de

L

col
na
lie
Su
gè
col
no
pa
pi
na
lia
vic
cro
sul
ac
na
ae
Lio
jan
ve
ao
be
po
pa
ad
ex
re
te
ce
es
ex
pr
se
tan
pe
ra
pr
a
vi
nù
ta

A
ro
Si

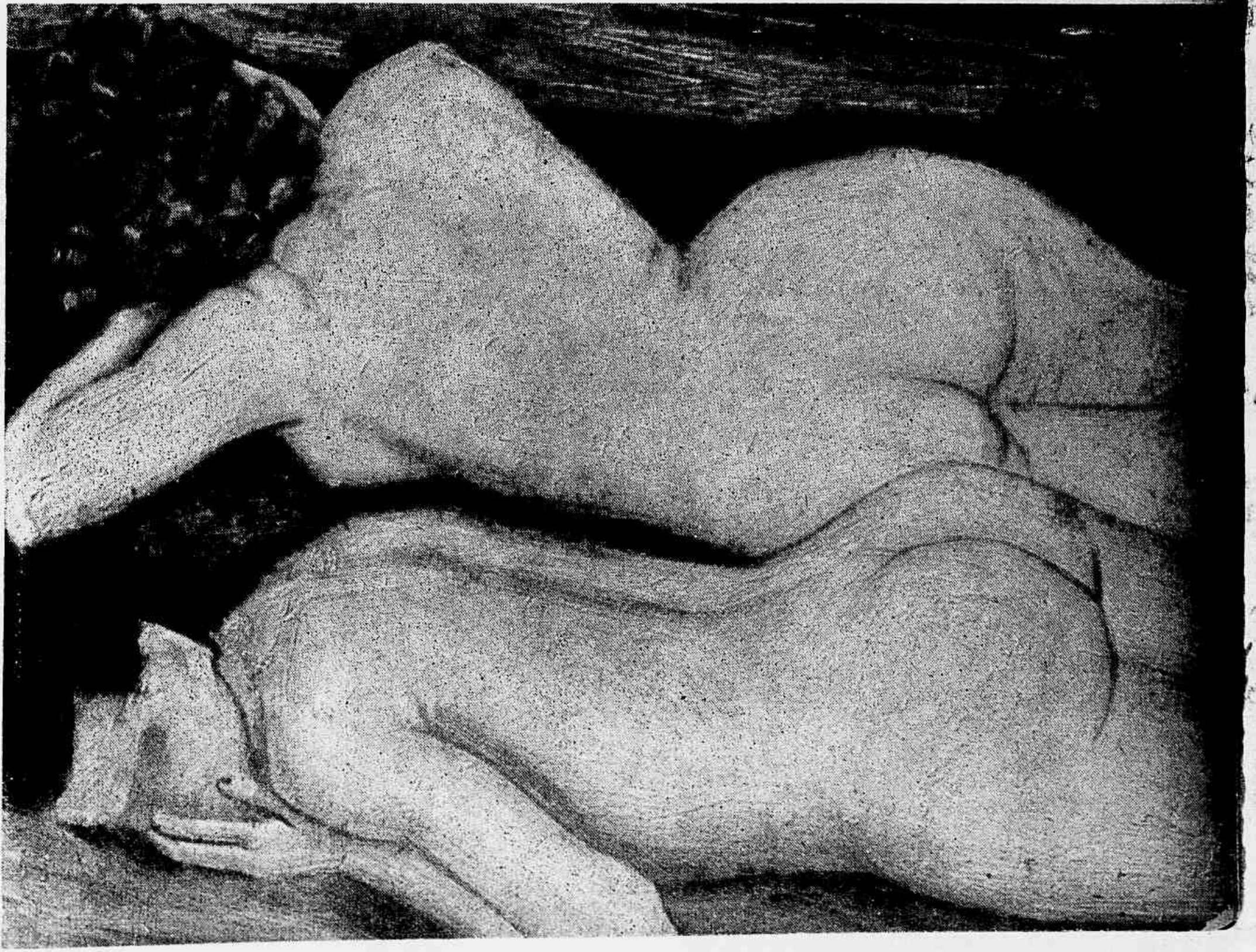


OS NOVOS DE MILÃO

Mensagem dos artistas democráticos italianos ao povo do Brasil — A exposição que acaba de ser inaugurada na Associação Brasileira de Imprensa

DURANTE muitos anos, as relações culturais e artísticas entre a Itália e o Brasil estiveram limitadas e quase praticamente interrompidas, em razão do controle exercido pelo fascismo sobre as atividades italianas em geral. Convinha mais ao caráter do fascismo regular vãos com esquadrias militares, ora à América do Sul, ora à América do Norte, para impressionar os indígenas com o seu poderio aéreo, do que se preocupar com coisas de arte e de pensamento. Sob a opressão do fascismo, escritores e artistas italianos emigravam para vários países, numa dispersão constante de valores, ou eram compliticos e hostilizados dentro da própria Itália, quando não se subordinavam à dominação oficial. Libertada a Itália, restaurada a sua vida democrática, extinta a escravidão que juncia o pensamento italiano, os artistas democráticos, os que haviam formado o cerne da resistência subterrânea contra o fascismo, trataram logo de se articular e de organizar grupos capazes de uma ação coordenada. Um desses grupos e o dos pintores e escultores modernos de Milão, que tiveram a lembrança de enviar ao Brasil, sob o patrocínio da Embaixada italiana no Rio de Janeiro, uma interessante exposição cujos trabalhos serão vendidos na nossa capital, em benefício da comunidade dos artistas milaneses. O pintor Vaccarini, — que é também um escultor de talento — foi quem trouxe essa exposição ao Brasil. Mostras semelhantes foram organizadas para Varsóvia, Moscou, Estocolmo, Nova York e outras cidades. É esta a primeira vez que se vê no Brasil uma exposição de arte contemporânea italiana e nela estão representados, além de Vaccarini, — que foi um comandante de brigadas, de "parteggiani", durante a guerra —, cerca de vinte pintores e escultores. Todos esses artistas estudaram nas principais academias de arte italianas e expuseram, no seu país, e no estrangeiro, conquistando prêmios. São elementos provavelmente democráticos, com serviços prestados à causa da libertação italiana e, portanto, seus quadros podem ser adquiridos sem reservas pelo público brasileiro, pois muitos dos artistas que figuram na exposição foram companheiros de armas dos nossos pracinhas. Essa mensagem de arte e cordialidade que a Itália democrática nos enviou está despertando o mais vivo interesse e atraindo aos salões da A.B.I. grande número de visitantes. E é, na verdade, uma revelação de talento e de técnica.

A esquerda: Cuniolo, "Mulher ao sol" — A direita: Biondi, "Camponês" — Em baixo, da esquerda para a direita: Silvio Livio, "Natureza Morta"; Vaccarini, "Minha Mãe"; Cuniolo, "Mulheres na praia".



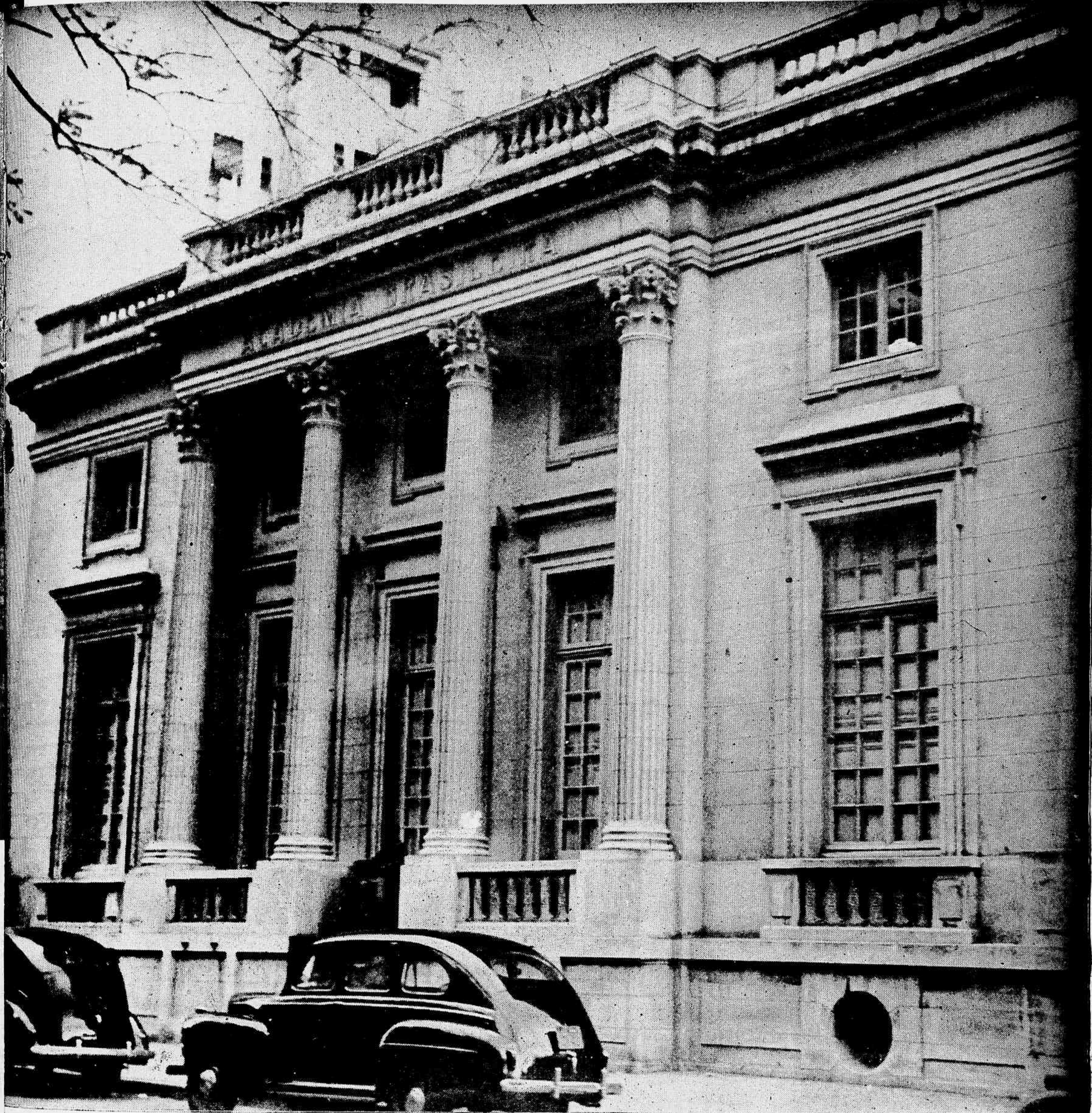


DENTRO de alguns dias, a Academia Brasileira de Letras terá completado cinquenta anos de idade. Não é mais uma criança. Nem mesmo uma mocinha. É uma senhora madura, mas de muitos encantos. Por isso mesmo, cortejadíssima. Tem quarenta maridos, — a polândria nasceu com ela, — e mais de quarenta namorados. Conquistá-la é um título de glória para os D. Juans literários que fazem serenatas sob o seu balcão. Muitos fingem desdenhá-la, mas intimamente se ralam, de penas e amores rufecados. Na noite de núpcias, faz questão de exterioridades cintilantes e faustosas. O eleito deve comparecer de espadim, chapéu de almirante e o peito coberto de bordados de ouro. Os que estão de fora falam mal daquilo. Falam mal, mas, em verdade, gostariam de ser os heróis daquelas noitadas. Já se disse até mesmo que a Academia Brasileira de Letras é uma imitação da Academia Francesa e que a nossa "imortalidade" é um "ersatz" da verdadeira glória. Não faltam sátiras, epigramas, perfídias contra a instituição cinquentenária e, hoje, milionária também. Mas a grande verdade é que, tendo de escolher uma vez por outra, uma modicidade farfalhada, a Academia Brasileira de Letras nem por isso deixa de ter abrigado, no seu seio, algumas das figuras mais altamente representativas da nossa cultura e do nosso progresso intelectual.

QUEM FUNDOU A ACADEMIA?

Lúcio de Mendonça é apontado por muitos, como o fundador da Academia Brasileira de Letras. O ilustre poeta e jurisconsulto, teria lançado a idéia da fundação desse sodalício, com caráter oficial. Mas o ministro do Interior e Justiça, Aristides Lobo, teria preferido congelar a idéia. Medeiros e Albuquerque, entretanto, em discurso proferido na Academia de Letras a 10 de Janeiro de 1924, assevera que a idéia não partiu de Lúcio de Mendonça, mas dele, Medeiros e Albuquerque. E escreve: "No Ministério do Interior, de que eu passei a ser um dos diretores, Aristides Lobo incumbiu a Rodrigues Barbosa e a mim, de organizar o orçamento para o ano seguinte. Como a minha diretoria era precisamente a da Instrução Pública, pensei em aproveitar a ocasião e incluir no orçamento a verba para uma Academia Brasileira, que seria criada pelo governo. Preparei os estatutos e submeti o caso a Aristides. Este, aprovando embora a idéia, achava que ela não devia figurar no orçamento". Diz Medeiros e Albuquerque que só depois foi que Lúcio de Mendonça, que era secretário de Aristides Lobo, se interessou pela idéia, que lhe fora exposta pelo ministro. Isso em 1889. Medeiros e Albuquerque diz que Lúcio de Mendonça, em pessoa, acentuou, em artigo assinado, no "Estado de São Paulo", que ele, Medeiros, fora o autor da idéia. Entretanto, Afrânio Peixoto, prefaciando o livro de Fernando Neves (Fernando Nery), "A Academia Brasileira de Letras", asseverava que Afonso Celso Junior, ainda no império, tivera a

De cima para baixo:
A mesa da Academia Brasileira de Letras em dia de sessão ordinária. Na presidência, Cláudio de Souza, o autor de "Eu arrango tudo", que pretende arranjar uma sede nova, — um arranha-céu, — para sede da Casa de Machado de Assis. Os secretários e tesoureiro são Rodrigo Otávio Filho, Gustavo Barroso e Vianna Moog (este já substituído no seu posto por Peregrino Junior). Grupo de académicos examina uma edição rara da biblioteca da Academia. Da esquerda para a direita, aí estão Ademar Tavares, Rodrigo Otávio Filho (o único académico que teve até hoje o privilégio de suceder ao seu próprio pai), Peregrino Junior, Pedro Calmon e Carneiro Leão. Um abraço académico. No primeiro plano, o chapéu de almirante, que é uma das insígnias da "imortalidade" literária.



O Petit Trianon, hoje sede da Academia Brasileira de Letras. Foi pedido pela presidência da "ilustre companhia" ao embaixador Alexandre Conty, amigo e tradutor de Afrânio Peixoto. E a doação foi feita pelo presidente Millerand e pelo "premier" Poincaré.

O Cinquentenario da Academia Brasileira de Letras

Um pouco de história da Casa de Machado de Assis — Nascimento pobre e presente próspero — Os quarenta "imortais" — Pais e filhos — A herança do livreiro Alves.

Reportagem de R. MAGALHÃES JUNIOR

Especial para REVISTA DA SEMANA

mesma idéia, sendo, portanto, um predecessor de Medeiros e Albuquerque. E isso sem deixar de mencionar que, em 1847 e em 1878, já o Instituto Histórico e Geográfico se ocupara do mesmo assunto. Como quer que seja, a verdade é que Lúcio de Mendonça foi a força propulsora, o realizador daquela idéia.

A FUNDAÇÃO E OS PRIMEIROS ACADEMÍCOS — SÓ UM SOBREVIVE

As primeiras notícias sobre a Academia Brasileira de Letras apareceram na "Gazeta de Notícias", a 10 de Novembro de 1896 e, no dia imediato, no "Jornal do Comércio", segundo informa Afrânio Peixoto. A 15 de dezembro, às 15 horas, na redação da "Revista Brasileira", à travessa do Ouvidor nº 31, realizou-se a primeira sessão preparatória, na qual foi aclamado presidente o escritor Machado de Assis. Seguiram-se outras reuniões

preparatórias, nas quais passaram a si mesmos os diplomas de "imortais" os trinta primeiros acadêmicos, — Araripe Junior, Arthur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay, Coelho Netto, Filipe de Almeida, José do

Patrocínio, Luís Murat, Valentim Magalhães, Afonso Celso Junior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Conselheiro Pereira da Silva, Ruy Barbosa, Sylvio Romero e Urbano Duarte. Ao todo, eram trinta. Esses elegeram os dez restantes (numa sessão a que, aliás, só compareceram dezesseis): Aluizio Azevedo, Barão de Loreto, Clovis Bevilacqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luiz Guimarães Junior, Magalhães de Azeve-

foram Magalhães de Azeredo, com 25 anos; Pedro Rabelo, com 29; Graça Aranha, com 29; Paulo Barreto, com 29; Oliveira Lima, com 30; Medeiros e Albuquerque, com 30 e Guimarães Passos, também com 30. Os mais velhos foram Lafayette Rodrigues Pereira, com 75; Rocha Pombo, com 75; Homem de Melo, com 79; D. Silvério Gomes Pimenta, com 79; Conselheiro J. M. Pereira da Silva, com 80 e Ramiz Galvão, com 82 — este um recordista da longevidade.

O Distrito Federal deu maior número de acadêmicos de que qualquer outra unidade da Federação. Ao todo: 24. Pernambuco vem em segundo lugar, com 16 acadêmicos, e São Paulo e o Estado do Rio com 15, cada um. Amazonas e Goiás são os dois únicos Estados brasileiros ainda imunes: até hoje não deram um único acadêmico. Dezesesseis dos acadêmicos já foram ministros de Estado e cinco foram ministros do Supremo Tribunal Federal.

OS QUARENTA NO ANO DO CINQUENTENÁRIO

Por singular coincidência, os "quarenta" estão completos, no ano do cinquentenário da Academia Brasileira de Letras. São eles: Carlos Magalhães de Azeredo (o único sobrevivente do grupo fundador); Afonso d'Escagnolle Taunay; João Neves da Fontoura; Roberto Simonsen (que ainda não tomou posse); Vianna Moog; Aloisio de Castro; Barbosa Lima Sobrinho; Afrânio Peixoto; Oliveira Vianna; Oswaldo Orlic; Ademar Tavares; José Carlos de Macedo Soares; Helle Lobo; Otávio Mangabeira; Guilherme de Almeida; Carneiro Leão; Pedro Calmon; Edgard Roquette Pinto; Peregrino Junier; Gustavo Barroso; Múcio Leão; Olegário Mariano; Miguel Osorio de Almeida; Manuel Bandeira; Luis Edmundo; Ataulfo Napoleão de Paiva; Ribeiro Couto; Levy Carneiro; Claudio de Souza; Antonio Austregésilo; Getúlio Vargas; Cassiano Ricardo; Viriato Correia; D. Aquino Correia; Rodrigo Otávio Filho; Clementino Fraga; Celso Vieira; Menotti del Picchia; Rodolfo Garcia e Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataide).

Dizem as más linguas que o sr. Getúlio Vargas entrou para a Academia Brasileira de Letras porque ninguém, ali, ousaria se pôr ao intento do ditador absoluto, que poderia ir ao extremo de dissolver a corporação e confiscar os seus bens (dos acadêmicos, no seu governo, um foi preso várias vezes (Gustavo Barroso), outro exilado (Otávio Mangabeira) e outro (Helle Lobo) aposentado pelo artigo 177 da Carta de 1937...) A verdade é que, eleito, o ex-ditador soube ser grato e aumentou o patrimônio do Petit Trianon, doando à Academia de Letras um próprio nacional que existe ao seu lado...

PAIS E FILHOS

Na Academia Brasileira de Letras, o primeiro filho de acadêmico a conquistar uma das cobrigadas poltronas azuis foi o

A estátua de Machado de Assis, na fachada da Academia Brasileira de Letras. No pedestal, está um verso alexandrino do autor de "Dom Casmurro": "Esta a glória que fica, eleva, honra e consola..." Cético de tudo o mais, acreditava, entretanto, na "imortalidade".

do, Oliveira Lima, Raymundo Correia e Salvador de Mendonça.

PRIMEIRA DIRETORIA E SESSÃO INAUGURAL — CRISE DE HABITAÇÕES

A Academia Brasileira de Letras teve, como primeira diretoria, os seguintes nomes: Presidente, Machado de Assis; secretário geral, Joaquim Nabuco; 1º secretário, Rodrigo Otávio; 2º secretário, Silva Ramos e tesoureiro, Inglês de Souza. Embora fundada em 1896, sua primeira sessão pública, — a inaugural, — só se realizou a 20 de julho de 1897, numa sala do extinto Pedagogium, à rua do Passeio. Vítima da crise de dinheiro e de habitações, a Academia Brasileira de Letras andou de Herodes para Pilatos durante muitos anos, funcionando ora no escritório de Rodrigo Otávio, ora na "Revista Brasileira", ora no Ginásio Nacional, ora na Biblioteca Fluminense (à rua do Ouvidor), ora no Ministério do Interior, ora no Gabinete Português de Leitura, finalmente, no Silogêo Brasileiro, de onde, por último, se transferiu para seu edifício

próprio, o Petit Trianon, que lhe foi doado pelo embaixador Conty, em nome do governo francês. No Petit Trianon funcionava o Pavilhão da França na Exposição Internacional do Centenário, em 1922. A sessão inaugural no Petit Trianon foi realizada a 15 de dezembro de 1923.

CURIOSIDADE DA VIDA ACADÊMICA

A história da Academia Brasileira de Letras está cheia de coisas curiosas. O sr. Afrânio Peixoto, por exemplo, afirma que foi eleito sem se ter candidatado e até mesmo na ignorância de que estivesse concorrendo ao pleito. E declara que Mário de Alencar, que na ocasião "manobrava" na Academia, falsificara o seu nome numa carta de inscrição... Outro fato curioso é o da eleição de Santos Dumont. O grande inventor, ao ter conhecimento de que Medeiros e Albuquerque fazia violenta campanha contra ele, telegrafou à Academia retirando a sua candidatura. O sr. Fernando de Ma-

galhães, que era então o presidente, abriu e leu o telegrama, mas ele não deu conhecimento à casa senão depois de ter sido consumada a eleição, da qual Santos Dumont saiu vitorioso... Diz Afrânio Peixoto, no prefácio a que atrás aludimos, que a eleição de Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo mineiro de grande projeção como orador sacro, teria sido também irregular, feita prelado a inscrição já fora do prazo legal, isto é, depois do encerramento. Outra indiscreção de Afrânio Peixoto é a de que o general Dantas Barreto só foi eleito por ser, na ocasião, ministro da Guerra e por ter prometido arranjar com o governo o Monroe para sede da Academia.

Dos acadêmicos, alguns, morreram sem jamais terem sido recebidos e, para alguns, o fardão verde serviu apenas de mortalha. Tal foi o caso de Francisco de Castro, de Homem de Melo, de Eduardo Ramos, barão do Rio Branco, Lafayette Rodrigues Pereira, Santos Dumont e Rocha Pombo. Os acadêmicos que entraram mais novos para a "ilustre companhia"

professor Aloysio de Castro, médico ilustre, que é também poeta e ensaísta. Seu pai, o professor Francisco de Castro, orador famoso, fora eleito, como candidato único, para a cadeira vaga com a morte do autor de "Inocência". A eleição de Aloysio de Castro só se deu dezesseis anos mais tarde, tendo sido ele, tal como seu pai, eleito sem concorrentes, na vaga de outro homem ilustre, o sanitarista Oswaldo Cruz.

Um único caso parecido existe na Academia de Letras, — e esse ainda mais singular, — os dois Rodrigo Otavio, pois que o filho foi o sucessor do pai. Pela primeira vez, no Petit Trianon, o público testemunhou o elogio acadêmico de um pai pelo seu próprio filho, — caso inteiramente inédito nos anais da Casa de Machado de Assis. E manda a verdade que se diga que a oração de Rodrigo Otavio Filho sobre o ministro Rodrigo Otavio, juriconsulto, diplomata e escritor, foi magnífica pela nota discreta, pela ternura filial e pela compreensão, medida e justiça dos seus julgamentos. Foi esse, talvez, o mais difícil dos discursos acadêmicos, por ser perigosa a tarefa e muito possível que o orador, mesmo sem querer, assumisse um tom demasiadamente pessoal, íntimo, familiar e, portanto, quebrando a tradição acadêmica.

OS PRÊMIOS LITERÁRIOS

Presentemente, a Academia de Letras distribui, anualmente, algumas dezenas de contos de réis em prêmios literários. Esses prêmios datam de 1909, quando eram financiados pela Prefeitura do Distrito Federal. Em 1911, foram distribuídos mediante uma oferta do jornal "A Notícia", que generosamente destinara quinhentos mil réis ao prêmio Machado de Assis e trezentos mil réis para o prêmio Raul Pompéia. Em 1912, a própria Academia distribuiu um prêmio de dois contos, cujo financiamento corria por conta da subvenção que lhe dera o Congresso. Mas em 1913, cortada a subvenção, foram também cortados, só restabelecidos em 1917, depois de ter a "ilustre companhia" recebido a herança do livreiro Francisco Alves, que, na cláusula terceira do seu testamento, estabeleceu taxativamente que a Academia Brasileira devia distribuir prêmios. Convertida em milionária, a Casa de Machado de Assis passou, também, a pagar "jeton de présence" aos seus membros, o que juntou um sentido prático às suas tertúlias literárias.

De cima para baixo: Um grupo de acadêmicos em palestra na sala do chá: Aloysio de Castro (cujo pai foi também "imortal"), Claudio de Souza (duas vezes presidente da Academia e do Pen Club) e Manuel Bandeira, a maior voz da poesia moderna do Brasil. Será o acordo ortográfico luso-brasileiro que aí se discute? Estão no grupo, da esquerda para a direita, os acadêmicos Pedro Calmon, João Luso (sócio correspondente) e Clementino Fraga. O mais recente acadêmico, Peregrino Junior, ao lado de Manuel Bandeira, que o saudou com o mais irreverente e anti-acadêmico dos discursos até hoje proferidos no Petit Trianon, mas, por isso mesmo, aplaudidíssimo pelo seu humorismo e pela sua malícia.



Peregrino Junior, médico e escritor de assuntos amazônicos, foi o último escritor recebido na Academia Brasileira de Letras. Seu discurso foi um longo, mas brilhante estudo sobre o simbolismo no Brasil, — justificado pelo exame da obra de Pereira da Silva, o poeta de "O Pé das Sandálias".

VULTOS ILUSTRES DA INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA QUE FIZERAM PARTE DA ACADEMIA — NAMORADOS DO PASSADO E DO FUTURO

Mesmo os que maisnam e criticam a Academia Brasileira de Letras não podem deixar de reconhecer que da Casa Machado de Assis fizeram parte figuras exponenciais das nossas letras, como Machado, Sylvio Romero, Ruy Barbosa, Oliveira Lima, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Alberto de Oliveira, Joaquim Nabuco, Calor de Laet, Paulo Barreto, Afonso Arinos, Vicente de Carvalho, Aulizio Azevedo, José Veríssimo, Coelho Netto, Humberto de Campos, etc., etc.

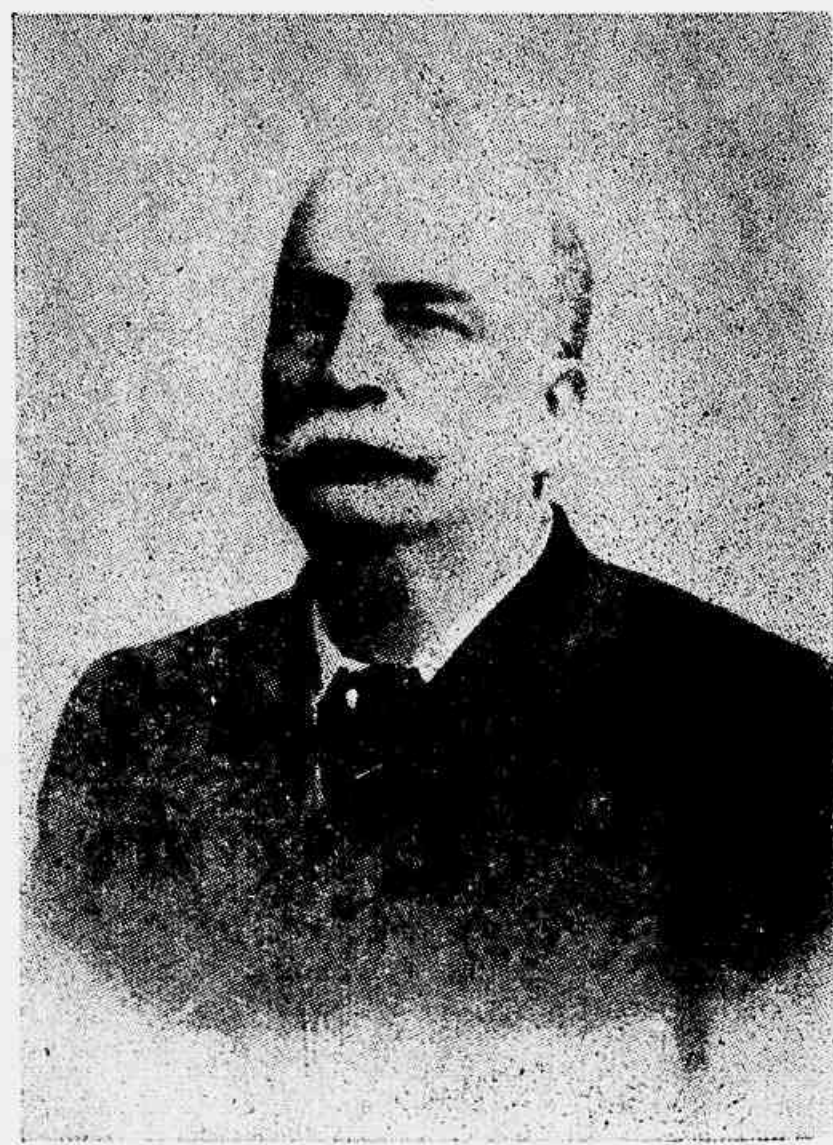
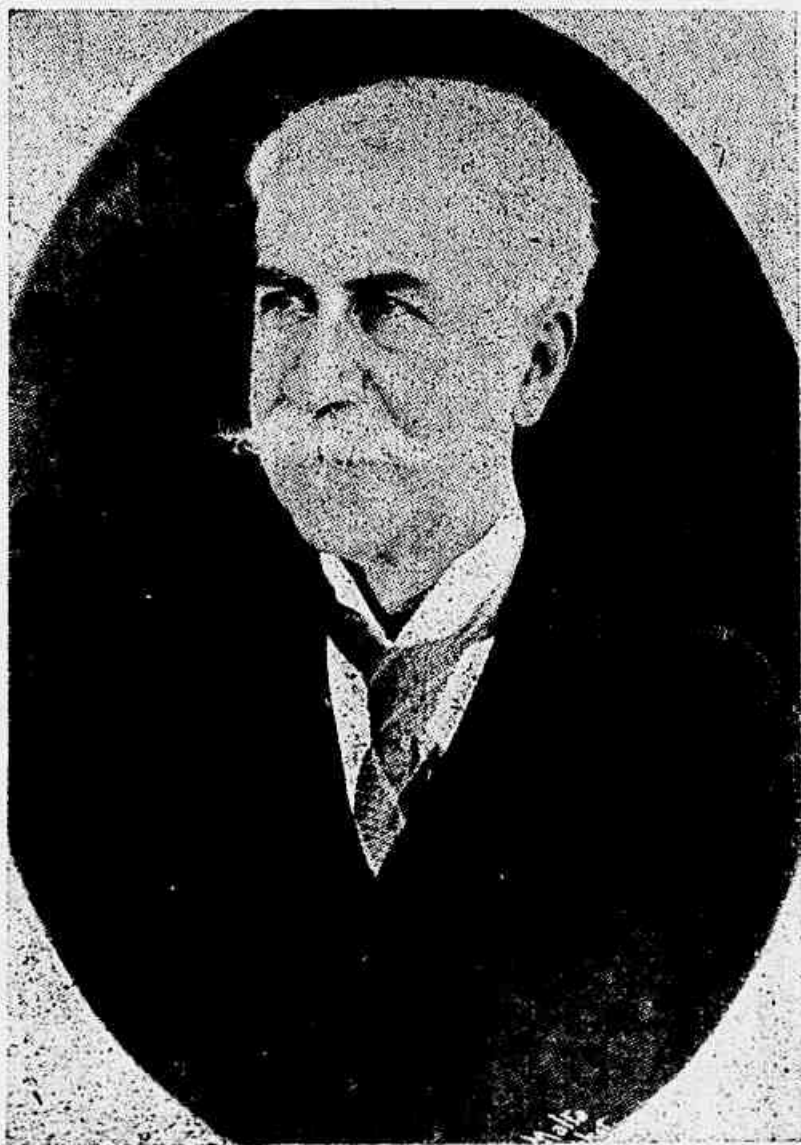
Entre os que a namoraram em vão, — isto é, que se inscreveram mas não foram eleitos, — figuram Monteiro Lobato, Lima Barreto, Gilberto Amado, Alberto Torres, Domingos Olímpio, Farias Brito, Tristão da Cunha, José Maria Belo, Jackson de Figueiredo, Teodoro Sampaio, Basílio de Magalhães, Jorge de Lima, Oswaldo de Andrade, — todos eles grandes figuras do mundo literário e cultural.

Hoje, a lotação do Petit Trianon está completa, e os "oito em pé" da casa são os sócios correspondentes estrangeiros. Mas há muita gente que namora a "imortalidade", apesar da falta de vagas. Um dos que estão mais cotados, no "sereno" acadêmico, é o ex-ministro da Justiça, sr. Afonso Pena Júnior, autor de robusto ensaio sobre a autoria da "Arte de Furtar" e grande estudioso das letras clássicas. Outro que está na bica é o poeta Jorge

de Lima, que só por um triz ainda não entrou. Gilberto Freyre é outro dos prováveis. Diz-se que Alvaro Lins, o crítico literário do "Correio da Manhã" e biógrafo do Barão do Rio Branco, é um candidato "extra-leve", tendo, além do mais, a particular estima do sr. João Neves da Fontoura. O deputado Afonso de Carvalho e o poeta Raul Machado nutrem fortes ambições acadêmicas e têm lá dentro amigos sinceros. Claudio de Souza, o presidente duplo, — da Academia e do Pen Club, a um só tempo, — fez força pelo seu velho amigo Maurício de Medeiros. Luis Edmundo faz força por Bastos Tigre e Manuel Bandeira pelo filólogo Souza da Silveira. O ministro do Supremo, sr. Goulart de Oliveira, namora a ala dos juristas e magistrados (Atalfo, Ademar, Levy Carneiro, Celso Vieira, Pedro Calmon, etc.). O contista e romancista Marques Rebelo, que é um autêntico valor literário, já tem alguns votos prometidos. Rodrigo Otávio Filho gostaria de ver a seu lado, do fardão verde, seu companheiro de mocidade, Alvaro Moreyra. Antenor Nascentes é também um nome cotado. Dizem que os médicos vêm com indizível simpatia os arroubos literários de seu jovem colega, o nutricionista Dante Costa.

Vagas não há. Mas há candidatos, de olhos compridos, prontos para avançar na primeira que se der. Talvez que o mal de se ser acadêmico esteja nisto, — na grande torcida dos que ficaram de fora para que suriam vagas a três por dois...

Da esquerda para a direita, Ramiz Galvão, que apesar de ser Benjamin, de nome, foi eleito quase como uma espécie de Matusalém literário para a Academia Brasileira de Letras, — aos 82 anos de idade... Joaquim Nabuco, o grande diplomata e escritor, foi o primeiro secretário geral da Academia. O Barão do Rio Branco, um dos que se contentaram com a "imortalidade" pura e simples, nunca chegando a vestir o fardão verde e a participar dos trabalhos acadêmicos.





Jeanne Crain, "star" da Twentieth Century Fox, e seu marido Paul Brinkman

A mulher que casa deve, a bem da felicidade conjugal, abdicar um pouco dos seus direitos e desejos pessoais. Não quero dizer com isso que ela deva se submeter inteiramente ao marido, fazendo-lhe todas as vontades e olhando apenas as suas conveniências. Isto seria exagero e além do mais não seria compatível com o papel que a mulher deve representar dentro do lar.

A verdade, porém, é que ela deverá fazer alguns sacrifícios, mesmo indo contra o seu próprio "eu", afim de que possa proporcionar ao esposo o ambiente de tranquilidade e paz de que ele tanto precisa.

Uma mulher inteligente e que preze acima de tudo o seu lar e tudo o que ele contém, fará tais sacrifícios com prazer, porque sabe que o efeito é compensador. Ela

NOS BASTIDORES FEMININOS

pode às vezes achar o contrário; pode achar que o marido nem sequer percebe o seu sacrifício e que tudo é em vão. Mas, está completamente enganada, porque o homem percebe e "sente" o que se passa ao redor; apenas, não julga necessário falar, porque espera que a sua esposa compreenda que ele se sente bem e aprecia tudo o que ela faz por ele.

Uma casa bem arranjada; um "canto" onde ele possa lêr, sem a preocupação de estragar o forro da cadeira ou deixar cair cinza de cigarro no tapete, um lugar onde ele possa se movimentar à vontade, sem esbarrar em "bíbels", banquinho e almofadas; uma mesa bem posta onde ele possa saborear pratos gostosos, tudo isso e ainda uma companheira sempre bem vestida — mesmo que o seja com simplicidade — bem penteada e arranjada, com bom humor, sabendo encarar com tranquilidade os momentos difíceis, é tudo o que pode fazer feliz o mais exigente dos esposos. E, como da sua felicidade depende a nossa, está, portanto, em nossas mãos saber cultivá-la.

Nesta página : Chapéu de palha preto, com larga aba. A copa oculta sob duas grandes rosas de tafetá côr de rosa com folhagens verdes e grande laço de "gros-grain" côr de chumbo. É inegável o "chic" desse chapéu e o recomendamos especialmente às que possuem porte elegante. Apresenta-o Claire Trevor. — Adele Jergens, num modelo "alinhadíssimo" de tafetá listrado. Copa alta, aba estreita e ao redor da copa, laços de tafetá. Na página ao lado : Novamente Claire Trevor desta vez com um chapéu de palha, côr natural, de aba regular e copa coberta com laços de setim e folhagens verdes. É colocado para trás, descobrindo todo o rosto e parte do cabelo. Este chapéu tanto pode ser usado para um simples passeio à cidade como para um "lunch" ou um jantar. Chapéu de palha lustrosa, colocado no meio da cabeça e tombado para o lado esquerdo. Enfeite de penas. Usa-o Martha Vickers, da Warner Bros. Adele Jergens, a nova "se-reia" da Columbia, apresenta o sempre impecável "breton", com larga fita de setim caíndo sob a aba.

CHAPÉUS

NADA enfeita tanto uma cabeça de mulher bonita, como um bonito chapéu. Felizmente, nota-se, dia a dia a intensificação do seu uso. E, de fato, não há "toilette" elegante que o possa dispensar.

Os chapéus para a primavera serão tão atraentes que, supõe-se, promoverão afinal a queda do "cabelo ao vento".







PARA A NOITE

Na página ao lado, Ingrid Bergman, como aparece em "Interlúdio". Modelo para jantar em jersey branco, formado de duas peças. A jaqueta é justa, arredondada em baixo; decote enfeitado por vistoso colar. Saia com farto franzido na frente. Nesta página, à direita, Marguerite Chapman, "estrela" da Columbia, exhibe vaporoso vestido de noite em "tulle" branco, bordado com lantejoulas prateadas e douradas de diversos tamanhos e feltos. Grande decote. Cintura larga com lantejoulas. Mangas amplas, compridas. Em baixo, Eleanor Parker, da Warner Bros., sugere este elegante modelo para jantar, em jersey côr de limão. Saia drapeada, aberta na frente, com franjas. As mesmas franjas nos punhos. Mangas "raglan". Ainda de Eleanor Parker, suntuoso modelo de lamé "chamalotado". Grande decote deixando os ombros nus. Saia bastante franzida e armada.





ESTÁ EM MODA **O AZUL-MARINHO**

O azul-marinho está substituindo o preto, pelo menos nesta estação, para as "toilettes" mais "habillées". Combinado com o branco, ele se torna realmente de grande "linha".

Apresentamos aqui duas sugestões:

Vestido de "faille" com saia franzida e um grande bolso de cada lado. Corpete ajustado, ligado à saia com pequenos recortes em "V".
"Duas-peças" de tafetá, jaqueta curta e justa, lapela larga. Gola e viés de "piqué" branco, formando colete. Saia bastante ampla.



“MAILLOTS”

A direita — Essa pequena é, de fato, de parar o trânsito! Vejam só si não dá vontade de avançar o sinal... A garota é essa deliciosa Martha Vockers que a Warner “descobriu” recentemente. O “maillot” é preto e branco, colocando as duas cores em direções opostas. Ao alto. — Bonita, não? Esta garota sensacional é Jane Harker, da Warner Bros. Seu “maillot” branco de “lastex” tem em toda a volta um babado de brocado inglês. Abertura em losango sobre o estômago. Em baixo — E esta agora? Saióte “godet” de “tulle” preto bordado em côres, sobre o calção. E ao alto, um ramo de flôres. Este decididamente só serve para o banho de areia... Mas que é “chic”... é...



STOP







Na página ao lado — Creação de Worth em "shantung" verde. Largas pestanas partem do ombro, terminando em bolsos na saia. Gola e mangas com duas pregas. Pequenos botões na blusa. Modelo de Maggy Rouff em "shantung" havana. Pala arredondada nos ombros, com viéz vivo formando desenho. Gola de "piqué" branco, com laço. Sob a manga do vestido, há outra manga também

em "piqué" branco. Grandes pregas em toda a extensão do vestido, partindo da pala e pespontadas até pouco abaixo da cintura. Grandes botões de madeira. Nesta página — Modelo bastante original em seda estampada, criação de Carven. Observem o interessante movimento que dá à saia o franzido que, principiando no decote vai terminar quase sobre os quadris. Um rolo de fitas de

veludo estreitas, soltas nas pontas, é enfiado no franzido como se o estivesse apanhando. De grande elegância também é este modelo em crepe romano preto, com decote em "V" bastante pronunciado e curioso trabalho de nervuras formando folhagens. Essas folhagens são aplicadas sobre o "plissé" que partindo da blusa toma todo o comprimento da saia. Pesponto em "V" prende o plissado formando cintura. Modelo de Marcelle Aix.

MODELOS FRANCEZES PARA O VERÃO

QUATRO LINDOS MODELOS PARA A PRIMAVERA

Nesta página — "Duas-pecas" em "shantung" amarelo. Casaco ajustado à cintura. Saia ligeiramente "godet". Vestido estampado de grande simplicidade. Blusa sem gola, decote em "V", com pequenos botões até a cintura. Saia pouco franzida na frente. Cinto de camurça. Na página ao lado. Modelo de seda estampada. Gola esportiva. Bolso do lado

direito, botões cobertos. Saia toda pregueada, com as pregas pespontadas até os quadris. Mangas compridas, com punhos. "Duas-pecas" composto de saia de "shantung" branca e jaqueta do mesmo tecido em vermelho. A gola bem armada, em "chantung" branco





Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO PAULISTA, de Aureliano Leite — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1946.

O Sr. Aureliano Leite publicou, ha alguns anos, uma *História de São Paulo*, por todos os órgãos da opinião e no sentido de resumo cronológico, proclamada excelente. Mas este escritor se considera o melhor crítico de si mesmo, justamente por ser o mais severo. E aquilo que a homens de letras e jornalistas se afigurava completo e inepicável, a ele lhe veio a parecer deficiente e susceptível de correções. Critério este tanto mais digno de acatamento e louvor, quanto é certo que se destaca pela raridade.

Mas ainda uma condição de natureza ocasional levou o Sr. Aureliano Leite a não se sentir satisfeito com a primeira *História de São Paulo*. Foi tê-la composto em período de insegurança e tribulações que forçosamente o haviam de perturbar. Acontecimentos políticos determinaram a prisão do autor ou outras formas de perseguição no sentido de o impedir de trabalhar. Capítulos deste e doutros livros, ele os planejou e realizou na cadeia — que ainda seria, então, o lugar mais tranquilo, mais adequado ao estudo e à meditação. Nem por isso ele deixaria, mais tarde, de encontrar nas páginas publicadas incertezas ou insuficiências que reclamavam esta nova edição, conforme a expressão clássica de livraria, correta e aumentada.

Este volume — diz o Sr. Aureliano Leite agora numa nota liminar — não é um resumo da história de São Paulo, como alguns supõem. Ao contrário, é a história de São Paulo com todas as suas minúcias, a história da sua civilização, não apenas a sua história política; é a história, por assim dizer mesmo, na totalidade dos seus acontecimentos. Estes é que são resumidos.

Está assim definida a obra. E tudo, desde as primeiras páginas: *Tempos coloniais, século XVI*, confirma o esforço caprichoso da pesquisa, o empenho veemente em reconhecer e coordenar tudo aquilo que, na existência civilizada de São Paulo, houvesse tido relevo ou significação. Seguem-se os capítulos *Tempos imperiais, Tempos republicanos, Tempos tumultuosos*. Só a *Bibliografia sobre São Paulo*, com a simples citação das obras — título, nome do autor, data da publicação — ocupa nada menos de duzentas páginas. Trata-se, em conjunto, daquilo a que se costuma chamar "um trabalho exaustivo". Mas a fórmula não assenta à compleição física muito menos à capacidade intelectual ou ao entusiasmo produtivo deste político, autor de cerca de trinta livros e com outros em andamento, deste literato que exerce — como ainda agora nas sessões da Assembléia Constituinte — sem a interromper nem lhe atenuar o ritmo a sua missão de ideal e de combate. O Sr. Aureliano Leite é dos que não descansam nem precisam disso.

A INCREDULIDADE DO PADRE BROWN, contos de G. K. Chesterton, tradução de Lígia Junqueira Freire — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.

Já nestas colunas nos ocupámos do Padre Brown. Não é, de certo, um sacerdote exemplar.

Ocupa-se bem mais de outras coisas que da própria religião. Entrega-se aos problemas psicológicos, em qualquer indivíduo, inocente ou criminoso, bom ou mau, que se encontrem. E não se dá tanto à questão de absolver ou condenar aquela alma quanto ao propósito de inteiramente, incondicionalmente a desvendar. Procedo como fil's fi no método de certos casos, mas sobretudo se aplica como *detective*.

Tratando do volume anterior, *A vida do padre Brown*, indicámos o seu sistema de averiguação e detecção, que, sem expressa referência do texto em tal sentido, pretende ultrapassar, aperfeiçoar os famosos métodos de Sherlock Holmes. Na *Incredulidade do Padre Brown* outros mistérios se estabelecem para serem enfrentados, combatidos e afinal vencidos por este campeão da polícia privada e não, rigorosamente, profissional. O chefe do reverendo Brown é, por vezes, arriscado, chega a assumir uma espécie de heroísmo. Tudo, porém, se resolve, como é justo e de antemão o leitor sabe que se decidirá, em maior danos para o lidador, cujas armas principais consistem na argúcia e na prudência. E nem por serem previstos como resultado de luta, estes desfechos dão a impressão de não ter valido a pena a leitura. As histórias em que o Padre Brown figura como personagem principal não roubam inteiramente o tempo que se lhes consagra. Distraem, divertem — sempre é alguma coisa.

PÁGINAS SOLTAS, de Ida Vervloet Finamore — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1946.

E' da capital do Espírito Santo que nos vem este livro de observação e de emoção. O título mesmo indica a natureza e o feito da obra. São trabalhos, não por via de regra, avulsos, porque alguns se correspondem em série, correspondendo a certa ordem de idéias ou de impressões ámas sem plano certo nem orientação definida. Passam de um para outro gênero literário, à mercê de uma fantasia bem feminina — leve e irrequieta, sempre graciosa e simpática.

A primeira parte do volume glosa, em pequeninos capítulos repassados de ternura, a beleza e as virtudes do ouro e das pedras preciosas, de cada opulência ou formosura tirando conselhos de uma extremosa mãe a sua filha. Assim, ao metal dos cetos e das tias vão sucedendo, com as suas sugestões morais, a esmeralda, a safira, o rubi, a ametista, o diamante... Outros ensinamentos e advertências se seguem, em forma de monólogo, mais expansivo às vezes outras mais confidenciais; depois, vêm páginas de memórias; contos ligeiros para crianças e também para gente grande; de vez em quando, versos de evidente, fácil espontaneidade; e por fim, um hino em prosa á capital espírito santense, "flor prodigiosa, maravilha da natureza, Flor-Encanto, Cidade — Presépe, Vitória — Régia do Brasil".

A LAMPADA AZUL DO SONHO, versos de Raul Machado — Rio de Janeiro, 1946.

Póde-se dizer que, compondo este livro, o Sr. Raul Machado andou por toda a poesia. A inspiração essencial e sempre dominante o levou por todos os caminhos do pensamento e da emoção. E ele se deixou fielmente conduzir, ditoso de tal companhia e agradecendo-lhe a cada momento, por saber que não há outra mais bela nem melhor.

Os seus versos variam, não tanto à mercê das escolas ou das correntes, como por efeito daquelas viagens em tantas direções, por entre tão diversas paisagens, debaixo de um céu ora radioso ora enublado, ora hostil, pesado de ameaças, ora alto, sorridentes, abençoador. Por isso os poemas não traduzindo a alegria, a dúvida, a dor profunda e a resignada melancolia, a esperança do supremo êxito e, passageiro embora ou instantâneo, o desespero de tudo. E assim, de uma página para outra, o livro se transforma em obediência às idéias ou emoções que nele imperem e todavia se mantém harmonioso e unido pela sinceridade que, esta, se não altera nunca. O mesmo se pode dizer da "maneira" do artista. Do parnasianismo mais solene, mais exigente na sua majestosa seriedade, às formas irregulares e ao feitiço livre, a todos os efeitos plásticos ou sonoros a técnica deste rimador se adapta com mais ou menos felicidade — dependerá também do momento — mas dignamente e triunfando. Raul Machado é poeta dos que nunca deixam de o ser.

Abrimos ao acaso o seu livro e encontramos os versos *A um poeta*, em que o tão glosado preceito goetheano: "Faze da tua dor um poema", assume novas formas de eloquência envolvente e penetradora:

Poeta! Se em grandes lágrimas, o pranto
Te'alma embebe, tua face inunda,
— Se como a terra dos capiteiros, quanto
Mais orvalhada, tanto mais fecunda!

E enquanto o choro se extravasa, lento,
Da tua dor faz um motivo de arte!
Floresce em versos o teu sentimento!
Em frutos de ouro o coração reparte!

Sêfros, sem trégua? A vida te exercecia?
Marca, de sangue generoso, os rastros?
Transforma o teu soluço em harmonia!
Rebenta as tuas lágrimas em astros!

Ilumina de um brilho, novo e ardente,
A noite e o horror dos teus martírios duros!
— Os céus se mostram te finitamente
Mais estrelados, quanto mais escuros.

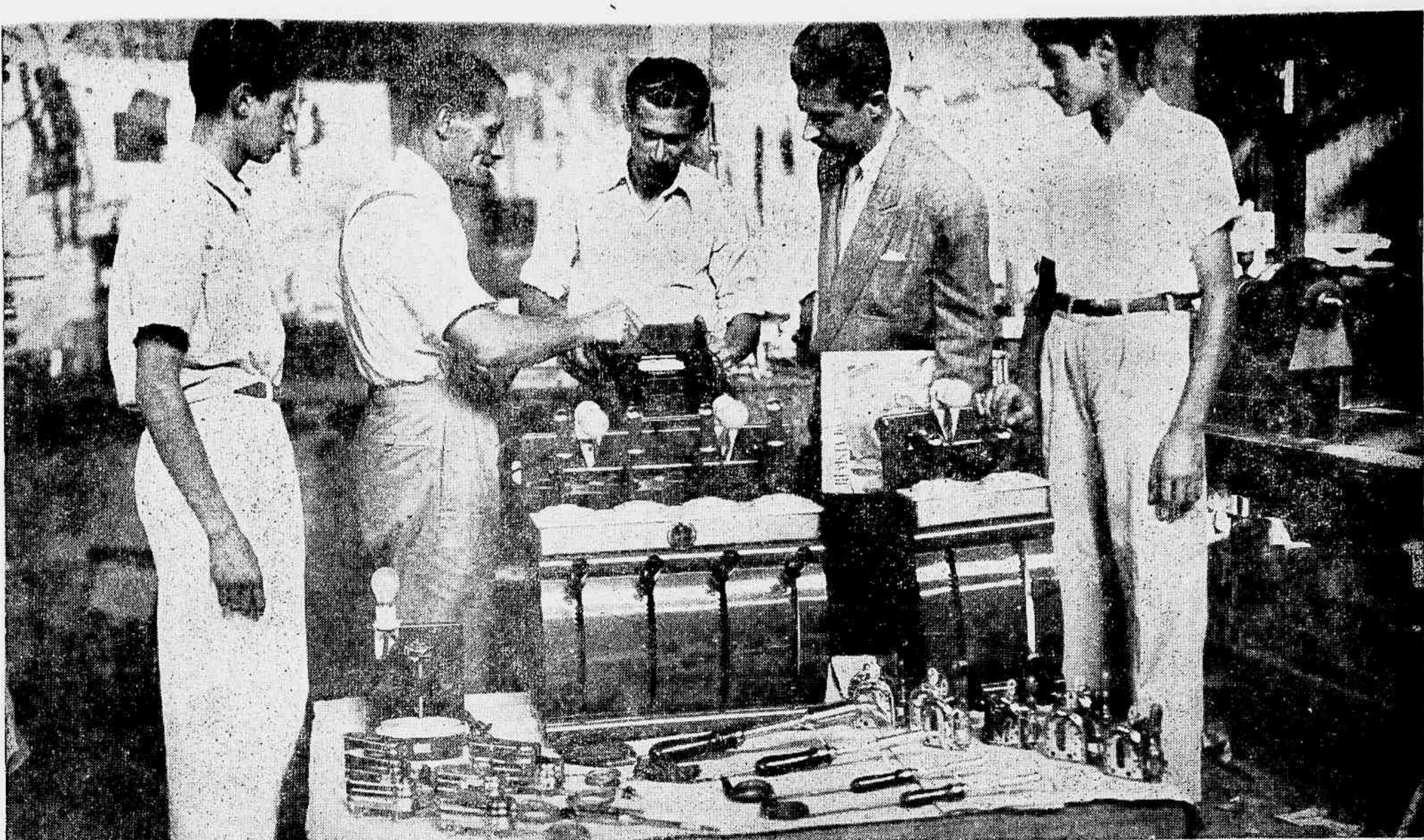
Glorificar a dor é o teu destino!
No mundo da arte, que se não profana,
Toda centelha de prazer divino
Nasce de um pouco da tristeza humana.

A POLÍTICA DOS CAMPOS DE SAÚDE (Escolas—Hospitais Silvestres), por Oscar Clark — Rio de Janeiro, 1946.

O Dr. Oscar Clark é um dos poucos, bem poucos homens que dão a impressão de verdadeiramente cumprir o tão apregoado, tão decantado lema "viver para outrem". Por doutrina filosófica ou por tendência humanitária, pouco importa. E até neste caso, que a orientação das idéias e a disciplina do caráter nos parece o impulso do sentimento. O Dr. Oscar Clark vive espontânea, naturalmente para outrem e o seu "outrem" são as crianças. Não que deixe de acudir com os largos recursos do seu saber e os primores da sua bondade a qualquer necessitado que lho reclame. Nele a solicitude e o desinteresse superiormente se igualam e a toda a gente se podem estender. As crianças, porém, não precisam de se lhe dirigir. O Dr. Clark adivinha onde estão. Vai ter com elas, para, no maior número possível, as trazer para debaixo da sua vigilância, da sua paternal afeição. Tal a sua propaganda pelo livro, tal o seu apostolado pelos factos.

As obras deste especialista, entre os quais *O século da criança* e *Jardins de infância e escolas hospitalares*, compõem uma estante modelar. Todos os críticos, todas as autoridades lhes têm reconhecido a preciosidade dos conceitos, a clareza insinuante, comunicativa, da exposição. Essas qualidades sobremaneiras se afirmam na *Política dos Campos de Saúde*. É a campanha que prossegue pelo bem-estar da infância, o seu preparo para os dias futuros, bem assim contra os inimigos que a perseguem — e por isso atentam contra a grandeza, a riqueza, a beleza e o geral prestígio do país. "A falsa pedagogia e a doença, de mãos dadas — diz o prefácio do presente livro — é triste reconhecê-lo, mas contrariam a natural prosperidade do Brasil." E de capítulo em capítulo se não estudando até a possível solução os problemas relacionados com a momentosa, entre todas exigente, questão infantil.

A outra feição da obra, o sentido prático da proteção aos menores dá-nos o exemplo da Escola-Hospital de Araruama, consagrada à memória do insigne cirurgião José de Mendonça, e a qual o Dr. Oscar Clark tem dedicado o esforço mais nobre e eficaz. Belas fotografias *in loco* apresentam aspectos da lagoa magnífica; o campo de criação da Escola; vistas do campo de saúde; exercícios e recreios dos meninos nadando, manobrando um barco à vela, cultivando uma horta-pomar. São outros tantos quadros de atividade, alegria, vigor — e de poesia também. Poesia dos efeitos da paisagem da santa missão ali cumprida e de versos em que vicente de Carvalho e Martins Pontes cantaram as praias e as ondas e que estas crianças sabem de cor.



O notável técnico Elias Mussi, acompanhado dos seus filhos Aziz, Emílio e Felipe Mussi, faz, para o autor desta correspondência, demonstrações de exame de precisão das suas máquinas automáticas.

INDUSTRIA TÉRMO-ELETRICA "MUSSI"

UMA MODESTA OFICINA CUJOS PRODUTOS SÃO DISPUTADOS PELAS MAIORES FIRMAS DO BRASIL.

MANHUMIRIM, Setembro — (Correspondência de Michel Simão) — Nesta cidade do interior de Minas Gerais um homem trabalha e vive, sem alardes, uma existência útil e laboriosa. Natural do Líbano, Elias Mussi chegou ao Brasil, como milhares de compatriotas que para aqui vieram, em busca de um campo mais fértil para as suas ambições, demandando um novo sistema de vida mais compatível com as suas idéias. Sua vida neste País foi, a princípio, como a de todos os que aqui aportaram na ânsia de novos horizontes, embalados pelos sonhos que a terra moça e hospitaleira lhes despertava, de trabalho incessante e profícuo, como se quisesse pagar com suor a bondade messiânica do povo que o acolheu sem nenhuma reserva ou preconceito.

Trouxe apenas consigo Elias Mussi, um certificado do "Armée du Levant", documento obtido com apenas 21 anos de idade, e que ressalta ser ele "excellent mechanic", "capable et devoté". Dessa devoção e capacidade, dotado de grande inteligência e gênio inventivo, Elias Mussi nos tem dado sobejas provas, criando e inventando máquinas de numerosos tipos, procuradas em todos os mercados automobilísticos do País, muitas das quais têm sido cobçadas por grandes empresas do Rio e São Paulo, como a Mesbla, a Cofermat, etc... Procurado sempre por uma infinidade de agentes e interessados em suas produções, Elias Mussi continua trabalhando nas modestas oficinas, ajudado apenas pelos filhos, que, herdeiros das qualidades paternas, são os seus mais eficazes colaboradores.

O novo tipo de vulcanizador por ele inventado, que veio resolver o problema da temperatura nas vulcanizações demoradas, recebeu, no ano passado, a Medalha de Ouro na 3ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Muriaé e outros inventos seus foram laureados em primeiro lugar na Exposição de Carangola.

E' admirável como pode Elias Mussi, frente aos limitados recursos técnicos do interior, transpondo toda a sorte de obstáculos, criar e inventar tantos aparelhos necessários e úteis, dando aos mesmos um fino e elegante acabamento, obediente a um elevado senso estético, colocando os seus produtos num honroso paralelo com os melhores estrangeiros e, mais das vezes, em plano superior. Por tudo isto, a obra que Elias Mussi e seus filhos vêm realizando em Manhumirim é merecedora da maior repercussão e digna dos mais rasgados elogios.

INDUSTRIA TERMO-ELETRICA "MUSSI"

— DE —

ELIAS MUSSI

Técnico Construtor e Industrial

Aparelhos de vulcanização de Pneus e Câmaras de Ar, Esterilizadores e outros aparelhos de aquecimento elétrico.

INDUSTRIA GENUINAMENTE NACIONAL

Manhumirim — Estrada de Ferro Leopoldina — Estado de Minas

A MATÉRIA (CONSTITUIÇÃO, EVOLUÇÃO, DESINTEGRAÇÃO, TRANSMITAÇÃO) por Joviano Torres — Editora Vera Cruz Limitada — Rio de Janeiro, 1946

São quatrocentas páginas, em amplo formato. Quatrocentas páginas, profundas pelo conceito como na forma gráfica, compactas. E já o título da obra nos enche de respeito. Estamos diante de uma palavra que envolve os seres e as coisas, tudo alcança e abrange, vai ao infinito. Qualquer leitor profano ou pouco familiarizado com a alta ciência há de abrir este volume, com uma espécie de emoção a que não será estranho o medo. Medo de não compreender, não atingir... Sempre de tal caso resulta o fenômeno doloroso de se sentir a gente abaixo daquilo que, antes, imaginava ser... Mas o prefácio da obra, longo, explícito, pormenorizado — e nada cansativo — vai gradualmente desfazendo aquela sensação cruel. Passamos a acompanhar o homem de ciência, sem que o usemos tratá-lo, em espírito, por você, e todavia experimentar o prazer semelhante ao da camaradagem. Se todos os especialistas neste ou aquele ramo de cultura, os eruditos em geral, se exprimissem de maneira tão clara e tão simpática, consideravelmente descenderia, no gráfico mundial, a linha da ignorância.

"No mundo — diz o autor no preâmbulo — as grandes questões a que se me referi, os momentosos problemas ainda insolucionados, as clareiras abertas nas séries dos diversos conhecimentos humanos catalogados, tudo se prende à matéria. Teremos de ser materialistas *sui generis*, de qualquer modo. E' a matéria que nos envolve e cinge, domina ou é dominada, conduz-nos ou é por nós conduzida; matéria, assim, que, inicialmente, no deve interessar a matéria da qual a "bomba atômica" foi uma admirável síntese e constitui o ponto de partida da grande excursão que iremos proceder.

Não seria em qualquer tom panfletário, todavia, que melhor alcançaríamos a meta desejada. Nosso raciocínio terá de ser frio, sereno, lógico, profundo e calmo. Banindo toda a exaltação, todo o orgulho, toda a suspeição, toda a vaidade e toda a presunção, toda a agitação espiritual e toda a ansiedade, todo o egoísmo, toda a revolta e todo o pessimismo, teremos de ser como alunos inexperientes e noviços numa aula de novas humanidades (teremos de começar a aprender como se aprende...)

Assim o Sr. Joviano Torres nos convence da necessidade de estudar as "novas humanidades" e, usando a primeira pessoa do plural, a si mesmo se inclui no número dos discípulos de obrigação. Mas o livro mesmo nos prova o muito que ele já estudou, já aprendeu. E, sem intenção de favor nem jogo de palavras, o podemos qualificar de mestre na matéria.

A LUZ INTERIOR, paginas poéticas de Macedo Miranda — Rezende, 1946.

Na categoria dos poemas inclui o Sr. Macedo Miranda os trabalhos reunidos no presente volume. Não discordamos. Serão obras de grandeza e beleza tais, que mereçam aquela designação. Dum templo ou dum castelo magnífico se diz que é um poema em pedra; com a mesma razão, porventura, o autor destas páginas as poderá considerar outros tantos poemas... em prosa.

A tal propósito, já aqui citamos os *Petits poemes em prose*, de Baudelaire — que, em todo caso, e apesar do seu notório orgulho, teria, com o adjectivo, reduzido a exigência do substantivo — e igualmente recordamos as *Canções sem melro*, de Raul Pompéia, belíssimas e frementes de inspiração poética. Também o Sr. Macedo Miranda exprime, sem recorrer à linguagem atribuída aos deuses, os seus pensamentos e as suas emoções. De, porém, às linhas que vai traçando, tamanhos diversos, como se a divisão obedecesse a uma regra ou uma novidade técnica... E talvez, quem sabe? Mas, a rigor, nem tudo, no livro, é prosa arbitrariamente fracionada, simulando versos. A páginas tantas surge um soneto. E isto nos sugere um paralelo interessante: Como certos pintores dos chamados futuristas, quando retratam pessoa da sua família, sobretudo tratando-se de mãe, esposa ou filha, procuram seguir princípios e normas clássicos, assim o Sr. Macedo Miranda, para louvar criatura de sua especial afecção, recorre ao modelo que Camões e Petrarca sublimaram, que Alberto de Oliveira e Olavo Bilac verdadeiros sacerdotes da Forma, praticaram, como um culto sagrado. Naquele soneto único: *A Luz Interior*, além de fino sentimento, engenho e gosto deveras apreciáveis, apesar da irregularidade com que estão dispostos as rimas dos tercetos. Eis os catorze versos excepcionais:

A Luz Interior

Espero (p'r que não?) beijar-vos inda, um dia,
transportado de amor, as velhas mãos trementes,
antificadas mãos, mãos puras, transcendentes,
le onde talvez, me veio o senso da poesia...

Hei de beijá-las, sim, como outrora o fazia,
no velho casarão das minhas inocentes
diversões de garoto. Hei de os lábios ardentes
colar mais uma vez na vossa face fria.

Em que lugar, não sei. Mas isso pouco importa.
Num sonho, pode ser. Ou, pode ser, na vida
onde eu talvez prossiga a marcha interrompida.

E haveis de ver então, inesquecida morta,
que de amor grande assim, que de amor tão profundo
não são fronteiras, não, as fronteiras do mundo...

CALOS

DEDOS DOLORIDOS, CALOSIDADES E JOANETES

Pronto Alívio

Para alívio imediato, aplique os Zino-peds de Dr. Scholl. No momento em que estes são colocados sobre calos, dedos doloridos, calosidades, joanetes ou irritações produzidas pela fricção do calçado, a sensação de alívio é instantânea. Laves, macie, deitados, de fácil aplicação, protegem seus pés contra calos irritações e bolhas. Os Zino-peds de Dr. Scholl, usados com os Discos Médicos que os acompanham, eliminam, rapidamente, calos ou calosidades. Adquiras, hoje mesmo, os Zino-peds de Dr. Scholl, que custam uma insignificância. A venda em toda parte.



Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA BROUQUÉ, 71 - SÃO PAULO

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 68 2.º ANDAR

**ADQUIRA O DIREITO
DE SER JOVEM E BELA**
Usando

VELAS ANTISSÉPTICAS

TAVARES
MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA
EMBALAGEM



Em todas as Farmácias e Drogarias do Brasil

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

A "CANHA" QUE ELE NÃO BEBEU

(Continuação da pág. 15)

Bandidos! exclamou entre os dentes, apertando as mãos com raiva, até que as unhas mal cortadas se enterrassem na carne.

De súbito deu as costas para aqueles aposentos vazios que depois de presenciarem sua felicidade eram testemunhas de sua desgraça e saiu batendo com a porta frágil.

Sem dizer nada a ninguém montou no cavalo suado e saiu a galope como chegara. Tomou o pequeno atalho que levava à estrada real e saiu lá adiante, sempre a galope.

O calor do sol era medonho.

Crescência limpou as gotas de suor que rolavam da testa larga e que se misturavam a alguma lágrima, fugitiva de seus grandes olhos negros. Sua boca rasgada e alegre estava apertada numa linha reta.

Doca, Manecão, Mingote, e nomes e fatos começaram a se cruzar na mente perturbada pelos acontecimentos.

Três meses de ausência... Claro! Dava para a china se apaixonar por outro. Paixão! Que era paixão? Talvez o desejo de beijar outra boca, talvez a ânsia de pertencer a outro homem. Paixão... paixão... e continuou a repetir baixinho a palavra acompanhando o ritmo do galope. Os cascos batendo no chão a repetirem com insistência. Paixão...

De súbito encurtou as rédeas fazendo o cavalo estacar.

— Vamos parar com essa asneira! Estarei por acaso ficando louco?

E tão depressa como parára recomeçou o galope. Os cascos, porém, continuaram a ritmar a palavra. Paixão... paixão...

Um quero-quero que gritou na estrada, rentinho ao cavalo, desviou-lhe o pensamento.

Quero-quero... Meu Deus! Como ele queria! Doca e Manecão. Queriam vê-los, os dois, estendidos no chão, lado a lado. Ah! como queria!

O pássaro saiu aos gritos pelo campo a fora.

Dentro em pouco Crescência chegava na venda suja do Mingote.

Lá dentro a fumaceira e o cheiro acre dos cigarros baratos e do fumo crioulo eram medonhos.

Ao transpor a porta, todos os homens, ele bem que o notou, todos, sem exceção de nenhum, o olharam de alto a baixo.

Crescência "sentiu" que ele e a Doca eram o assunto predileto, o churrasco do dia.

— Buenas, buenas! Como vamos seu Crescência? perguntou o velho afetuosamente.

— Olá, Cêncio!

— Olá, que tal?

— Como vamos?

E as perguntas choveram de todos os cantos, repletas de uma amabilidade irritante.

— Bem! foi a resposta seca e dura como um estalo de relho.

— Canha! disse depois, batendo com uma moeda no balcão manchado.

Quando o Mingote deixou o copo petiço em sua frente, Crescência o pegou de um braço.

— Onde estão?

O aperto era forte e a voz ameaçadora.

— Estão, quem? perguntou, ainda que soubesse a quem ele se referia.

Súbitamente o silêncio se fizera. A algazarra dos jogadores e dos bebedores cessara como por encanto.

Seu braço magro deitou sob a pressão dos dedos fortes e ossudos de Crescência.

— Eles!

A voz sibilou pelo aposento. O ambiente se tornou frio e as pessoas se imobilizaram como se estivessem à espera de algo.



E

em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Rômulo de Azevedo, 131

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências; o Regulador Xavier nº 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

— Não... não sei... balbuciou o velho.

Crescência virou-se para os que assistiam a cena.

— Onde estão? A Doca e o Manecão, onde se meteram? Não há nenhum que diga?

Sua voz tremia, suas mãos tremiam.

— Por favor, onde estão?

Ninguém falava. Todos olhavam para a porta que ficava nas costas de Crescência. Ele se virou. Bloqueando a porta com seu enorme corpo musculoso estava o Manecão. Em cada mão brilhava uma pistola.

— Infame! Desgraçado! gritou o Crescência, possuído de ódio, enfrentando indefeso os canos de aço. Sujo! Ladrão de china! Ladrão de...!

Uma dupla detonação abafou-lhe os gritos e ele tombou no chão e ali ficou inerte.

Os passos duros do homenzarrão se fizeram ouvir e o ruído das esporas grandes era como uma gargalhada interminável de deboche.

Manecão parou ao lado do corpo e com desprezo virou-o de bôco com a ponta da bota. Aqueles olhos escancarados, cheios de ódio, lhe faziam mal.

Dirigiu-se depois para o balcão e sob o olhar perplexo dos presentes, pagou a canha que Crescência pagara e bebeu-a toda de um trazo só.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

O adereço

(Continuação da pag. 19)

servir também para outras ocasiões; uma coisa bem simples?

Matilde refletiu alguns segundos, fazendo as contas e pensando ao mesmo tempo na quantia que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação assustada de empregado econômico.

Enfim, respondeu hesitante:

— Não sei bem, ao certo, mas parece-me que com quatrocentos francos eu me poderei arranjar.

Ele empalideceu, porque era justamente a quantia que reservava para comprar uma espingarda, afim de tomar parte numas caçadas, no verão seguinte, nas planícies de Nanterre, com alguns amigos que iam atirar às cotovias, aos domingo.

Respondeu, no entanto:

— Está bem. Dou-te os quatrocentos francos. Mas procura comprar um belo vestido.

★

O dia da festa aproxima-se e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Entretanto o seu vestido estava pronto. Seu marido disse-lhe uma noite:

— Que tens tu? Vejamos: andas tão pensativa de uns três dias para cá...

Ela respondeu:

— Aborreço-me não ter uma jóia, nem sequer uma pedra, para ir à festa. Terei um ar de miséria. Gostaria mais de não ir a esse sarau.

— Porás flores naturais. É muito elegante, nesta estação. Com dez francos poderás ter duas ou três rosas magníficas.

Mas ela não se convenceu:

— Não... não há nada mais humilhante que ter aspecto pobre no meio de mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Mas, és tola! Por que não vais procurar tua amiga, a senhora Forestier, e pedir-lhe emprestada alguma jóia? Parece-me que tens a necessária intimidade com ela.

Matilde soltou um grito de alegria.

— É verdade! Nem havia pensado nisso.

No dia seguinte, a senhora Loisel dirigiu-se à casa de sua amiga e contou-lhe a sua mágoa.

A senhora Forestier encaminhou-se a um armário de espelho, tomou um cofre, trouxe-o, abriu-o e disse à amiga:

— Escolhe, querida.

Matilde viu em primeiro lugar os braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana em ouro e pedrarias, de admirável confecção. Experimentou esses adornos diante do es-

pelho, hesitou, não podendo decidir-se a deixá-los, a entregá-los. E perguntava:

— Não tens mais?

— Tenho, sim. Escolhe. Mas eu não sei o que mais te possa agradar.

De repente Matilde descobriu, numa caixa de setim preto, um soberbo colar de diamantes; seu coração pôs-se a bater num desejo imoderado. Pô-lo em redor da garganta e ficou em êxtase diante de si própria.

Depois perguntou, hesitante e cheia de angústia:

— Poderias emprestar-me este, apenas este?

— Sim, certamente.

Ela saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com transporte, depois fugiu com o seu tesouro.

★

Chegou o dia da festa. A senhora

Loisel obteve um triunfo. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a olhavam, perguntavam o seu nome, procurando ser-lhe apresentados. Todos queriam valsar com ela. O próprio ministro notou-a.

Ela dansava com embriaguês, com arrebatamento, estonteada pelo prazer, não

(Continua na pag. 55)



Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

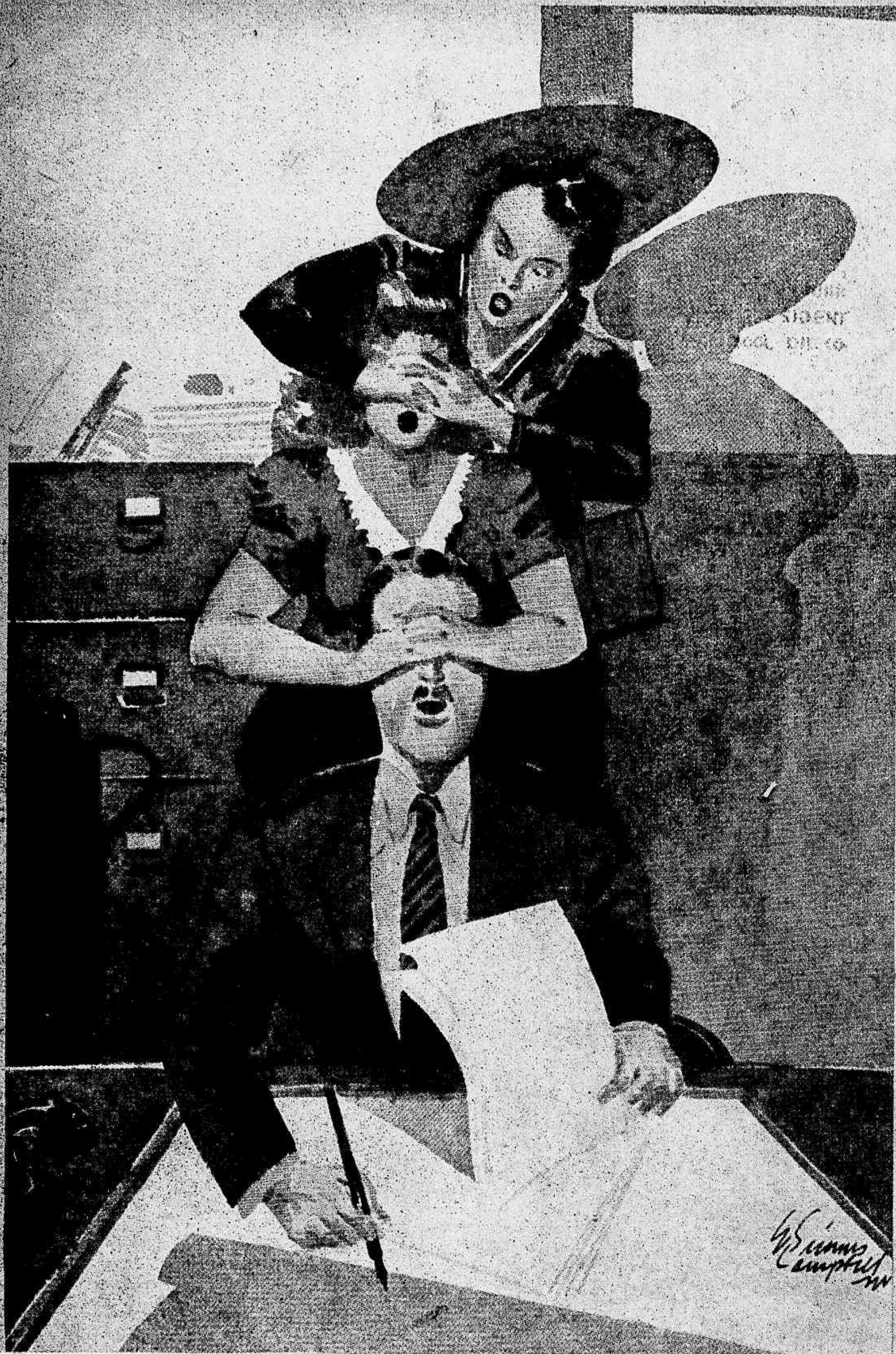
P. Ferraz

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

Do Mme. Campa

MENTA, A FELIZ — CONTRA AS RUJAS

A VENDA EM TODA A PARTE



— Advinhe quem é!
— Advinhe VOCÊ TAMBÉM!

DE BOM HUMOR



— O campeão provou mais uma vez a sua fortaleza física e logo ouviremos a palavra do formidável demolidor...



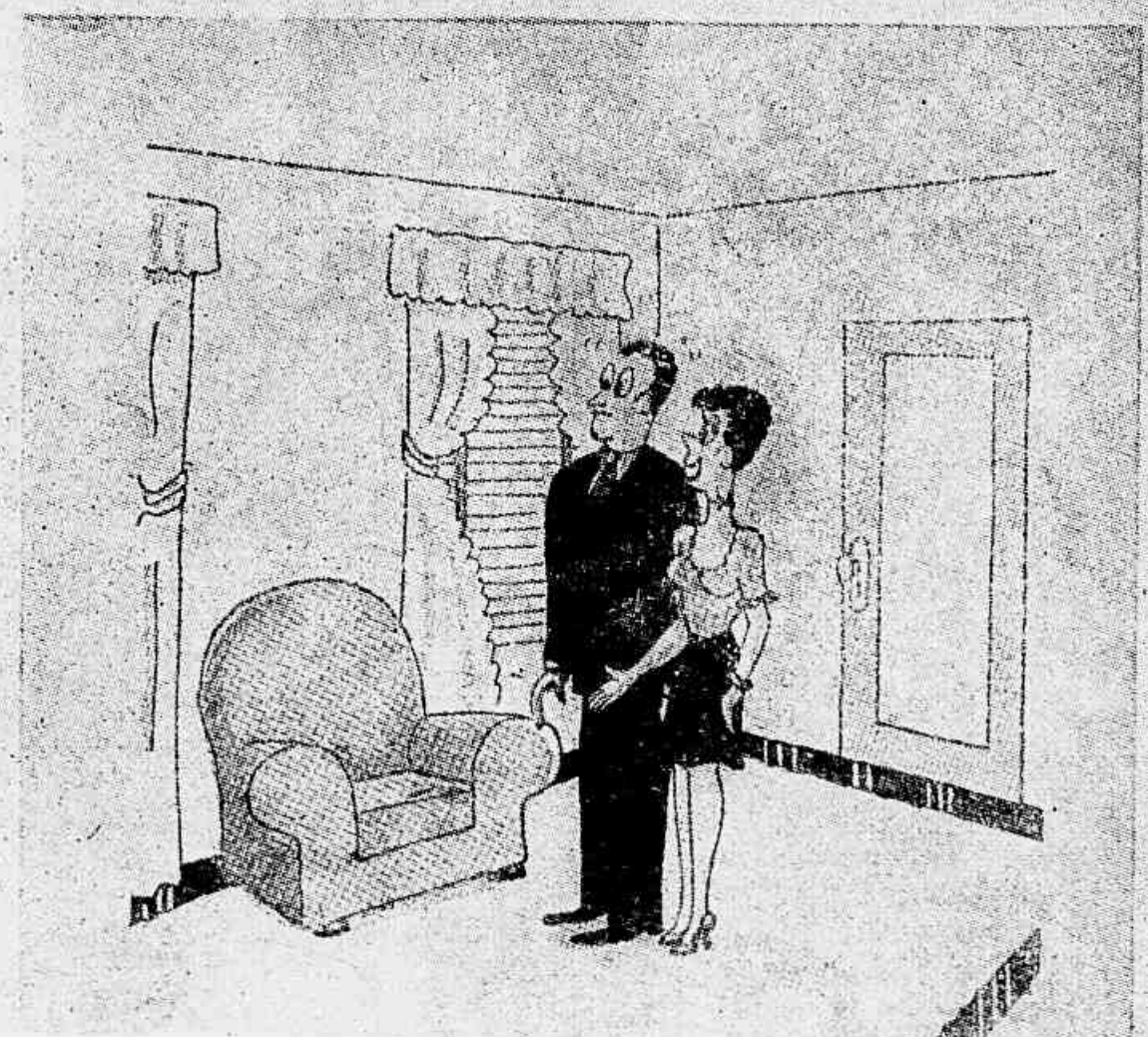
O PRESO — Eu só bati no guarda, sr. diretor, para poder continuar a ter onde morar... Para onde é que eu havia de ir, com esta crise de habitações?



— E agora, minha filha, estás ou não convencida de que ele é mesmo um idiota?



— Eu sei que vou viajar... Mas o que eu quero saber é como vou arranjar dinheiro para a passagem!



— Sentemo-nos, querido.

Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Purgar-se, quando atacado da prisão de ventre é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pímulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reduz os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo convencionado pelas fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pímulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bom estar e a energia.

Pímulas ALOICAS



'Rigoletto' no Municipal

patricio. Sem dúvida boas razões tinha Duno para admirá-lo, pois, na véspera, haviam cantado, juntos, a Bohème.

A esposa do tenor preparava o marido, carinhosamente, para seus amores operísticos.

— Boa sorte.

Um beijo que deixou inveja aos presentes.

RIGOLETTO, SEM NARIZ

Becchi, que chegou aqui precedido pelas trombetas da fama, estava visivelmente nervoso.

— Acha que assim está bem? Desse jeito?

Mostrava ao outro Assis, o maquilador, seu nariz postigo.

— Muito bem.

Tanquilizado, Becchi sentou-se:

— Sabe que já uma vez perdi o nariz?

— E tornou a achá-lo? perguntamos, ao vê-lo em seu lugar.

— O verdadeiro não caiu! Foi um postigo. Caiu no palco. O esforço para alcançar um agudo foi o responsável por esse desastre.

— Que fez?

— Apanhei o nariz e o exibi, com um rapapé. Os críticos aplaudiram muito essa inovação no jogo de cena.

— Onde aconteceu isso?

— Em Portugal...

DE GENIO PARA BAIXO...

De lá, também, nos vieram as críticas mais entusiásticas a respeito da voz e das qualidades dramáticas de Becchi. Já falamos, aqui, a respeito de sua estréia e das outras óperas em que tomou parte. Seu Rigoletto, se bem que sofria com a comparação do de Leonard Warren, demasiado recente para ser esquecido, recomenda-se especialmente pela vivacidade em cena. Até esse ponto, endossamos, com prazer, tudo aquilo que dele, pelo "estrangeiro", se disse, e a propaganda divulgou. Mais além não podemos ir. Sua voz parece ter sofrido com a viagem. Sem dúvida, não foi no palco do Teatro Municipal que ela deu tudo o que esperávamos, com base nos anúncios. Compreende-se, entretanto, que o peso da decepção inicial correu todo nas primeiras

récitas. Já agora podemos classificá-lo, com mais serenidade, entre os que tiram máximo proveito possível de todos os acessórios do cantor lírico — gesticulação, intensidade dramática — uma vez

MIMI BENZELL, GILDA EM ALGUMAS HORAS

De manhã telefonaram para o hotel onde Mimi Benzell estava hospedada:

— Agnes Ayres está doente. Pode substituí-la?

— Que é que ela ia cantar?

— Rigoletto.

— Gilda?

— Sim.

— Posso tentar.

O que Mimi Benzell denominou, modestamente, tentativa, foi uma das melhores interpretações do papel que temos ouvido os últimos anos. Voz de timbre

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aperção digestiva e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Géos — R. Alvaro Alvim, 27-1.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5118 ramal 33 e 25-4398 — Consultas: Das 13 às 18 horas.



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerraZ

Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...



limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo:
para um belo sorriso
não há como
Kolynos



K103PH

puríssimo, emitida com segurança, atingiu uma tal espontaneidade, que conseguiu transformar o Caro Nome, não em uma ária de pura exibição, mas, valendo-se das qualidades expressivas, em

terna e trêmula confissão de amor, de uma audácia controlada pelo recato.

Depois do terceiro ato, quando, no intervalo, preparava-se para entrar em cena, Mimi ajustava seu elegante travesti

diante do espelho. De repente, poz-se a rir:

— Que há?

— Gilda... Gilda... Estou me lembrando da Rita Hayworth...

Tagliavini, que tinha vindo cumprimentá-la, pediu-nos que traduzíssemos as observações. E, demonstrando conhecimentos cinematográficos, replicou:

— Hum... Miss Benzell não fica a dever nada à Hayworth...

POR QUE NÃO SILVIO?

Perguntava-se: por que não Silvio Vieira como Rigoletto? O barítono patricio, que se achava presente, agradeceu a lembrança e ao mesmo tempo aproveitou a oportunidade para salientar que os artistas nacionais estavam bem representados, sobretudo por Assis Pacheco, naquele espetáculo.

De fato, depois de cantar, um dia, a "Bohème" com Bidu Sayão, no dia se-

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas funções. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistema nervoso se desequilibra, sérios transtornos se manifestam, criando situações embaraçosas e desagradáveis. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as Pilulas Maratú para que o organismo recupere seu vigor costumeiro, restituindo-lhe todos os predícos de um homem perfeito.



PILULAS MARATÚ



quinte ele repelia o triunfo como o Duque de Mantua, no Rigoletto.

Sem dúvida um brilhante futuro aguarda esse jovem cantor que, ademais, demonstrou possuir considerável desembaraço em cena.

E' interessante saber que...

O suco de cebola é um excelente adstringente...

A mistura do suco de limão com o suco de laranja é esplêndida para clarear a pele queimada de sol.

Quando o cabelo está muito seco, convém penteá-lo com água e aplicar em seguida parafina líquida.

O uso do pente fino para a caspa, é quase sempre prejudicial.

O óleo de amêndoas doce amacia e clareia a pele.

O "maquillage" de verão deve ser mais claro e alegre do que o do inverno.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

O MENÚ DA SEMANA

MACARRÃO À LISBOETA

Cozinhe 250 grs. de macarrão fino, em água e sal. Quando estiver macio, retire a panela, encha-a de água fria e descance a panela, conservando-a coberta durante 20 minutos.

Prepare um molho branco com meio litro de leite. Escorra o macarrão, junte-o ao molho e adicione 4 gemas, bastante queijo ralado, 1 colher de manteiga e meia xícara de leite com uma colher de maizena desfeita. Deite tudo em tabuleiro e leve ao forno polvilhado com queijo.

MISTURA NACIONAL

Corte em pedaços regulares 1 quilo de carne, condimente-a a gosto e leve-a à caçarola com duas cebolas raladas, meio quilo de tomate, dois pimentões, 1 colher bem cheia de banha, 100 gramas de toucinho Bacon e 100 grs. de paio. Abafe a panela e deixe ferver. Logo que secar, pingue um pouco d'água e deixe cozinhar até amolecer a carne. Deixe-a ficar bem dourada, pingue um pouco de rum e se tiver pouco caldo junte mais água.

DOCE DE CIDRA

Rale as cidras ou tire fatias finas com um descascador de batatas e deite-as num pano.

Cubra esse pano com água e durante 2 dias deixe a água escorrer por cima afim de tirar todo o amargo.

Prepare uma calda com gosto de baunilha, junte a cidra e deixe ferver até tomar ponto.

Sirva em copeteira.

O adereço

(Continuação da pág. 51)

pensando em mais nada a não ser no triunfo de sua beleza, na glória daquele sucesso, envolvida numa espécie de nuvem de felicidade, feita de todas aquelas homenagens, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos desperçados, daquela vitória tão completa e tão doce a um coração feminino.

Retirou-se pelas quatro horas da manhã. Seu marido, desde a meia noite, tinha dormido numa sala deserta, em companhia de três outros cavalheiros, cujas mulheres se divertiam muito.

Colocou sobre os ombros da esposa os abafos que lhe tinha levado para a saída, modestos agasalhos de todos os dias, cuja pobreza contrastava com a elegância da "toilette" de baile. Ela sentiu e quis fugir deles, para não ser notada pelas outras mulheres, que se abafavam em ricos agasalhos.

Loisel deitava-se:

— Espera. Tu te vais resfriar. Vou chamar um carro.

Mas ela não o escutava e descia rapidamente a escada. Quando chegaram à rua, não encontraram veículo nenhum

e puseram-se a procurar, gritando pelos cocheteiros que viam passar à distância.

Desciam para as bandas do Sena, desesperados, tremendo de frio. Encontraram afinal, no cais, um desses velhos carros notívagos, que não são vistos em Paris senão à noite, como se se envergonhassem da sua miséria à luz do dia.

Esse velho carro os conduziu até a

casa, à rua dos Martires, onde eles chegaram tristemente. Para ela, tudo se acabara. E o marido pensava que tinha de estar no ministério às dez horas.

Matilde retirou, diante do espelho, o agasalho em que tinha envolvidas as espáduas, afim de se ver mais uma vez na plenitude de sua glória. Mas de repente soltou um grito: não tinha o

colar ao redor do pescoço.

Seu marido, já meio despido, perguntou:

— Que tens tu?

E ela, atabalhoadamente:

— Tenho... tenho... falta-me o colar da senhora Forestier.

Aproximou-se dela, estonteado:

(Continua na pág. 58)



SEAGERS
(DICA SIGA)
DESDE 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE



Faça Bolos!!!

...e a alegria reinará em seu lar!

É sabido que quase todo o mundo aprecia bolos... Quando eles chegam à mesa, os olhos se arregalam, a alegria invade a todos e está criado um irresistível ambiente de festa... Não se discute! Vale a pena fazer bolos. E não acha que, esperando esta ou aquela grande data, só serve para retardar momentos de alegria em seu lar? Para a garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mui e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases inebriam o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer os olhos correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

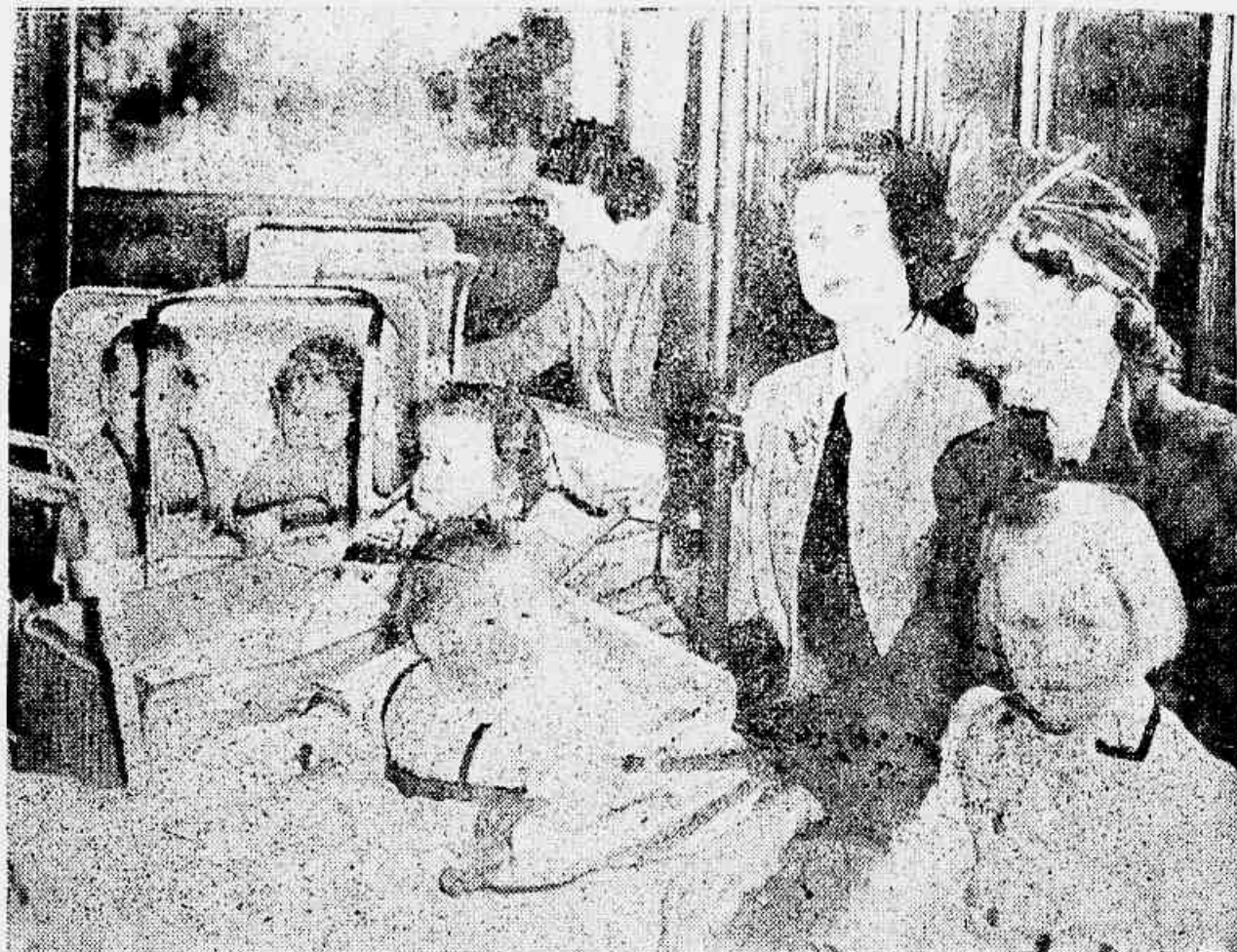
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



LYTOPHAN



O interior do curioso ônibus australiano.

UM AUTO-ÔNIBUS ÚNICO NO MUNDO

Próprio para conduzir carrinhos de crianças, é uma verdadeira benção para as mães

De L. KELLY.

Do "Australian Information Service", especial para REVISTA DA SEMANA.

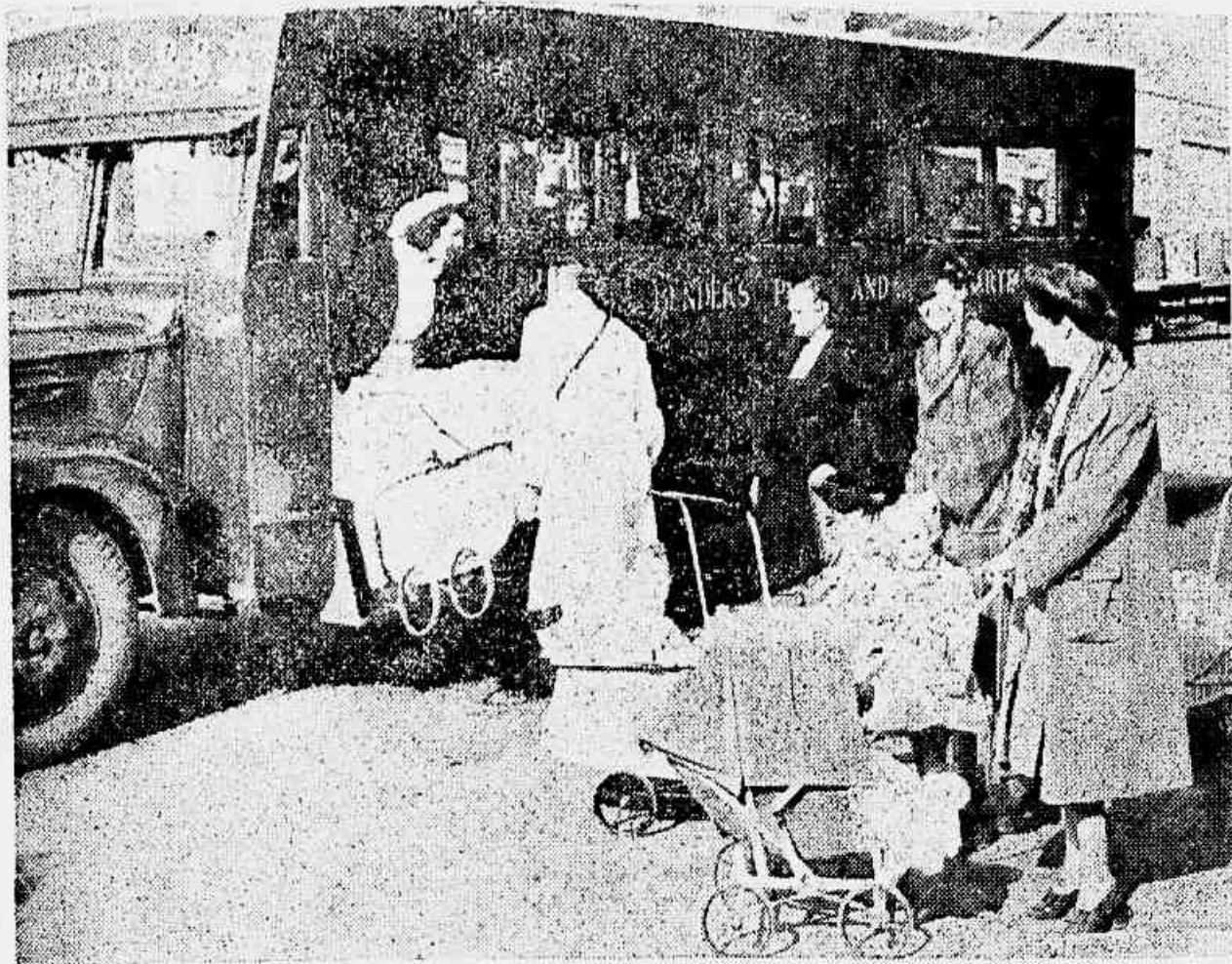
A AUSTRÁLIA não é, apenas, a terra dos cangurus. É uma nação progressista, na qual existe verdadeiro culto pelo criança. Na cidade de Geelong, no Estado de Vitória, foi lançado recentemente no tráfego um ônibus único no mundo, destinado às mães com seus bebês meninos que frequentam jardins de infância. Preparado para conduzir carrinhos de crianças, esse singular veículo foi posto em circulação por iniciativa da Sra. Bonnie Bender, dona de uma empresa de ônibus.

Especialmente construído e decorado com motivos apropriados, quando surgiu pela primeira vez, em outubro do ano passado, despertou amplo interesse por toda a Austrália, e desde então, pedidos de informações a respeito do mesmo, chegaram de muitos lugares. As mães dos subúrbios de Geelong não mais precisam cansar-se dentro ou fora da cidade, sob a chuva ou sob o sol, empurrando aborrecidamente os carrinhos com a sua prole.

Hoje, acompanhadas de seus filhinhos, podem viajar dentro e fora da cidade, muitas vezes por dia, se assim o quiserem. O ônibus especial vai buscá-las, trazendo em seu interior os carrinhos, berços, bebês e tudo mais, e depositando-os no centro comercial. Assim, os passeios para fazer compras, que anteriormente eram uma provação, constituem agora um prazer. Na decoração do ônibus verde se veem todas as figuras das histórias maravilhosas e tradicionais que as crianças adoram. Há lugares enfileirados ao longo das paredes do ônibus para as crianças de mais idade. Quando vão ou voltam

Detalhe da decoração do ônibus.





Mães em fila, à espera de serem embarcadas os seus carrinhos.

do jardim de infância, elas cantam as canções infantis para a ama sêca, que leva também consigo muitos presentes feitos nas compras, geralmente artigos de confeitaria.

A história desse ônibus especial remonta a uma tarde chuvosa, em outubro do ano passado, quando a Sra. Bender observou um grupo de mães regressando de um passeio para compras, e empurrando arduamente os carrinhos cheios de bebês e de embriuhos.

Ponderando sobre o problema, a Sra. Bender teve uma idéia, e ao regressar à sua companhia de ônibus começou a planejar o ônibus-berçário.

Resolveu ela empregar para esse mister um amplo e poderoso veículo que adquirira antes d'aquerra. Foi aberto um espaço suficiente para acomodar 15 carrinhos e 7 impulsores, juntamente com as mães e quaisquer crianças que as acompanham.

Mas isso não era o suficiente para um ônibus dessa natureza. As mães tinham de ser ajudadas a entrar e sair do veículo com os seus carinhos e filhos. As crianças que frequentam jardins de infância precisavam também de um certo cuidado.

Consequentemente, a Sra. Sherriff, até então datilógrafa no escritório da companhia, foi escolhida para a tarefa de ama sêca. Durante três semanas praticou ela na garagem fazendo os carrinhos serem levantados para entrar e sair do ônibus e estudando a melhor maneira de acomodá-los no interior do veículo.

O novo ônibus é agora um espetáculo familiar nas ruas de Geelong e foi aceito com todo o orgulho por seus habitantes. Mas nas suas primeiras exhibições ao público quase que causou tumultos. Quando ele parava com a sua carga de mães e de formosos bebês nos carrinhos, as pessoas nas ruas se amontavam como as multidões numa première.

O ônibus-berço especial faz oito viagens de três milhas diariamente de ida e volta para a cidade. As passagens custam oitenta centavos para adulto e oitenta centavos para o carrinho de mão. As crianças pagam trinta centavos por viagem. Sem os carrinhos, o ônibus pode conduzir quarenta e três passageiros. Somente vinte crianças utilizam o ônibus atualmente.

A Sra. Bender, que combina um esplêndido senso comercial com um generoso coração, mantém em funcionamento o seu "pramibus" com prejuízo em dinheiro. Ela faz que os seus outros ônibus paguem por esse serviço.

— "Não podemos passar toda a vida só ganhando", costuma dizer essa proprietária. — "Meu objetivo é tanto e dar ao público alguma coisa de volta, também".

Uma "nurse" especializada e o próprio chofer ajudam um carrinho de gêmeos a subir.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Ma

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

RS

APRESENTAÇÃO MUNDIAL DO FILME SELECIONADO PARA COMEMORAR O 30.º ANIVERSÁRIO DA PARAMOUNT NA AMÉRICA LATINA.



A
Paramount
apresenta:

Olivia DeHavilland

"Só Resta uma Lágrima"

com To Each His Own

MARY ANDERSON • ROLAND CULVER • VIRGINIA WELLES
PHILLIP TERRY • BILL GOODWIN apresentando JOHN LUND

uma produção de
MITCHELL LEISEN

Produção de CHARLES BRACKETT • Direção de MITCHELL LEISEN

4 DE OUTUBRO
SEXTA FEIRA

A enternecedora história
dos dois grandes amores de
cada mulher!

COMPLEMENTOS NACIONAIS

PLAZA-ASTORIA-OLINDA-RITZ
PARISIENSE-STAR-PRIMOR

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

VARIZES
E HEMORROIDAS
USE
Hemo-Virtus
LIQUIDO E POMADA

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fosse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.
Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR 88 - RIO DE JANEIRO

PÍLULAS
DE
BRISTOL
Vegetais e
açucaradas

Combatem suavemente
a preguiça intestinal.

CABELLOS
BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O ADEREÇO

(Continuação da pág. 57).

— Que?! Como?! Não é possível!

E puseram-se a procurar nas pregas do vestido, nas rugas do manto, nos bolsos, por toda a parte. Mas não o acharam.

— Estás certa de que ainda o tinhas quando saíste do baile? — disse Loisel.

— Sim; toquei-o no vestíbulo do Ministério.

— Mas, se o tivesses perdido na rua, tê-lo-íamos notado cair. Deve estar no carro.

— Sim. É provável. Tomaste-lhe o número?

— Não. E tu, tu não o viste?

— Não.

Contemplaram-se, aterrados. Loisel vestiu-se novamente.

— Vou refazer o trajeto que fizemos a pé — disse ele —, para ver se o encontro.

E saiu. Ela ficou com a "toilette" de baile, sem coragem para se deitar, abatida sobre uma cadeira, sem energia, sem pensamento.

Seu marido voltou pelas sete horas, nada tendo encontrado.

Dirigiu-se à polícia, aos jornais, prometendo gratificação, às companhias de pequenas carruagens, a toda a parte enfim onde houvesse um raio de esperança.

Ela esperou o dia inteiro, no mesmo estado de susto em que a deixara tão tremendo desastre.

Loisel voltou à noite, com o rosto cavado, pálido; nada tinha descoberto.

— Precisas — disse ele — escrever à tua amiga, dizendo-lhe que quebraste o fecho do colar e que o mandaste reparar. Isso nos dará tempo de continuar a procurá-lo.

E ela escreveu sob o ditado do marido.

★

Ao fim de uma semana, tinham perdido toda a esperança.

E Loisel, envelhecido cinco anos, declarou:

— É preciso tratar de substituir essa jóia.

No dia seguinte, tomaram o estojo que contivera o colar e dirigiram-se à casa do joalheiro, cujo nome se achava no interior do estojo. O negociante consultou os seus livros.

— Não fui eu, minha senhora, que vendi esta jóia; devo ter apenas fornecido o esboço.

Foram então, de joalheiro em joalheiro, procurando uma jóia igual à outra, consultando sua memória, doentes ambos de angústia e de desgosto.

Encontraram numa loja do Palais Royal um colar de diamantes, que lhes pareceu inteiramente igual àquele que procuravam. Tinha o preço de quarenta mil francos; davam-lho porém, por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que não o vendesse antes de três dias. E combinaram que ele o compraria novamente, por trinta e quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes dos fins de fevereiro.

Loisel possuía dezotto mil francos que seu pai lhe herdara. Tomaria emprestado o restante.

E tomou emprestados quinhentos francos a um, quinhentos francos a outro, cinco luzes aqui, três luzes acolá. Assinou letras, assumiu responsabilidades ruinosas, negociou com agiotas, com toda a espécie de onzenelros. Comprometeu-se para o resto dos seus dias, lançou a sua assinatura a torto e a direito, sem saber ao menos se poderia honrá-la e, horrorizado com as angústias do futuro, com a negra miséria que sobre si ia desabar, com a perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o novo colar, depondo sobre o balcão do joalheiro os trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel devolveu o colar à senhora Forestier, esta disse-lhe secamente:

— Bem podias ter-mo trazido mais cedo, pois eu poderia ter precisado dele.

— Mas não abriu o estojo, como Matilde temia. Se desse pela substituição, que pensaria? Que diria? Não a tomaria por uma ladra?

★

A senhora Loisel conheceu então a vida dos necessitados. Tomou, porém, o seu partido heróicamente, sem titubear. Era preciso pagar aquela dívida espantosa. Ela o pagaria. Despediu a criada. Mudaram de casa; alugaram uma mansarda, junto ao telhado.

E Matilde conheceu os pesados trabalhos da casa, as odiosas tarefas da cozinha. Lavava a louça, estragando as suas unhas roseas nas terrinas engorduradas e no fundo das caçarolas. Ensaboava a roupa suja, as camisas e os guardanapos, que punha a enxugar numa corda. Todas as manhãs ia levar o lixo à porta e subia carregando água, parando em cada patamar para respirar. E, vestida como uma mulher do povo, ia à quitanda de hortaliças, ao armazém, ao açougue, de cesto no braço, regateando os preços e sendo injuriada, defendendo vintem a vintem o seu miserável dinheiro.

Todos os meses precisavam pagar letras, renovar outras, obter reformas.

O marido trabalhava à tarde, fazendo a escrituração de um negociante e muitas vezes, à noite, fazia cópias a cinco vintens à página. E a vida assim durou dez anos.

Ao fim desse tempo, tinham pago tudo, tudo, com as taxas da usura e com os juros capitalizados.

A senhora Loisel parecia então uma velha. Tornara-se a mulher forte, rija e rude das famílias pobres. Mal penteada, com as saias mal postas e as mãos avermelhadas, lavava rudemente o soalho.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

Da Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
À VENDA EM TODA A PARTE

Mas, por vezes, quando o marido estava na repartição, ela sentava-se à janela e recordava-se daquele sarau de outrora, daquele baile onde estivera tão linda e tão festejada.

Que lhe teria acontecido se não tivesse perdido aquele colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é singular e variável! Como qualquer coisa basta para nos perder ou para nos salvar!

Ora, um domingo, como ela fosse dar uma volta pelos Campos Elísios, para se distrair dos trabalhos da semana, viu de repente uma mulher que passeava com um menino. Era a senhora Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

A senhora Loisel sentiu-se comovida. Devia falar-lhe? Sim, de certo. E agora que tudo havia pago, contar-lhe-a tudo. Por que não?

Aproximou-se.

— Bom dia, Joana.

A outra, não a reconhecendo, mostrou-se admirada de ser tratada tão familiarmente por aquela burguesa. E balbuciou:

— Mas, minha senhora... eu não sei... a senhora deve estar enganada.

— Não. Eu sou Matilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh! minha pobre Matilde, como estás mudada!

— Sim, tenho passado dias bem amargos, desde que nos deixamos de ver, muitas misérias... e tudo por tua causa.

— Por minha causa? como assim?

— Recordas-te do colar de diamantes que me emprestaste para ir à festa do Ministério?

— Sim, e então?

— Pois eu o perdi.

— Como? pois se tu me devolveste?

— Devolvi outro igual. E há dez anos que nós o pagamos. Compreendes bem que isso não nos foi fácil, pois nada tinhamos... Enfim, tudo está liquidado e eu me sinto rijamente contente.

A senhora Forestier estava interdita:

— Dizes que compraste um colar de diamantes para substituir o meu?

— Sim. E tu não deste por isso, hein? Eles eram bem iguais.

E a senhora Loisel sorria com orgulhosa e ingênua alegria.

A senhora Forestier, muito comovida, tomou-lhe as duas mãos:

— Oh! minha pobre Matilde! Mas o meu colar era falso. Valia no máximo quinhentos francos!

Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Estampamos nesta página um sugestivo modelo de quarto de dormir, próprio para um grande palacete. Cômoda, penteadeira, mesinhas de cabeceira, cama, guarda-casaca e outro armário aparecem neste luxuoso e elegante dormitório. Os móveis são todos trabalhados em madeira folheada com finos appliques, esculpturados em estilo.

Dormitório "Queen Anne"

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

ELMO

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

